A OUTRA MARGEM DO CAMINHO

Entrevistas realizadas na India, Califórnia e Europa

KRISHNAMURTI

Titulo do original:

THE ONLY REVOLUTION

ÍNDICE

EUROPA

ÍNDIA

1. A BÊNÇÃO DO AMOR

MEDITAÇÃO não é fuga ao mundo; não é atividade egocêntrica, isolante, porém, antes, a compreensão do mundo e seus usos. Pouco tem o mundo para oferecer, além de alimento, roupa e morada, e do prazer com seu séqüito de aflições.

A meditação é um movimento para fora deste mundo; pois temos de ficar fora dele. Então, o mundo tem significação e é constante a beleza do céu e da terra. Então, o amor não é prazer. Daí nasce uma ação que não é resultado de tensão, de contradição, da busca de preenchimento, ou da arrogância do poder.

Nosso quarto dominava o jardim e, trinta ou quarenta pés abaixo, estendia-se o largo rio, sagrado para alguns, mas para outros uma bela extensão de água, aberta aos céus e à glória da alvorada. A outra margem era sempre visível, com sua aldeia e suas árvores copadas e o recém-plantado trigal de inverno(1). Do quarto via-se a estrela matutina e o Sol elevar-se lentamente acima das árvores; e o rio estendia uma senda de ouro para o Sol.

De noite o quarto era muito escuro e a larga janela mostrava todo o céu do sul. Nesse quarto, certa noite, entrou, com muito alvoroço - uma ave. Acendendo a luz e saltando ao chão, vimo-la debaixo da cama. Uma coruja. Media cerca de um pé e meio de altura, tinha olhos enormes e um bico temível. Ficamo-nos fitando, bem perto um do outro, a poucos pés de distância. Assustava-a a luz e a proximidade de um ser humano. Assim estivemos largo tempo, a encarar-nos sem pestanejar e nem uma só vez ela perdeu a sua altivez e sua selvagem dignidade. Viam-se-lhe as garras cruéis, as leves penas e as asas, apertadas contra o corpo. Tínhamos vontade de tocá-la, de afagá-la, mas isso de modo nenhum ela permitiria. Assim, pouco depois, apagamos a luz e por alguns momentos houve silêncio no quarto. Passados alguns instantes, um bater de asas - sentimos o ar contra o rosto - e a coruja saiu pela janela. Não voltou mais.

Era um templo muito antigo; dizia-se que devia ter mais de três mil anos, mas sabe-se como o povo exagera. Sem embargo, ele era velho; fora templo budista e cerca de sete séculos atrás tornara-se templo hinduísta, sendo o Buda substituído por um ídolo hinduísta. Dentro era muito escuro e a atmosfera misteriosa. Havia pórticos com colunatas, longos corredores belamente entalhados, e sentia-se um cheiro de morcegos e de incenso.

Os devotos, recém-banhados, vinham entrando, de mãos postas, e circulavam por esses corredores, prostrando-se toda vez que passavam diante da imagem, vestida de sedas brilhantes. Um sacerdote cantava no santuário e era agradável ouvir o sânscrito bem pronunciado. Cantava sem pressa, e as palavras vinham, claras e graciosas, das profundezas do templo. Havia crianças, mulheres idosas e homens moços. Os homens que exerciam profissões tinham guardado suas calças e casacos europeus e vestido dhotis, e ali estavam de mãos postas e ombros nus, com muita devoção, sentados ou de pé.

E havia um poço cheio de água - um poço sagrado - com um grande número de degraus que a ele desciam e, em torno dele, colunas de rocha esculpida. Entramos no templo, deixando a rua cheia de poeira e de barulho, batida por um Sol brilhante e causticante e ali havia muita sombra e paz. Não se viam círios, nem pessoas ajoelhadas, porém apenas os que tinham feito a romaria em torno do santuário, a mover silenciosamente os lábios, em oração.

Naquela tarde veio visitar-nos um homem. Disse-nos ser crente do vedismo. Falava muito bem inglês, educado que fora em uma de nossas universidades, e tinha um intelecto brilhante, arguto. Advogado, ganhava muito dinheiro e seus olhos penetrantes nos olhavam especulativamente, estimativamente, e com certa ansiedade. Parecia ter lido muito, inclusive alguma coisa da teologia ocidental. Homem de meia idade, um pouco magro, alto, com a dignidade do advogado ganhador de muitas causas.

Disse: "Ouvi-vos falar, e o que dizeis é puro vedismo, modernizado, mas da velha tradição". Perguntamos-lhe o que entendia por vedismo. Respondeu: "Senhor, nós cremos que só existe Brahma, que cria o mundo e sua ilusão; e o Atman - que habita todo ser humano - pertence àquele Brahma. O homem deve despertar dessa consciência cotidiana da pluralidade e do mundo manifesto, assim como se desperta de um sonho. Tal como o sonhador cria a totalidade do seu sonho, assim a consciência individual cria a totalidade do mundo manifesto e das outras pessoas. Vós, senhor, não dizeis tudo isso, mas decerto o tendes em mente, porque nascestes e fostes criado neste país e, embora tenhais passado a maior parte de vossa vida no estrangeiro, sois uma parte desta antiga tradição. A índia vos produziu, quer vos agrade, quer não; sois produto da Índia e tendes mentalidade indiana. Vossos gestos, vossa imobilidade de estátua, quando falais, todo o vosso aspecto participa desta velha herança. Vosso ensino é decerto a continuação de tudo o que os nossos antepassados ensinaram, desde há tempos imemoriais".

Deixemos de parte esta questão, se este que está falando é um indiano criado nesta tradição, condicionado nesta cultura, se representa uma síntese do antigo ensino. Em primeiro lugar, ele não é hindu, isto é, não pertence a esta nação ou à comunidade dos brâmanes, embora nela nascido. Rejeita toda essa tradição de que o estais revestindo. Nega que seu ensino seja a continuação dos ensinos antigos. Não leu nenhum dos livros sagrados da Índia ou do Ocidente, porque eles são desnecessários ao homem que vê claramente o que se está passando no mundo - o comportamento dos entes humanos, suas intermináveis teorias, a propaganda, aceita sem protesto, de dois ou cinco mil anos, a qual se tornou a tradição, a verdade, a revelação.

Para esse homem que total e completamente rejeita a palavra, o símbolo e sua influência condicionadora, a Verdade não é uma coisa de segunda mão. Se o tivésseis escutado realmente, senhor, saberíeis que desde o começo ele tem dito que a aceitação da autoridade é a negação mesma da Verdade, e tem repisado que devemos ficar fora de toda cultura, tradição e moralidade social. Se o tivésseis escutado, não diríeis que ele é um indiano ou que está continuando a tradição antiga, traduzida em linguagem

moderna. Ele rejeita totalmente o passado, seus instrutores, seus intérpretes, suas teorias e fórmulas.

A Verdade nunca está no passado. A verdade do passado são as cinzas da memória; a memória pertence ao tempo, e nas cinzas frias de ontem não se encontra a Verdade. A Verdade é uma coisa viva, não contida na esfera do tempo.

E agora, varrido tudo isso, podemos considerar a questão central do Brahma em que credes. Positivamente, senhor, a própria asserção dessa crença é uma teoria inventada por um espírito imaginativo - seja Shankara, seja o moderno e douto teólogo. Podeis "experimentar" uma teoria e dizer que, deveras, assim é; mas isso é ser como um homem criado e condicionado num mundo católico e que tem visões do Cristo. Tais visões, é óbvio, são a projeção de seu próprio condicionamento, e os que foram criados na tradição de Krishna têm experiências e visões oriundas de sua cultura. A experiência, por conseguinte, não prova nada. Reconhecer a visão como sendo de Krishna ou de Cristo é o resultado de conhecimento condicionado; tal visão, portanto, não é real, em absoluto, porém uma fantasia, um mito robustecido pela experiência e totalmente nulo. Porque necessitais de alguma teoria e porque aceitais alguma crença? Essa constante asserção de crença é sinal de medo - medo da vida de cada dia, medo do sofrimento, medo da morte e da total sem significação da vida. Por conseguinte, inventa-se uma teoria, e quanto mais sutil e erudita essa teoria, mais peso tem. E após dois ou dez mil anos de propaganda, ela se torna, invariável e irracionalmente, "a verdade".

Mas, se não aceitais nenhum dogma, vos vedes então frente a frente com o que realmente é. Esse "o que é" é pensamento, prazer, sofrimento, e o medo da morte. Compreendendo a estrutura de vosso viver diário - com sua competição, avidez, ambição e busca do poder - vereis não só a absurdeza das teorias, salvadores e gurus, mas também encontrareis a terminação do sofrimento, a terminação de toda a estrutura construída pelo pensamento.

A penetração e compreensão dessa estrutura é meditação. Vereis então que o mundo não é uma ilusão, mas uma terrível realidade que o homem, nas relações com seus semelhantes, construiu. Isso é que se precisa compreender e não essas teorias extraídas do vedismo, com os rituais e todo o aparato da religião organizada.

Quando o homem, sem nenhum motivo, é livre de medo, inveja ou sofrimento, só então a mente está naturalmente em paz e tranqüila. Pode então não só ver a verdade na vida diária, de momento em momento, mas também transcender toda a percepção; por conseguinte, termina o observador e a coisa observada, cessa a dualidade.

Mas, além de tudo isso, e sem relação com essa luta, essa vaidade e esse desespero - e isto não é uma teoria - existe uma corrente sem começo nem fim; um movimento imensurável que a mente jamais pode apreender.

Ouvindo isto, senhor, ireis certamente construir uma teoria, e se gostardes dessa nova teoria, tratareis de propagá-la. Mas o que se propaga nunca é a Verdade. Só existe a Verdade quando estais livre da dor, da ansiedade, da agressividade que ora vos enchem a mente e o coração. Ao perceberdes tudo isso e alcançardes aquela bênção chamada amor, conhecereis então a verdade do que se está dizendo.

(1**)**Winter wheat: trigo que cresce durante o inverno - plantado no outono e colhido na primavera. (N. do T.).

2. A VERDADE ESTÁ ONDE NUNCA A PROCURAMOS

OIMPORTANTE na meditação é o estado da mente e do coração. Não é o que alcançais ou dizeis alcançar, mas o estado da mente que é inocente e vulnerável. Pela negação encontra-se o estado positivo. O mero esforço para juntar experiência ou nela viver, nega a pureza da meditação. A meditação não é um meio que leva a um fim. Ela é meio e fim. Mediante a experiência a mente nunca se tomará inocente. A negação da experiência é que faz nascer o estado positivo da inocência, que não pode ser cultivado pelo pensamento. O pensamento nunca é inocente. A meditação é a terminação do pensamento, mas não por parte do meditador, porque o meditador é a meditação. Sem a meditação, sois como um homem cego num mundo cheio de beleza, de luz e de cores.

Caminhai pela praia e deixai vir a vós o estado meditativo. Se ele vier, não o cultiveis. O que se cultiva se tornará a memória do que foi, e o que foi é a morte do que é. Ou, ao perambulardes pelos montes, deixai que tudo vos fale da beleza e da dor da vida, de modo que possais despertar para vosso próprio sofrimento e sua terminação. A meditação é raiz, planta, flor e fruto. São as palavras que separam o fruto, a flor, a planta e a raiz. Nesse estado de separação, a ação não cria bondade; virtude é percebimento total.

Era uma estrada longa e sombreada, arborizada de ambos os lados - uma estrada estreita que coleava através dos verdes e luzentes trigais, já a amadurecer. O Sol fazia sombras fortes,e as aldeias existentes em ambos os lados da estrada eram sujas, mal conservadas, flageladas pela pobreza. As pessoas de mais idade tinham o aspecto doente e triste, mas as crianças gritavam e brincavam na estrada, atirando pedras nas aves pousadas no alto das árvores. Naquela fresca e deliciosa manhã vinha dos montes uma amena viração.

Os papagaios e os mynahs (1) faziam naquela manhã muita algazarra. Os papagaios mal se podiam ver entre as folhas verdes das árvores; nos tamarindeiros eles tinham buracos, que eram suas moradas. Seu vôo em ziguezague era sempre cheio de gritos rouquenhos. Os mynahs, bastante mansos, andavam pelo chão. Deixavam a gente chegar bem perto deles, e só então alçavam vôo. O dourado papa-moscas, de plumagem auriverde, estava pousado nos fios, do outro lado da estrada. Era uma bela manhã, e o Sol ainda não tinha esquentado demais. Pairava no ar uma bênção e a paz que precede o despertar do homem.

Por aquela estrada ia passando um veículo puxado por um cavalo, de duas rodas e um tablado com quatro varas e uma coberta de lona. Nele, atravessado entre as rodas e envolto num pano branco e vermelho, era conduzido um morto para ser incinerado à margem do rio. Ao lado do cocheiro, estava sentado um homem, um parente talvez, e o corpo ia aos sacolejos, por aquela estrada nada suave. Vinham de bem longe, pois o cavalo estava banhado em suor; o corpo percorrera toda aquela distância, às sacudidelas, e já devia estar completamente hirto.

O homem que nos visitou mais tarde, naquele dia, disse ser instrutor de artilharia na marinha. Veio com a mulher e dois filhos e parecia muito sisudo. Após as saudações, disse que desejava encontrar Deus. Não articulava bem as palavras, talvez por timidez. As mãos e o rosto revelavam habilidade, mas notava-se uma certa dureza na voz e no olhar pois, afinal de contas, ele era um instrutor de métodos de matar. Deus parecia estar tão remoto de suas atividades cotidianas! Até parecia sobrenatural: ali estava um homem que se dizia seriamente empenhado na busca de Deus e, entretanto, para ganhar o sustento, era forçado a ensinar aos outros a arte de matar.

Disse ser religioso e haver percorrido muitas das diferentes escolas desses homens chamados santos. Estava insatisfeito com todos e agora fizera uma longa viagem, de trem e de ônibus, a fim de avistar-se conosco, pois desejava saber como atingir aquele mundo maravilhoso que os homens e os santos sempre procuraram. A mulher e os filhos mantinham-se sentados, muito calados e respeitosos; e, do lado de fora, num galho pertinho da janela, estava pousada uma rola marrom-claro, a arrulhar baixinho para si mesma. Nem sequer uma olhada o homem lhe deu, e as crianças e a mãe continuavam sentadas, muito eretas, nervosas e sem sorrir.

Não se pode achar Deus; não há caminho para Ele. O homem inventou muitos caminhos, muitas religiões, muitas crenças, salvadores e instrutores, que crê o ajudarão a achar a felicidade eterna. O lamentável da busca é que ela conduz a uma certa fantasia mental, uma certa visão que a mente projetou e mediu pelas coisas conhecidas. O amor que ele busca é destruído por sua maneira de vida. Não se pode ter um fuzil numa mão e Deus na outra. Deus se tornou apenas um símbolo, uma palavra que, com efeito, perdeu sua significação, porque as igrejas e os lugares de devoção a destruíram. Naturalmente, se não credes em Deus, sois igual ao crente; ambos sofreis e estais sujeitos às aflições de uma vida curta e vã; e as amarguras de cada dia tornam a vida uma coisa sem significação. A Realidade não se encontra no fim da corrente do pensamento, e o coração vazio se enche com as palavras do pensamento. Tornamo-nos muito aptos, inventamos novas filosofias e depois sofremos a amargura de vê-Ias fracassar. Inventamos teorias de como alcançar a realidade final, e o devoto vai ao templo e se perde no meio das imaginações de sua própria mente. O monge e o santo não encontram aquela realidade, porque ambos pertencem a uma tradição, a uma cultura que os aceita como santos e monges.

A pomba rola foi-se, a voar, e a beleza da montanha de nuvens paira sobre a região - e a Verdade está onde nunca a procuramos.

(1**)**Mynah : pássaro do sudeste da Ásia. (N. do T.)

3. VEDE A BELEZA DAQUELA FLOR !

ERA UM antigo jardim mongol, com muitas e belas árvores Nele havia grandes monumentos, de interior escuro, com sepulcros de mármore. As chuvas e as intempéries tinham escurecido as pedras e tornado as cúpulas mais escuras ainda. Centenas de pombos pousavam nessas cúpulas, disputando lugares com os corvos. Na parte mais baixa das cúpulas instalavam-se os papagaios, que chegavam em grupos, de todos os lados. Havia gramados bonitos, bem aparados e regados. Um sítio tranqüilo, e era de admirar não estar cheio de gente. Em certas tardes, a criadagem das redondezas vinha, de bicicleta, reunir-se sobre um dos gramados, para jogar cartas. Era um jogo que eles entendiam, mas sem pé nem cabeça para um observador de fora. Bandos de crianças brincavam na grama de outra tumba.

Um túmulo havia, majestoso, com grandes arcos bem proporcionados, e atrás dele, um muro irregular, quase enegrecido pelo Sol e a chuva. Um aviso vedava colher flores, mas ninguém parecia dar-lhe muita atenção, pois colhiam-se flores ainda assim.

Havia uma alameda de eucaliptos e, atrás dela, um jardim de rosas, cercado de um muro a desmoronar-se. Este jardim, com rosas magníficas, era bem cuidado e belo, a grama sempre verde e bem aparada. Aparentemente, poucas pessoas entravam nele, e ali a gente podia passear a sós, vendo o Sol deitar-se atrás das árvores e da cúpula do sepulcro. Principalmente à tarde, com longas e densas sombras, aquele jardim era cheio de paz, longe do barulho da cidade, da pobreza, e da brutalidade dos ricos. Ciganos arrancavam da relva as ervas daninhas. Um lugar positivamente belo, que o homem, pouco a pouco, estava a estragar.

Num canto remoto da relva, sentado de pernas cruzadas, estava um homem, a bicicleta ao lado. Tinha os olhos fechados e os lábios se moviam . Naquela posição ficou mais de meia hora, completamente alheado do mundo, dos passantes, dos guinchos dos papagaios. O corpo completamente imóvel, tinha nas mãos um rosário, coberto com um pedaço de pano. Os dedos executavam o único movimento visível, afora os lábios. Vinha diariamente, à tardinha, talvez após o seu dia de trabalho. Aquele homem um tanto pobre, regularmente nutrido, vinha todas as tardes para aquele mesmo canto, onde ficava inteiramente absorto. Se se lhe perguntasse o que estava fazendo, responderia que estava meditando, recitando uma certa oração ou mantra. Aquilo lhe bastava, proporcionando-lhe alívio da diária monotonia da vida. Estava só, sobre a grama, e atrás dele um jasmineiro em flor. Um grande número de flores jazia no chão. A beleza daquela hora o rodeava, mas ele era cego para ela, porque estava todo absorto na beleza por ele mesmo criada.

Meditação não é a repetição da palavra, nem o experimentar de uma visão, nem cultivo do silêncio. A conta do rosário e a palavra podem de fato quietar a mente palreira, mas isso é uma forma de auto-hipnose. O mesmo efeito se obteria com uma pílula.

Meditação não significa absorver-se num padrão de pensamento, no encantamento do prazer. A meditação é sem começo e, por conseguinte, sem fim.

Se dizeis: "Começarei hoje a controlar os meus pensamentos, imobilizando-me na postura meditativa, respirando ritmadamente" - nesse caso estais todo entregue aos artifícios com que um homem engana a si próprio. Meditação não é absorver-se em alguma grandiosa idéia ou imagem: isso só dá uma quietação momentânea, como a da criança absorvida num brinquedo; tão logo o brinquedo deixa de ser interessante, recomeçam a inquietação e as diabruras. Meditação não é seguir uma senda invisível, conducente a um estado imaginário de bem-aventurança. No estado de meditação, a mente está vendo - observando, escutando, sem a palavra, sem comentário, sem opinião - atenta ao movimento da vida em todas as suas relações, do começo ao fim do dia. E à noite, quando o organismo descansa, a mente meditadora não tem sonhos, porque esteve desperta todo o dia. Só os indolentes tem sonhos; só os que andam semi-adormecidos precisam de ser advertidos de seus próprios estados. Mas a mente que está vigilante, escutando o movimento da vida - o externo e o interno - a essa mente vem um silêncio não fabricado pelo pensamento.

É um silêncio que o observador não pode experimentar. Se o experimenta e reconhece, isso já não é silêncio. O silêncio da mente que medita não se encontra entre os limites do reconhecimento, porque é um silêncio sem fronteiras.

Os montes estavam sendo conquistados pelas nuvens e a chuva tornava luzentes as rochas, os grandes blocos de granito neles espalhados. Havia uns leves de preto no granito pardo e, naquela manhã, a chuva lavava aquela rocha escura de basalto, tornando-a mais escura ainda.

As lagoas se enchiam, e as rãs emitiam sons guturais, profundos. Um bando de papagaios voltava dos campos em busca de abrigo, e os macacos trepavam pelas árvores, e a terra vermelha ia ficando mais escura.

Há um silêncio peculiar quando está chovendo, e naquela manhã todos os barulhos do vale pareciam suspensos - os barulhos da fazenda, do trator, do rachar da lenha. Só se ouviam os pingos que caíam do telhado e o gorgolejar das calhas.

Coisa maravilhosa o sentir a chuva cair sobre o corpo, molhando-nos até à pele, e ver a terra e as árvores a recebê-la jubilosamente; pois estivera longo tempo sem chover e agora se fechavam as rachaduras da terra. Silenciara-se com a chuva a algazarra da passarada; nuvens escuras, carregadas, vinham do este, e o vento as impelia para o oeste; elas invadiam os montes, e o cheiro de terra se espalhava por todos os cantos. Choveu o dia todo.

E, no silêncio da noite, as corujas gritavam umas para as outras, por sobre o vale.

Ele era professor primário, brâmane, e trajava dhoti limpo. Tinha os pés descalços e vestia uma camisa ocidental. Asseado, olhos penetrantes, maneiras aparentemente suaves, cumprimentou-nos com mostras de humildade. De estatura mediana, falava bem inglês, pois lecionava esse idioma na cidade. Disse ganhar pouco e, como todos os professores do mundo, achava difícil viver de seu ordenado. Era casado, naturalmente, e tinha filhos, mas parecia despreocupado a esse respeito, como se fosse coisa completamente sem importância. Um homem orgulhoso, daquele orgulho peculiar que não vem do sucesso, que não é o orgulho dos bem-nascidos ou dos ricos: o orgulho de uma raça antiga, do representante de uma velha tradição e sistema de pensamento e de moral - o que, em verdade, nada, absolutamente, tinha que ver com o que ele realmente era. Seu orgulho estava no passado que ele representava, e seu desprezo das complicações da vida presente era o gesto de um homem que as considera inevitáveis, se bem completamente desnecessárias. Tinha a dicção do sul, dura e alta. Disse ter ouvido as nossas palestras, debaixo das árvores, durante muitos anos. Com efeito, ainda rapazola, aluno do colégio, o pai o trazia para ouvi-las. Mais tarde, depois de arranjar seu atual e mísero emprego, continuou a vir todos os anos.

"Há muitos anos vos ouço. Talvez eu compreenda intelectualmente o que dizeis, mas parece que a coisa não penetra muito profundamente. Gosto do ambiente em que pregais, sob as árvores, e olho para o pôr do Sol quando para ele chamais a atenção como freqüentemente fazeis em vossas palestras - mas não sou capaz de senti-lo, não sou capaz de sentir a folha e de sentir a dança alegre das sombras no chão. Efetivamente, não tenho nenhuma sensibilidade. Li muito, naturalmente, tanto da literatura inglesa como da nacional. Sei declamar poesias, mas a beleza existente além das palavras sempre me fugiu. Estou a tornar-me mais duro, não só com minha mulher e meus filhos, mas também com todos. Na escola estou gritando mais. Não sei porque perdi o deleite do Sol poente se alguma vez o tive! Não sei porque já não sou sensível aos males existentes no mundo. Parece que tudo vejo intelectualmente, e sou capaz de argumentar bem - pelo menos penso que sou - com quase qualquer um. Ora, porque essa separação entre o intelecto e o coração? Porque perdi o amor e o sentimento de genuína piedade e afeição?"

Olhai aquela buganvília. Podeis vê-Ia realmente? Podeis ver sua transparência, suas cores, sua forma e "qualidade"?

"Eu a olho, mas para mim ela nada significa. E como eu há milhões. Assim, torno a perguntar: Porque existe essa separação entre o intelecto e o sentimento?"

Será porque fomos educados incorretamente, cuidando apenas de cultivar a memória e, desde a mais tenra infância, nunca nos mostraram uma árvore, uma flor, uma ave, uma extensão de água? Será porque tornamos nossa vida mecânica? Ou por causa do excesso de população? - para cada emprego milhares de candidatos. Ou por causa do orgulho - orgulho de nossa competência, orgulho da raça, orgulho de nossos pensamentos sutis? Achais que é por isso?

"Se me estais perguntando se sou orgulhoso - sim, sou orgulhoso."

Mas esta é apenas uma das reações do predomínio do chamado intelecto. - Será porque as palavras assumiram toda a importância, e não aquilo que está acima e além da palavra? Ou porque vos vedes contrariado, inibido de diferentes maneiras, talvez sem terdes nenhuma consciência disso? No mundo moderno adora-se o intelecto e quanto mais engenhosa e sagaz a pessoa, mais progride.

"Talvez selam todas essas coisas juntas, mas têm elas alguma importância? Naturalmente, podemos prosseguir infinitamente, analisando, descrevendo a causa, mas com isso se desfaz a separação, entre a mente e o coração? É isso o que quero saber. Li alguns livros psicológicos e nossa própria literatura antiga, mas nada disso me entusiasma, e eis porque vim ter convosco, talvez tarde demais para mim."

Achais mesmo muito importante que a mente e o coração se unam? Não estais muito satisfeito com vossas aptidões intelectuais? Não será meramente acadêmica a vossa pergunta sobre como unir a mente e o coração? Porque procurar uni-los? Essa preocupação é ainda do intelecto e não oriunda de um interesse real na deterioração de vossa sensibilidade, que faz parte de vós. Dividistes a vida em intelecto e coração; intelectualmente observais o emurchecer do coração e, verbalmente, vos preocupais com isso. Deixai-o murchar! Vivei somente na esfera do intelecto. Isso é possível?

"Eu tenho sentimentos."

Mas, não são esses sentimentos, em verdade, sentimentalismo, complacência com vós mesmo? Não é disso que estamos falando, decerto. Estamos dizendo: Ficai morto para o amor; ele é sem importância. Vivei inteiramente na esfera do vosso intelecto, das manipulações verbais, dos sutis argumentos. E quando aí se vive, realmente, que acontece? Aquilo a que vos opondes é a periculosidade do intelecto, que endeusais. Essa periculosidade cria uma multidão de problemas. Vedes provavelmente os efeitos das atividades intelectuais, no mundo - as guerras, a competição, a arrogância do poder - e talvez tenhais medo do que está para acontecer, medo da situação irremediável, do desespero do homem. Enquanto existir essa divisão entre os sentimentos e o intelecto - um a dominar o outro - um destruirá o outro, inevitavelmente; não há possibilidade de uni-los. Podeis ter ouvido anos seguidos as nossas palestras e talvez tenhais despendido grandes esforços para unir a mente e o coração, mas tal esforço vem da mente e, portanto, domina o coração. O amor não pertence a nenhum dos dois, porque o amor não é de natureza dominadora. Não é uma coisa fabricada pelo pensamento ou pelo sentimento. Não é uma palavra do intelecto ou uma reação dos sentidos. Dizeis: "Eu preciso ter amor, e para tê-lo devo cultivar o coração" - mas esse cultivo é feito pela mente, e dessa maneira mantendes ambos sempre separados; eles não podem ser unidos para fins utilitários. O amor está no começo e não no fim de algum esforço.

"Então, que posso fazer?"

Seus olhos agora se tornavam mais brilhantes, um movimento lhe percorria o corpo. Olhava pela janela e, lentamente, começava a inflamar-se.

Não podeis fazer nada. Ficai de fora! E escutai; vede a beleza daquela flor!

4. NÃO HÁ NADA PERMANENTE SOBRE A TERRA

MEDITAÇÃO é a revelação do novo. O novo está além e acima do passado, que incessantemente se repete; a meditação é o fim dessa repetição. A morte que a meditação faz vir é a imortalidade do novo. O novo não se acha na esfera do pensamento, e a meditação é o silêncio do pensamento. Meditação não é uma coisa que se alcança com esforço, não é captação de uma visão, nem excitação dos sentidos. Qual o rio, ela é indomável, rápida, inundando as suas margens. É música sem som; não pode ser amansada e utilizada. É o silêncio no qual o observador deixou de existir desde o começo.

O Sol ainda não era nado; por entre as árvores via-se a estrela matutina. Predominava um silêncio maravilhoso. Não o silêncio existente entre dois barulhos ou entre duas notas, mas silêncio completamente sem causa, o silêncio que devia existir no início do mundo. Esse silêncio enchia completamente o vale e os montes.

As duas grandes corujas, gritando uma para a outra, em nada perturbavam esse silêncio, e um cão que ao longe ladrava para a Lua, ainda no céu, fazia parte daquela imensidão. O orvalho era abundante e, quando o Sol apareceu detrás do monte, tornou-se multicolor, resplandecendo com os primeiros raios solares.

As folhas delicadas do jacarandá estavam pejadas de orvalho, e as aves vinham tomar o seu banho matutino, agitando as asas para que o orvalho que cobria aquelas folhas delicadas lhes penetrasse entre as penas. Os corvos eram os mais persistentes; saltavam

de ramo em ramo, metendo a cabeça entre as folhas, agitando as asas, e compondo as penas. Alguns deles pousavam naquele galho grosso, e havia muitos outros pássaros, espalhados por toda a árvore, tomando o seu banho matinal.

E o silêncio se estendia e parecia ultrapassar os montes. Ouviam-se os costumeiros barulhos, gritos de crianças, e risos; a fazenda começava a despertar.

O dia ia ser frio, e os montes recebiam agora a luz do Sol. Montes muito velhos - provavelmente os mais velhos do mundo - com rochas de formas fantásticas, que pareciam ter sido caprichosamente esculpidas e equilibradas umas sobre as outras; mas não havia vento nem choque capaz de desfazer aquele equilíbrio.

Situava-se aquele vale muito longe das cidades, e a estrada que o percorria levava a outra aldeia. Na áspera estrada não havia carros nem ônibus a perturbar a paz milenar daquele vale. Viam-se carros de bois, mas o movimento deles fazia parte dos montes. Havia o leito seco de um rio por onde só corria água após pesados aguaceiros, e sua cor era uma mistura de vermelho, amarelo e marrom; também ele parecia mover-se com os montes. E os aldeões que passavam em silêncio semelhavam as rochas.

O dia foi passando e, ao fim da tarde, no pôr do Sol atrás dos montes, ao oeste, o silêncio veio vindo, de longe, por sobre os montes, através dos arvoredos, envolvendo as pequenas moitas e o velho banyan. E ao começarem a luzir as estrelas, o silêncio foi crescendo em intensidade, a ponto de se tornar quase intolerável.

Apagaram-se as lamparinas da aldeia e, quando tudo dormia, a intensidade daquele silêncio se tornou mais profunda, mais ampla, e incrivelmente opressiva. Os próprios montes se tornaram mais quietos, pois também eles tinham cessado seus sussurros, seu movimento, e pareciam ter-se tornado imponderáveis.

Contava, disse ela, quarenta e cinco anos, estava vestida a capricho, com um sari, e ornada de braceletes. O senhor mais idoso que a acompanhava disse ser seu tio. Sentamo-nos todos no chão, de onde se via um grande jardim com um banyan, umas poucas mangueiras, as vivas buganvílias e as palmeiras novas. Ela se mostrava tristíssima. As mãos se moviam incessantemente e ela estava tentando conter-se, para não prorromper em palavras e talvez em lágrimas. O tio disse: "Vimos falar-vos a respeito de minha sobrinha. O marido morreu há alguns anos e em seguida o filho, e agora ela não cessa de chorar e ficou muito envelhecida. Não sabemos o que fazer. Os habituais conselhos médicos não parecem dar resultado, e ela como que está perdendo o contato com os outros filhos. Está emagrecendo. Não sabemos como isso irá acabar, e ela insistiu em que viéssemos procurar-vos".

"Perdi meu marido há quatro anos. Era médico e morreu de câncer. Ele deve ter ocultado de mim a doença, pois só no ano passado vim a sabê-lo. Sofria horrivelmente, embora os médicos lhe dessem morfina e outros sedativos. Diante de meus olhos ele foi definhando até morrer."

Parou, quase sufocada pelas lágrimas. Uma rola estava pousada num ramo, a arrulhar baixinho. Era de cor marrom-cinza, de cabeça pequena e corpo grande - não muito grande, pois era uma rola. Passados instantes, saiu voando e o ramo ficou balançando, da pressão que fizera ao alçar vôo.

"Por alguma razão não posso suportar esta solidão, esta existência sem sentido que levo sem ele. Eu amava os meus filhos; tinha três, um menino e duas meninas. Um dia, no ano passado, o menino escreveu-me do colégio que não estava passando bem, e poucos dias após recebi um telefonema do diretor, comunicando-me que tinha morrido."

A esta altura, começou a soluçar incontidamente. Depois, mostrou uma carta do menino em que ele dizia que desejava voltar a casa, porque não se estava sentindo bem e acrescentando que esperava que ela estivesse gozando saúde. Explicou que ele se mostrara preocupado por causa dela e não desejara ir para o colégio; queria ficar perto dela. Mas, de certo modo, ela o forçara a ir, temendo que o sofrimento dela fizesse mal

a ele. Agora, era tarde demais. As duas meninas, acrescentou, não estavam plenamente conscientes do que sucedera, porque eram muito novas ainda. De repente não se conteve: "Não sei o que fazer. Esta morte abalou todas as bases de minha vida. Qual uma casa, nossa união fora edificada, com todo o carinho, sobre fundações que considerávamos inabaláveis. Agora tudo foi destruído por esse monstruoso acontecimento. "

O tio devia ser um crente, um tradicionalista, porquanto acrescentou: "Deus lhe impôs esta provação. Assistiu a todas as cerimônias necessárias, mas estas de nada lhe serviram. Eu creio na reencarnação, mas ela não acha nenhuma consolação nessa doutrina. Nem quer falar sobre tal assunto. Para ela tudo perdeu a significação, e não tivemos possibilidade de lhe dar qualquer consolo."

Ficamos sentados em silêncio durante algum tempo. O lenço dela já estava encharcado; um lenço limpo, retirado da gaveta, serviu-lhe para enxugar as lágrimas que lhe molhavam as faces. A rubra buganvília espiava pela janela, e a viva luz do Sol se refletia em cada folha.

Desejais conversar seriamente sobre este assunto, atacar-lhe as próprias raízes? Ou desejais ser confortada por alguma explicação, algum argumento racional, ser desviada do vosso sofrimento por palavras convincentes?

Respondeu: "Desejo penetrá-lo profundamente, mas não sei se tenho a capacidade ou a energia necessária para enfrentar o que direis. Em vida de meu marido vínhamos, às vezes, ouvir vossas palestras; mas, agora me deverá ser dificílimo acompanhar-vos."

Porque chorais? Não deis nenhuma explicação, que será apenas uma construção verbal do vosso sentimento, e não o fato verdadeiro. Assim, quando pergunto uma coisa, peço-vos não responder. Escutai, apenas, e descobri vós mesma a resposta. Porque existe esta aflição causada pela morte - em todo lar, rico ou pobre, do homem mais poderoso da

terra ao mísero mendigo? Por quem chorais? Por vosso marido ou por vós mesma? Se chorais por ele, vossas lágrimas o socorrerão? Ele partiu, irrevogavelmente. O que quer que façais, ele nunca mais vos será restituído. Nem lágrimas, nem crença, nem cerimônias ou deuses o farão voltar. É um fato que tendes de aceitar; nada podeis fazer. Mas, se chorais por vós mesma, por causa de vossa solidão, da vacuidade de vossa vida, por causa dos prazeres sensuais e da companhia que perdestes, nesse caso estais chorando porque vos vedes vazia, porque tendes pena de vós mesma, não é verdade? Talvez, pela primeira vez na vida, ficastes cônscia de vossa própria pobreza interior. Se permitis dizê-lo, fizestes, em vosso marido, um investimento que vos proporcionava conforto, satisfação e prazer, não foi isso? Tudo o que agora sentis - essa sensação de perda, a agonia da solidão e da ansiedade tudo isso é uma forma de autocompaixão, não achais? Observai o fato! Não endureçais contra ele o vosso coração, dizendo: "Eu amava meu marido e não pensava absolutamente em mim mesma. Queria protegê-lo, embora às vezes tentasse dominá-lo; mas era tudo para o bem dele e nunca pensei em meu próprio interesse." Agora, que ele se foi deste mundo, estais percebendo o vosso estado real, não é assim? A morte dele vos abalou, mostrando-vos o verdadeiro estado de vossa mente e de vosso coração. Podeis não querer olhá-lo; podeis rejeitá-lo, por medo, mas se o observardes um pouco mais, vereis que estais chorando por causa de vossa própria solidão, de vossa pobreza interior - e isso porque estais com pena de vós mesma.

"Sois um tanto cruel, não sois, senhor? - disse ela. "Procurei-vos, em busca de consolo, e que me estais dando?"

Esta é uma das ilusões de quase todo o mundo: que existe conforto interior; pensais que um outro vo-lo pode dar ou que vós mesma o podeis achar. Bem me perece que tal coisa não existe. Se estais a buscar conforto, estais condenada a viver na ilusão e, se se quebra essa ilusão, vos entristeceis porque vos é roubado esse conforto. Assim, para compreender ou transcender o sofrimento, é preciso ver o que está realmente sucedendo, interiormente, e não tratar de cobri-lo. Apontá-lo não é crueldade, achais que é? Não se trata de uma coisa medonha, assustadora. Quando virdes tudo isso muito claramente, saireis desse estado imediatamente, sem um arranhão, imaculada, renovada, imune às vicissitudes da vida. A morte é inevitável, para todos nós; não há fugir dela. Procuramos explicações de toda ordem, aferramo-nos a toda espécie de crença, na esperança de transcendê-la, mas, não importa o que façamos, ela está sempre à nossa frente; amanhã, bem perto ou a muitos anos de distância - está sempre a nossa frente. Temos de entrar em contato com este tremendo fato da vida.

"Mas... " disse o tio - e lá veio a tradicional crença no Atman, na alma, a entidade permanente que continua a existir. Agora ele estava em seus domínios, bem pavimentados de sutis argumentos e citações. Vimo-lo endireitar-se subitamente e nos seus olhos brilhar o fogo da batalha - a batalha das palavras. A compaixão, o amor e a compreensão tinham desaparecido. Achava-se em seu terreno sagrado, da crença, da tradição, nivelado pelo peso enorme do condicionamento: "Mas o Atman habita em cada um de nós! Ele renasce e continua existente, até descobrir que é Brahma. Temos de passar pelo sofrimento para alcançar essa realidade. Vivemos na ilusão; o mundo é ilusão. Só há uma única realidade..."

E lá se foi ele! Ela me olhava, sem lhe prestar muita atenção, e um leve sorriso esboçou-se em seu rosto; e ambos olhávamos a rola, que reaparecera, e para a buganvília vermelha, esplendorosa.

Não há nada permanente, nem sobre a terra nem dentro de nós mesmos. O pensamento pode dar continuidade àquilo em que pensa; pode dar permanência a uma palavra, uma idéia, uma tradição. O pensamento se julga permanente, mas o é de fato? O pensamento é reação da memória, e a memória é permanente? Ele pode criar uma imagem e a essa imagem dar continuidade, permanência, chamando-a Atman ou por outro nome, e pode lembrar-se do rosto do marido ou da esposa e conservar essa lembrança. Tal é a atividade do pensamento, geradora do medo e, como resultado desse medo, vem-nos a ânsia de permanência - o medo de amanhã não termos o que comer, onde morar - o medo da morte. Esse medo é resultado do pensamento, e Brahma é também produto do pensamento.

Disse o tio: "A memória e o pensamento semelham uma vela. Apagamo-la e tornamos a acendê-la; esquecemos e, posteriormente, tornamos a lembrar. Morremos e tornamos a nascer numa outra vida. A chama da vela é a mesma - e não é a mesma. Há, portanto, na chama uma certa virtude de continuidade. "

Mas a chama que foi apagada não é a mesma que a chama nova, O velho se acaba para que comece o novo. Se há uma continuidade constante, modificada, não há então nada novo. Os milhares de dias passados não podem ser renovados; a própria vela se consome. Tudo tem de acabar para que exista o novo. O tio, já não podendo amparar-se

em citações, ou crenças ou nos ditos de outros, recolheu-se em si mesmo e se tornou quieto, embaraçado e um pouco irritado, pois se revelara a si próprio e, como a sobrinha, não desejava encarar o fato.

"Nada disso me interessa" disse ela. "Estou extremamente aflita. Perdi meu marido e meu filho e restam-me aquelas duas crianças. Que devo fazer?"

Se vos interessam as duas crianças, não podeis então estar interessada em vós mesma e em vossa aflição. Tendes de cuidar delas, educá-las corretamente, criá-las livres da mediocridade geral. Mas, se estais completamente dominada por vossa autocompaixão, a que chamais amor por vosso marido, e se vos isolais, nesse caso estais destruindo os outros dois filhos. Consciente ou inconscientemente, todos nós somos extremamente egoístas, e enquanto obtemos o que desejamos, achamos que tudo vai bem. Mas, tão logo sobrevém um acidente e reduz tudo a cacos, bradamos em desespero e esperamos achar um novo conforto, que, naturalmente, será, por sua vez, despedaçado. Este processo continua, inalterável, e se desejais continuar presa a ele, sabendo de tudo o que ele implica, prossegui. Mas, se virdes quanto isso é absurdo, então, naturalmente, deixareis de chorar, deixareis de isolar-vos, e começareis a viver com vossos filhos numa nova luz, e de semblante risonho.

5. QUE É IMORTALIDADE?

O SILÊNCIO tem muitas variedades. Há o silêncio entre dois barulhos, o silêncio entre duas notas e o silêncio que se estende no intervalo entre dois pensamentos. Há aquele silêncio peculiar, sereno, difuso, que desce sobre os campos ao anoitecer, há o silêncio por entre o qual se ouve o ladrar longínquo de um cão ou o silvo de uma locomotiva a galgar um declive forte; o silêncio de uma casa quando todos dormem, e sua peculiar intensidade quando despertamos no meio da noite e ouvimos o grito da coruja, no vale; e o silêncio que precede a resposta do companheiro da coruja. Há o silêncio da casa velha e vazia, e o silêncio da montanha; o silêncio entre dois seres humanos quando viram a mesma coisa, sentiram a mesma coisa e agiram.

Naquela noite, particularmente naquele vale longínquo, com seus velhos montes e rochedos de formas peculiares, o silêncio era tão real como a parede que apalpamos. E, pela janela, olhamos as estrelas refulgentes. Não era um silêncio espontaneamente gerado; não existia porque a terra estava em paz, os aldeões adormecidos, mas veio de todas as partes - das remotas estrelas, dos montes escuros, e de nossa própria mente e coração. Esse silêncio parecia estender-se sobre todas as coisas, do minúsculo grão de areia, no leito do rio - onde só corria água em tempo de chuva - ao alto e copado banyan; e agora começava a soprar uma leve brisa. Há o silêncio da mente, nunca perturbado por barulho algum, por nenhum pensamento, ou pela lufada passageira da experiência. Esse silêncio é que é "inocente" e, por conseguinte, infinito. Quando na mente existe esse silêncio, dele brota a ação, ação jamais causadora de confusão e sofrimento.

A meditação da mente que está toda em silêncio é a bem-aventurança que o homem vive a buscar. Nesse silêncio estão contidas todas as variedades de silêncio.

Existe o estranho silêncio de um templo ou de uma igreja vazia, no sertão, sem barulhos de turistas e de devotos; e o silêncio que pesa sobre as águas faz parte do silêncio existente fora da mente.

A mente que medita contém todas essas variedades, mutações e movimentos de silêncio. Esse silêncio da mente é a essência da verdadeira mente religiosa, e o silêncio dos deuses é o silêncio da terra. A mente que medita flutua nesse silêncio, e o amor é o modo de ser dessa mente. Nesse silêncio há bem-aventurança e alegria.

O tio voltou, dessa vez sem a sobrinha viúva. Estava trajado com um pouco mais de apuro e parecia também mais perturbado e preocupado; seu rosto se tornara mais escuro por causa daquela seriedade e ansiedade. Era duro o chão onde estávamos sentados, e lá estava a vermelha buganvília, olhando-nos pela janela. E a rola provavelmente viria um pouco mais tarde. Chegava sempre àquelas horas da manhã. Pousava sempre naquele galho, no mesmo lugar, de costas para a janela, a cabeça voltada para o sul, e seus arrulhos entravam, baixinhos, pela janela.

"Eu desejava conversar sobre a imortalidade e o aperfeiçoamento da vida, em sua evolução para a realidade final. Do que dissestes outro dia se depreende que tendes a percepção direta do verdadeiro, e nós, que não sabemos, apenas cremos. Em verdade nada sabemos acerca do Atman; só a palavra nos é familiar. Para nós o símbolo se tornou o real, e se descreveis o símbolo - como o fizestes outro dia - ficamos aterrados. Mas, apesar desse medo, a ele continuamos apegados, porque em verdade só sabemos o que nos foi ensinado, o que os precedentes instrutores pregaram, e o peso da tradição está sempre conosco. Assim, em primeiro lugar, eu desejava saber, em meu próprio benefício, se existe essa Realidade que é permanente, essa Realidade - chamemo-la como quisermos - Atman ou alma - que continua após a morte. Eu não temo a morte. Suportei a morte de minha mulher e de vários de meus filhos, mas estou seriamente interessado nesse Atman, como realidade. Existe, em mim, essa entidade permanente?"

Quando falamos em permanência entendemos, decerto, uma coisa que continua apesar da constante variação existente em torno dela, apesar das experiências, apesar de todas as ansiedades, sofrimentos, brutalidades - uma coisa imperecível; não é isso o que entendemos? Em primeiro lugar, como descobri-la? Pode ela ser procurada pelo pensamento, por palavras? Pode-se achar o permanente por meio do impermanente? Pode-se achar o que é imutável por meio de uma coisa que muda constantemente - o pensamento? O pensamento pode dar permanência a uma idéia, Atman ou alma, e dizer "Eis o real", porque o pensamento cria o medo àquela constante mutação e, por causa desse medo, busca uma coisa que seja permanente - uma relação permanente entre seres humanos, uma permanência no amor. O pensamento, em si, é impermanente, é variável e, portanto, tudo o que inventa como coisa permanente é, tal como ele, impermanente. Ele pode conservar uma lembrança através de toda a. vida e chamar permanente a essa lembrança, e desejar saber se ela continuará após a morte. O pensamento criou essa coisa, deu-lhe continuidade, nutriu-a, dia por dia, e a ela se aferrou. Esta é a maior das ilusões, porque o pensamento vive no tempo, e do que ontem experimentou lembra-se através de hoje e amanhã; o tempo nasce dessa memória. Há a permanência do tempo, e a permanência que o pensamento deu a uma idéia de que, no fim, se alcança a verdade. Tudo isto é produto do pensamento - o medo, o tempo e a realização de um alvo - o eterno vir a ser.

"Mas quem é o pensador - esse pensador que tem todos esses pensamentos?"

Existe algum pensador, ou só existe o pensamento que fabrica o pensador? E, depois de criá-lo, inventa o permanente, a alma, o Atman.

"Quereis dizer que não existo quando não estou pensando?"

Já vos sucedeu alguma vez encontrar-vos naturalmente num estado de total ausência do pensamento? Nesse estado, estais cônscio de vós mesmo como pensador, observador, experimentador? O pensamento é reação da memória, e o feixe de lembranças é o pensador. Quando não há pensamento, existe o "eu" - a cujo respeito fazemos tanto estardalhaço? Não nos referimos a uma pessoa em estado de amnésia, ou a sonhar acordada, ou a controlar o pensamento a fim de silenciá-lo, mas sim à mente que está

totalmente desperta, atenta. Quando não há pensamento nem palavra, não está então a mente numa dimensão de todo diferente?

"Decerto, há alguma coisa bem diferente quando o "eu" não está em ação, não está a impor-se, mas isso não significa necessariamente que o "eu" não existe, só porque não está agindo. "

Naturalmente, ele existe! O "eu", o "ego", o feixe de lembranças existe Só notamos que existe quando reage a um desafio; mas ele existe, em estado de sono ou de suspensão, aguardando a primeira oportunidade de reagir. Um homem ávido está ocupado a maior parte do tempo com sua avidez; poderá haver momentos em que ela não esteja ativa, mas existe sempre.

"Que é essa entidade viva que se expressa na avidez?"

É a própria avidez. Não são duas coisas separadas.

"Compreendo perfeitamente isso que chamais "ego", "eu", sua memória, sua avidez, sua arrogância, suas exigências, mas, não existe mais nada além do "ego"? Quereis dizer que, na ausência do "ego", há olvido?"

Quando cessa o barulho feito por aqueles corvos, existe alguma coisa; essa coisa é a tagarelice da mente - os problemas, preocupações, conflitos, e essa mesma indagação do que fica após a morte. Essa pergunta só pode ser respondida quando a mente já não é ávida ou invejosa. O que nos interessa não é o que existe depois que o "eu" deixa de existir, mas, sim, a terminação de todos os atributos do "eu". Este é que é o verdadeiro

problema - não o que é a realidade, ou se existe alguma coisa permanente, eterna; se a mente que se acha tão condicionada pela cultura em que vive, e pela qual é responsável, pode libertar-se e descobrir.

"Então, como posso começar a libertar-me?

Não podeis libertar-vos. Vós sois o germe dessa aflição, e quando perguntais "como", estais pedindo um método de destruir o "vós", mas, no processo de destruir o "vós", estais criando outro "vós".

"Se permitis mais uma pergunta, que é então imortalidade? Mortalidade é morte, mortalidade é a norma da vida, com suas aflições e dores. O homem sempre buscou uma imortalidade, um estado não sujeito à morte."

Mais uma vez, senhor, voltais à questão de se existe alguma coisa atemporal, além dos limites do pensamento. O que está além do pensamento é a inocência, e o pensamento, por mais que se esforce, jamais a alcançará, porque o pensamento é sempre velho. A inocência, tal como o amor, é eterna, mas, para que venha, necessário é que a mente fique livre de todos os milhares de "ontens" com suas lembranças. E a liberdade é um estado em que não existe o ódio, a violência, a brutalidade. Se não abandonarmos todas essas coisas, como poderemos perguntar o que é imortalidade, o que é amor, o que é a verdade

6. O COMEÇO E O FIM DE TODA BUSCA

SE VOS preparais para meditar, o que fazeis não é meditação. Se vos preparais para ser bom, a bondade jamais florescerá. Se cultivais a humildade, não há mais humildade. A meditação é como a brisa, que entra quando deixamos a janela aberta; mas se, deliberadamente, a conservamos aberta, deliberadamente a convidamos a entrar, ela não aparecerá.

A meditação não segue o caminho do pensamento, porque o pensamento é astuto, com infinitas possibilidades de enganar a si próprio, e, portanto, não descobrirá o caminho da meditação. Como o amor, a meditação não pode ser buscada.

Naquela manhã, o rio estava muito sereno. Na sua superfície se viam os reflexos das nuvens, do novo trigo de inverno e, além, a mata. Nem o barco do pescador parecia perturbá-lo. A serenidade da manhã se estendia sobre a região. O Sol começava a aparecer sobre os cimos das árvores, uma voz chamava de longe, e nas proximidades um cântico em sânscrito vibrava no ar.

Os papagaios e mynahs ainda não tinham iniciado a busca de alimento; os abutres, pousados nas árvores, pesados, de pescoços nus, aguardavam a carniça que vinha boiando pelo rio. Com freqüência se via um animal morto passar, flutuando, sobre ele uns tantos abutres, e os corvos esvoaçando em redor, na esperança de conquistarem o

seu quinhão. As vezes um cachorro nadava até lá, mas, não encontrando apoio para os pés, voltava à margem e ia-se embora. Passava um trem, com grande barulho de ferros, pela longa ponte. E, além da ponte, rio acima, estendia-se a cidade.

Amanhecer cheio de paz e deleite. A pobreza, a doença e a dor ainda não tinham começado a percorrer a estrada. Uma ponte vacilante atravessava o riacho; e o ponto onde esse riacho de águas sujas, barrentas, se juntava ao grande rio, era considerado sacratíssimo e, nos dias de festa, ali vinha banhar-se muita gente - homens, mulheres, crianças. Fazia frio, mas ninguém parecia importar-se com isso. E o sacerdote do templo existente do outro lado da estrada fazia um dinheirão. Começava a fealdade.

Era um homem de longas barbas e turbante na cabeça. Tinha um negócio qualquer e, pelas aparências, prosperava. Bem nutrido, e lento no andar e no pensar. Suas reações mais lentas ainda. Precisava de vários minutos para compreender uma simples frase. Disse que tinha seu guru particular e, ao passar, sentira um impulso a aproximar-se, para conversar a respeito de coisas que lhe pareciam importantes.

"Porque", perguntou, "sois contra os gurus? Isso parece absurdo. Eles sabem e nós não sabemos. Podem guiar-me, ajudar-me, dizer-me o que devo fazer, e livrar-me de muitas penas e tribulações. São como uma luz no meio da escuridão, e precisamos ser guiados por eles, para não nos perdermos, não vivermos confusos e aflitos. Eles me aconselharam a não procurar-vos, mostrando-me o perigo de ouvir os que não aceitam o conhecimento tradicional. Disseram-me que, ouvindo-vos, eu iria demolir o edifício que com tanto desvelo tinham construído. Mas, não pude resistir à tentação de ver-vos, e eis-me aqui!"

Parecia um tanto satisfeito por ter cedido à tentação.

Que necessidade há de um guru? Ele sabe mais do que vós? E, que sabe ele? Se diz que sabe, não sabe realmente, e, de mais a mais, a palavra não é o estado real. Pode alguém

ensinar-vos aquele extraordinário estado da mente? Poderá descrevê-lo para vós, despertar o vosso interesse, vosso desejo de possuí-lo, de experimentá-lo - mas, não vo-lo pode dar. Vós tendes de caminhar sozinho, tendes de viajar desacompanhado e, nessa jornada, ser vosso próprio mestre e discípulo.

"Mas isso é dificílimo, não?" retrucou, "e nossos passos podem ser facilitados pelos que experimentaram aquela realidade."

Eles se tornam a autoridade e, de acordo com eles, o que tendes de fazer é apenas seguir, imitar, obedecer, aceitar a imagem, o sistema que oferecem. Desse modo, perdeis toda a iniciativa, toda percepção direta. Estais meramente seguindo o que eles pensam ser o caminho da verdade. Mas, infelizmente, não há nenhuma via de acesso à Verdade.

"Que estais dizendo?" - exclamou, muito chocado.

Os entes humanos são condicionados pela propaganda, pela sociedade em cujo meio foram criados - garantindo cada religião que o caminho que oferece é o melhor de todos. E há um milhar de gurus a sustentar, cada um deles, que seu método, seu sistema, seu modo de meditação é o único caminho conducente à verdade. E é interessante observar que todo discípulo tolera, condescendentemente, os discípulos de outros gurus. A tolerância é a maneira civilizada de aceitar a separação entre os homens - política, religiosa e socialmente. O homem inventou uma grande quantidade de caminhos, para dar conforto a cada crente, e por isso o mundo está todo fracionado.

"Estais dizendo que devo largar o meu guru? Abandonar tudo o que ele me ensinou? Eu me perderia."

Mas, não tendes de perder-vos, para descobrir? Nós temos medo de perder-nos, de ficarmos na incerteza, e por isso vivemos a correr atrás dos que prometem o céu, no campo religioso, político ou social. Por conseguinte, eles estão em verdade incentivando o medo e nos conservando prisioneiros desse medo.

"Mas eu posso andar só?" - perguntou com voz incrédula.

Têm aparecido tantos salvadores, mestres, gurus, líderes políticos e filósofos, e nem um só deles vos salvou de vossa aflição e conflito. Porque os seguis? Talvez haja uma maneira completamente diferente de considerarmos os nossos problemas.

"Mas eu tenho a seriedade necessária para empenhar-me, desajudado, nesse trabalho?"

Essa seriedade só a temos quando começamos a compreender - sem a ajuda de ninguém - os prazeres que ora buscamos. Estais vivendo no nível do prazer. Não digo que não deva haver prazer, mas se essa busca de prazer é para vós tudo na vida, do começo ao fim, então, obviamente, não podeis ser um homem sério.

"Estais-me fazendo sentir desamparado e sem esperança".

Se vos sentis desesperançado, é porque desejais as duas coisas. Desejais ser sério e desejais também todos os prazeres que o mundo pode dar-vos. Esses prazeres, afinal, são tão insignificantes que desejais acrescentar-lhes o prazer que chamais "Deus". Quando virdes tudo isso, por vós mesmo e não de acordo com outrem, então esse ver

vos fará discípulo e mestre. Este é que é o ponto mais importante. Sois então o mestre, o discípulo e o ensino.

"Mas", alegou, "vós sois um guru. Nesta manhã me ensinastes uma coisa, e aceito-vos como meu guru."

Nada foi ensinado; vós é que olhastes. O olhar vos mostrou. O olhar é vosso guru, se gostais da palavra. Mas a vós é que compete olhar ou não olhar. Ninguém pode forçar-vos. Entretanto, se olhais porque desejais uma recompensa ou porque temeis um castigo, esse motivo impede o olhar. Para ver, deveis estar livre de toda autoridade, tradição, medo, e do pensamento, com suas sutilezas. A verdade não se encontra em alguma paragem remota; ela se encontra no olhar o que é. Vermos a nós mesmos tais como somos - com aquele percebimento em que não entra a escolha - é o começo e o fim de toda busca.

7. PORQUE EXISTE TÃO POUCA BELEZA EM NOSSA VIDA?

O PENSAMENTO não pode conceber nem formular para si a natureza do espaço. Tudo o que ele formula está encerrado entre os seus próprios limites. Não é nesse espaço que ingressa a meditação. O pensamento tem sempre horizonte. A mente que medita não tem horizonte. A mente não pode passar do limitado ao ilimitado, nem pode transformar o limitado em ilimitado. Um tem de deixar de existir para que o outro exista. É com a meditação que se abre a porta para uma vastidão que não pode ser descoberta pelo imaginar e especular. O pensamento é o centro em torno do qual existe o espaço da idéia, e esse espaço pode ser dilatado por ulteriores idéias. Mas essa expansão provocada por qualquer forma de estímulo não é a vastidão na qual nenhum centro existe. A meditação nos faz compreender esse centro e, conseqüentemente, transcendê-lo. O silêncio e a vastidão se acompanham. A imensidão do silencio é a imensidão da mente em que não existe centro algum. A percepção desse espaço e desse silêncio não é possível ao pensamento. O pensamento só pode perceber sua própria projeção, e o reconhecimento é o limite do pensamento.

Atravessava-se o riacho por uma ponte precária, feita de bambu e barro. O riacho juntava-se ao grande rio e desaparecia na sua forte correnteza. Havia buracos na pontezinha e por ela a gente tinha de andar com certo cuidado. Galgamos o barranco arenoso e passamos ao lado do pequeno templo e, pouco mais adiante, por uma fonte tão velha como todas as fontes da terra. Situava-se ao canto de uma aldeia onde viviam muitas cabras e homens e mulheres famintos, embrulhados em panos sujos, porque fazia muito frio. Pescavam no grande rio, mas, ainda assim, eram macilentos, prematuramente velhos, alguns bem estropiados. Na aldeia, em saletas mal iluminadas, de pequenas janelas, trabalhavam tecelões que fabricavam belíssimos brocados e saris de seda. Era um ofício que passava de pai a filho, mas quem enriquecia eram os intermediários e os lojistas.

Não atravessamos a aldeia, porém viramos para a esquerda, seguindo um caminho que se tornara sagrado, pois se cria que Buda o palmilhara fazia uns dois mil e quinhentos anos; de todos os cantos do país vinham peregrinos percorrê-lo. O caminho passava por verdes campos, bosques de mangueiras e goiabeiras e templos dispersos. Existia uma antiga aldeia, talvez mais velha que o Buda, e muitos santuários, e dormitórios para os peregrinos. Ali, tudo andava meio arruinado e ninguém parecia importar-se com isso. As cabras vagabundavam por toda a parte. Havia grandes árvores; um velho tamarindo e, nele pousados, abutres e um bando de papagaios. Estes chegavam e desapareciam entre a verde folhagem; ficavam da mesma cor que as folhas; a gente ouvia os seus guinchos, mas não podia vê-los.

De ambos os lados do caminho, estendiam-se trigais de inverno; a distância, viam-se aldeões e a fumaça das fogueiras sobre as quais estavam cozinhando. O ar estava muito quieto e a fumaça subia verticalmente. Um boi, forte e de ar feroz, mas completamente inofensivo, vagava pelos campos, comendo os grãos que o fazendeiro transportava através do campo. Chovera durante a noite e a poeira densa se acamara. O Sol ia esquentar durante o dia, mas agora havia nuvens escuras e agradava passear, mesmo de dia, sentindo o cheiro da terra limpa, apreciando a beleza da paisagem. Era uma região muito antiga, cheia de encantamento e do sofrer do homem, com sua pobreza e os inúteis templos.

"Muito tendes falado a respeito da beleza e do amor e, depois de ouvir-vos, vejo que não sei o que é beleza nem o que é amor. Sou um homem comum, mas tenho lido muito, tanto filosofia como literatura. As explicações que nos dão parecem diferir do que dizeis. Eu poderia citar o que disseram os antigos deste país sobre o amor e a beleza, e também como os definiram no Ocidente, mas sei que não gostais de citações, porque têm ressaibos de autoridade. Mas, senhor, se tendes disposição para tal, poderíamos examinar esta matéria, e quem sabe se não compreenderei então o que é a beleza e o amor?"

Porque é que em nossa vida existe tão pouca beleza? Porque são necessários os museus com seus quadros e estátuas? Porque precisais de ouvir música? Ou ler descrições de paisagens? Pode-se ensinar bom-gosto, ou a pessoa já o tem por natureza, mas bom-gosto não é beleza. Acha-se a beleza na coisa que foi criada - no luzidio avião moderno, no compacto gravador de fitas, no hotel moderno, no templo grego - a beleza das linhas, da máquina complicada, do arco de uma bela ponte sobre um abismo?

"Achais que não há beleza nas coisas belamente construídas e que funcionam com precisão? Não há beleza nas obras de arte da mais alta qualidade?"

Há, naturalmente. Quando examinamos o mecanismo de um relógio, sua notável delicadeza, vemos nele uma certa qualidade de beleza; ela existe também nas antigas colunas de mármore ou nas palavras de um poeta. Mas, se a beleza é só isso, nesse caso é apenas uma reação superficial dos sentidos. Ao verdes uma palmeira solitária, contra o Sol poente, é a cor, a quietude da palmeira, a tranqüilidade da tarde que vos faz sentir o belo, ou é a beleza, como o amor, uma coisa inatingível pelo tato e pela vista? Depende ela da educação, do condicionamento, que diz: "Isto é belo e aquilo não é"? É questão de costume, hábito, estilo, que diz: "Isto é desordem, mas aquilo é ordem e a floração do bom"? Se tudo é só questão de condicionamento, nesse caso a beleza é produto da cultura e da tradição e, por conseguinte, não é beleza. Se o belo é produto ou a essência da experiência, então, tanto para o homem do Ocidente como para o homem do Oriente a beleza depende da educação e da tradição. É o amor, a beleza, produto do Oriente ou do Ocidente, do cristianismo ou do hinduísmo, monopólio do Estado ou de uma ideologia? Decerto, não é nada disso.

"Que é ela então?"

Vede, senhor, a austeridade existente no abandono de si mesmo (self-abandonment) é beleza. Sem austeridade não há amor, e sem o abandono de si mesmo a beleza não tem realidade. Por austeridade não entendemos a severa disciplina do santo, do monge, ou do comissário, (1) com sua orgulhosa abnegação ou a disciplina que lhes confere poder e fama; isso não é austeridade. A austeridade não é severa, não é uma maneira disciplinada de impor a própria importância. Não é negação do conforto, nem votos de pobreza ou de celibato. Austeridade é a integração da inteligência. Só pode existir com o "abandono de si mesmo", e não pode existir pelo exercício da vontade, da escolha, do propósito deliberado. É o ato de beleza que abandona, e é o amor que traz a iluminação interior, profunda, da austeridade. A beleza é esse amor, em que não existem mais medidas. Então, esse amor, em tudo o que faz, é beleza.

"Que entendeis por "em tudo o que faz"? Se há "abandono de si mesmo", não há mais nada que fazer."

A ação não é separada do que é. A separação é que traz conflito, fealdade. Quando não existe essa separação, então o próprio viver é a ação do amor. A profunda simplicidade interior da austeridade conduz a uma vida sem dualidade. Tal é a jornada que a mente deve fazer para alcançar aquela beleza que excede a palavra. Esta jornada é a meditação.

(1**)**Commissar: Chefe de departamento do governo soviético. (N. do T.).

8. NÃO HÁ CAMINHO PARA A VERDADE

AMEDITAÇÃO é um trabalho difícil. Exige a disciplina em sua forma mais elevada - disciplina que não é conformismo, que não é imitação, que não é obediência: a disciplina oriunda do percebimento constante, não só das coisas que nos cercam, externamente, mas também das coisas interiores. A meditação, pois, não é uma atividade de isolamento, mas, sim, ação na vida diária, que exige cooperação, sensibilidade e inteligência. Se não se lançam as bases de uma vida virtuosa, a meditação se torna uma fuga e, em conseqüência, completamente sem valor. Não consiste a vida virtuosa em observar a moralidade social, mas em estar livre da inveja, da avidez e da busca de poder - pois tudo isso gera inimizade. A libertação dessas coisas não se verifica pela ação da vontade, mas, sim, pelo percebimento. delas no autoconhecimento. Sem o conhecimento das atividades do "eu", a meditação se torna excitação dos sentidos e, por conseguinte, muito pouco significativa.

Naquela latitude quase não há crepúsculo ou aurora, e naquela manhã o rio, largo e profundo, parecia chumbo fundido. O Sol ainda não se elevara sobre a região, mas notava-se um clarão no nascente. As aves não tinham ainda iniciado o seu coro matinal, e os aldeões ainda não gritavam uns para os outros. Bem alta no céu achava-se a estrela da manhã e, enquanto a observávamos, foi empalidecendo mais e mais, até que o Sol apareceu acima das árvores e o rio se converteu em prata e ouro.

Então os passarinhos começaram a cantar e a aldeia despertou. De repente, sobre o peitoril da janela, apareceu um macaco grande, cinzento, de cara preta e densos pelos acima da testa. Suas mãos eram negras e a cauda longa pendia do peitoril para dentro do quarto. Ficou sentado, muito quieto, quase imóvel, a olhar-nos, sem pestanejar. Estávamos bem aproximados, a poucos pés um do outro. Subitamente estendeu o braço, e ficamos de mãos dadas por algum tempo. A mão era áspera, preta e empoeirada, pois ele subira por sobre o telhado e o pequeno anteparo existente acima da janela, descera e ali se sentara. Parecia completamente à vontade, e o que surpreendia era a sua

alacridade. Nenhum medo, nenhum constrangimento - como se estivesse em sua casa. Ali estava ele, e o rio, agora de ouro fulgente e, do outro lado, a verde margem e as árvores distantes. Devemos ter estado um certo tempo de mãos dadas; depois, como que acidentalmente, ele retirou a mão, mas permaneceu onde estava. Olhávamos um para o outro e víamos luzir seus olhos pretos, pequenos e cheios de curiosidade. Ele tinha vontade de entrar no quarto, mas hesitava; depois, estendeu os braços e as pernas para alçar-se ao anteparo, passou ao telhado e desapareceu. De tarde, estava lá de novo, no alto de uma árvore, comendo alguma coisa. Acenamos-lhe com a mão, mas não respondeu.

Ele era um sannyasi, um monge, de rosto simpático e mãos delicadas. Asseado, trajava vestes recém-lavadas, embora não estivessem passadas a ferro. Disse que viera de Rishikesh, onde passara muitos anos sob a orientação de um guru que se retirara para as altas montanhas e ficara só. Acrescentou que estivera em muitos ashrams. Deixara o lar havia muito tempo, talvez aos vinte anos de idade. Não se lembrava ao certo com que idade partira. Tinha pais e irmãs e irmãos, mas perdera completamente o contato com eles. Fizera aquela longa viagem porque ouvira de vários gurus que devia vir ver-nos e também porque fizera umas poucas leituras, aqui e ali. Ultimamente conversara com um confrade sannyasi, e por isso aqui estava. Não se podia adivinhar a sua idade; já passara da meia idade, mas a voz e os olhos eram ainda juvenis.

"Tem sido minha sina percorrer a Índia, visitando os vários centros, com seus gurus, alguns muito eruditos, outros ignorantes, embora com qualidades que indicam haver alguma coisa dentro deles; outros, porém, são meros exploradores, recitadores de mantras; muitos destes últimos haviam estado no estrangeiro e se tinham tornado populares. Mui poucos deles se têm mostrado superiores a essas coisas, mas entre esses poucos se achava o meu recente guta. Agora ele se retirou para uma parte isolada e remota do Himalaia. Um grupo dos nossos vai vê-lo uma vez por ano para receber sua bênção."

É necessário o isolamento do mundo?

"É óbvio que temos de renunciar ao mundo, porque o mundo não é real, e temos necessidade de um guru para ensinarmos, porque o guru "experimentou" a realidade e

pode ajudar os que a seguem a alcançar essa realidade. Ele sabe e nós não sabemos. Surpreende-nos o dizerdes que nenhum guru é necessário, porque estais indo de encontro à tradição. Vós mesmo vos tornastes para muitos um guru, e a verdade não pode ser encontrada por um homem só. Precisamos de ajuda - dos rituais, da orientação dos que sabem. Talvez no fim tenhamos de ficar sós, mas agora não. Somos crianças e temos necessidade dos que se adiantaram no caminho. Só sentados aos pés do homem que sabe podemos aprender. Mas, pareceis negar tudo isso, e vim com o sério intento de descobrir porquê."

Olhai aquele rio - a luz da manhã nele refletida e aqueles luxuriantes trigais, verdes, rutilantes, e as árvores lá longe! Uma grande beleza, e os olhos que a vêem devem estar cheios de amor para a compreenderem. E ouvir o estrépito que faz aquele trem, atravessando a ponte, é tão importante como ouvir o canto do pássaro. Portanto, olhai - e escutai o arrulhar daqueles pombos. E olhai o tamarindeiro, com aqueles dois verdes papagaios. Para que os olhos os vejam deve haver comunhão com eles - com o rio, com o barco que passa cheio de aldeões, cantando e remando. Isso faz parte do mundo. Renunciando-o, renunciais à beleza e ao amor - à própria terra. Fora do mundo, estais renunciando à companhia dos homens, mas não às coisas que o homem criou. Não estais renunciando à cultura, à tradição, ao saber; tudo isso vai convosco quando vos retirais do mundo. Renunciais à beleza e ao amor porque tendes medo destas duas palavras e do que atrás delas se esconde. A beleza está associada à realidade sensual, com seu conteúdo sexual e o amor nele subentendido. Essa renúncia tornou egocêntricas as pessoas chamadas religiosas - talvez num nível mais elevado que o do homem mundano, mas sempre egocentrismo. Quando não temos a beleza e o amor, não há possibilidade de alcançarmos aquela imensidão. Se observardes bem a esfera de atividades dos sannyasis e dos santos, vereis que aquela beleza e aquele amor estão muito longe deles. Poderão falar a seu respeito, mas são rígidos disciplinadores, violentos em suas regras e exigências. Assim, essencialmente, ainda que enverguem a túnica cor de açafrão ou a negra sotaina ou a púrpura cardinalícia, são todos muito mundanos. Trata-se de uma profissão como outra qualquer; isso, decerto, não se pode chamar espiritual. Alguns deles estão mais talhados para negociantes do que para ostentar ares de espiritualidade.

"Mas, senhor, estais sendo um tanto severo, não achais?"

Estamos apenas mostrando um fato, e um fato não é nem severo, nem agradável, nem desagradável; é um fato. Em geral nos repugna encarar as coisas como são. Mas tudo isso é bastante claro e patente. O isolamento é norma da vida, norma do mundo. Cada

ente humano, com suas atividades egocêntricas, está a isolar-se, quer seja casado, quer não, quer fale de cooperação ou de nacionalidade, de realizações, de êxito. Só que, quando o isolamento se torna agudo, sobrevém uma neurose que às vezes produz - se o indivíduo tem talento - obras de arte, boa literatura etc. Esse retraimento do mundo, com seus barulhos e brutalidades, seus ódios e prazeres, faz parte do processo de isolamento, não achais? Só que o sannyasi o pratica em nome da religião ou de Deus, enquanto o homem dado à competição o aceita como parte da estrutura social.

Nesse isolamento alcançam-se certos poderes, uma certa espécie de austeridade e sobriedade, que conferem determinado senso de poder. E o poder, seja o do campeão olímpico, seja o do Primeiro Ministro, seja o do chefe de todas as igrejas e templos é sempre o mesmo. Qualquer forma de poder é má - se se pode usar esta palavra - e o homem poderoso jamais abrirá a porta da realidade. O isolamento, por conseguinte, não é o caminho certo.

A cooperação é necessária ao viver; e não há cooperação no seguidor ou no guru. O guru destrói o discípulo, e o discípulo destrói o guru. Nessa relação de mestra e discípulo, como pode haver cooperação - trabalho em comum, investigação em comum, o viajar conjuntamente? Essa divisão hierárquica, que faz parte da estrutura social, quer no terreno religioso, quer no mundo militar, quer no dos negócios, é essencialmente mundana. E, quando um homem renuncia ao mundo, continua enredado na mundanidade.

Espiritualidade não é usar tanga, ou tomar uma só refeição por dia, ou repetir um certo mantra ou frase fútil, ainda que estimulante. É mundanidade renunciar ao mundo e, interiormente, continuar a fazer parte desse mundo de inveja, avidez, medo, de aceitação da autoridade, de separação entre o homem que sabe e o que não sabe. E também é mundanidade buscar preenchimento, seja na fama, seja nisso que se pode chamar o ideal ou Deus ou outro nome que preferirdes. A tradição cultural geralmente aceita é essencialmente mundana, e a retirada para uma montanha, para longe do homem, não liberta da mundanidade. A realidade não se encontra, em circunstância alguma, nessa direção.

O homem deve ser só, mas esse "ser só" não é isolamento. Significa estar libertado do mundo da avidez, do ódio e da violência, e de seus métodos sutis, e da dolorosa solidão e desespero humanos. Estar só é estar "de fora", não pertencer a nenhuma religião ou nação, a nenhuma crença ou dogma. É essa solidão que alcança uma inocência completamente imune à maldade do homem. Só a inocência pode viver no mundo, com toda a desordem nele existente, e ao mesmo tempo não pertencer a ele. Ela não se reveste de galas especiais. A flor da bondade não se encontra ao longo de nenhum caminho, porque não há caminho para a Verdade.

9. QUE É FELICIDADE?

NÃO PENSEIS que a meditação seja prolongamento e expansão da experiência. Na experiência existe sempre a testemunha, irremediavelmente ligada ao passado. A meditação, ao contrário, é a completa inação que põe fim a toda experiência. A ação da experiência tem suas raízes no passado e, por conseguinte, envolve o tempo: leva à ação que é inação e produz a desordem. Meditação é a total inação da mente que percebe o que é, não entrelaçado com o passado. Essa ação não é reação a nenhum desafio, mas, sim, é a ação do próprio desafio, na qual não existe dualidade. A meditação é a eliminação da experiência e funciona a todas as horas, consciente ou inconscientemente; por conseguinte, não é uma ação restrita a um certo período do dia. É uma ação contínua, da manhã à noite - observação sem observador. Por conseguinte, não há separação entre a vida cotidiana e a meditação, a vida religiosa e a vida mundana. Só há divisão quando o observador está ligado ao tempo. Nessa divisão, há desordem, aflição e confusão - tal é o estado da sociedade.

A meditação, portanto, não é individualista (1) nem social; transcende ambas as coisas e, portanto, abrange ambas. Ela é amor: a floração do amor é meditação.

Fizera frio de manhã, mas à medida que o dia foi avançando tomou-se bem quente e, ao atravessarmos a cidade pela estreita via, apinhada de gente, poeirenta, barulhenta, refletíamos em que todas as ruas são assim. Era quase visível a "explosão demográfica". O carro tinha de ir muito devagar, porque o público andava bem no meio da rua . O calor aumentava. Gradualmente, à força de buzinar, conseguimos, com muita satisfação, sair da cidade. Passamos pelas fábricas e por fim entramos na zona rural.

A região estava ressequida . Chovera havia algum tempo e as árvores esperavam agora as próximas chuvas; tinham muito que esperar... Passamos por aldeões, gado, carros de bois, e búfalos que teimavam em não sair do meio da estrada; depois, por um velho templo que parecia ao abandono, mas tinha a classe de um antigo santuário. Do mato saiu um pavão: seu pescoço azul cintilava ao Sol. Não pareceu importar-se com o carro, pois atravessou a estrada com muita dignidade e desapareceu no campo. Começamos então a galgar ladeiras íngremes, às vezes com profundos barrancos de ambos os lados.

Agora começava a esfriar, e as árvores eram mais viçosas. Depois de dar várias voltas pelos montes, chegamos à casa. A estas horas já escurecera completamente. As estrelas brilhavam muito claras. A gente tinha a impressão de que poderia alcançá-las com a mão. O silêncio da noite se estendia sobre a paisagem. Aqui um homem podia estar só sem ser perturbado, olhando as estrelas e a si próprio, infinitamente.

O homem contou que um tigre matara um búfalo na véspera e com toda a certeza voltaria à presa. Perguntou-nos se tínhamos vontade de ver o tigre, mais para a tarde. Respondemos que sim, com muito prazer. Replicou: "Então vou preparar um abrigo numa árvore, perto do cadáver, e amarrar um cabrito vivo à árvore. O tigre se atirará primeiro ao cabrito, antes de voltar à primitiva vítima." Dissemos que, à custa do cabrito, preferíamos não ver o tigre. Pouco depois, após alguma conversação, ele partiu. A tarde, disse-nos nosso amigo: "Tomemos o carro e vamos à floresta; talvez nos encontremos com o tigre." Assim, ao pôr do Sol, rodamos umas cinco ou seis milhas pela floresta e, naturalmente, não vimos tigre nenhum. Então voltamos, com os faróis acesos, clareando a estrada. Tínhamos perdido as esperanças de ver o tigre e continuamos o nosso passeio, sem pensar mais nele. De repente, ao acabarmos de virar uma curva, lá estava ele, no meio da estrada, enorme, olhos brilhantes e fixos. O carro parou e o grande animal endireitou para nós, rosnando ameaçador. Já estava pertinho de nós, bem à frente do radiador. Depois contornou-o e veio andando ao longo do carro. Estendemos a mão para tocá-lo, quando passava, mas nosso amigo, que entendia alguma coisa de tigres, travou-nos do braço e puxou-o vivamente para dentro. Era de bom comprimento e, como as janelas estavam abertas, sentimos-lhe o cheiro, que não era desagradável. Sentia-se nele um selvagem dinamismo, força prodigiosa e beleza. Ainda a rosnar, internou-se na floresta e nós continuamos nosso caminho, de volta à casa.

Viera ele com a família - mulher e vários filhos. Não parecia muito próspero, mas todos estavam bem trajados e alimentados. As crianças ficaram sentadas em silêncio, durante algum tempo, até lhes ser sugerido que fossem para fora brincar. Então, saltaram alegremente ao chão e saíram a correr. O pai era funcionário de uma certa categoria; cumpria suas atribuições, e isso era o bastante. Perguntou : "Que é felicidade, e por que razão não dura toda a vida? Já tive momentos de grande felicidade e também, naturalmente, momentos de grande aflição. Sempre lutei para ter felicidade na vida, mas a aflição está sempre vigilante. É possível permanecermos felizes?"

Que é felicidade? Sabeis quando sois feliz, ou só o sabeis um momento após, passada a felicidade? Felicidade é prazer, e pode o prazer ser constante?

"Eu diria que - pelo menos no meu caso - o prazer faz parte da felicidade que conheço. Não posso imaginar felicidade desacompanhada de prazer. O prazer é um instinto primário do homem, e se o excluímos como pode haver felicidade?"

Nós estamos examinando a questão da felicidade, não estamos? Portanto, se, nesta investigação, pressupomos qualquer coisa ou temos alguma opinião ou juízo formado, não teremos possibilidade de ir muito longe. Para se investigarem problemas humanos complexos, precisamos estar em liberdade desde o começo. Se não a temos, ficamos como um animal preso a uma estaca, que só pode ir até onde permite a corda. É o que sempre acontece. Temos conceitos, fórmulas, crenças ou experiências, que nos entravam, e com essas coisas queremos examinar, buscar, o que naturalmente impede uma investigação muito profunda. Assim, permiti-me sugerir que não suponhais nem creais nada, mas tenhais os olhos bem abertos, para ver claramente. Se felicidade é prazer, então é também dor. Não se pode separar o prazer da dor. Os dois não andam sempre juntos?

Assim, que é prazer, e que é felicidade? Se, ao examinardes uma flor, arrancardes, uma a uma, todas as suas pétalas, nada mais restará da flor. Tereis na mão uma porção de pedacinhos da flor, mas esses pedacinhos não constituem a beleza da flor. Assim, examinando esta questão, não a estamos analisando intelectualmente e, portanto, tornando-a árida, sem significação, vazia. Estamo-la olhando com olhos muito atentos, com olhos que compreendem, olhos que tocam sem despedaçar. Por conseguinte, tende

a bondade de não "despedaçá-la" - e vos irdes de mãos vazias. Deixai de lado a mente analítica.

O prazer é estimulado pelo pensamento, não? O pensamento pode dar-lhe continuidade, uma aparente duração que chamamos felicidade; mas o pensamento pode também dar duração ao sofrimento. O pensamento diz: "Gosto disto e não gosto daquilo. Desejo conservar isto e livrar-me daquilo". Mas o pensamento criou ambas as coisas, e a felicidade se tomou agora o seu escopo. Quando dizeis: "Quero permanecer neste estado de felicidade" - vós sois o pensamento, sois a memória da experiência passada, a que chamais prazer, felicidade.

Assim, o passado, o ontem, ou muitos "ontens" - ou seja o pensamento - está a dizer: "Desejo viver naquele estado de felicidade que experimentei". Estais fazendo do passado morto uma realidade presente, e temeis perdê-lo amanhã. Assim, construístes uma cadeia da continuidade. Esta continuidade tem suas raízes nas cinzas de ontem e, por conseguinte, não é, de modo nenhum, uma coisa viva. Nada pode florescer nas cinzas - e o pensamento é cinzas. Fizestes, pois, da felicidade um produto do pensamento e, para vós, ela é realmente um produto do pensamento.

Mas existe alguma coisa além do prazer, da dor, da felicidade e do sofrimento? Existe um estado de bem-aventurança, de êxtase, não influenciado pelo pensamento? Pois o pensamento é muito trivial e nada contém de original. Fazendo esta pergunta, o, pensamento deve abandonar a si próprio. Quando o pensamento abandona a si próprio, há a "disciplina do abandono", que se torna a virtude da austeridade. A austeridade não é então rigorosa e brutal. A austeridade rigorosa é produto do pensamento, uma reação violenta contra o prazer e a satisfação do desejo de prazer.

Com esse profundo auto-abandono - que significa que o pensamento abandona a si mesmo por perceber quanto ele próprio é perigoso - toda a estrutura da mente se torna quieta. Esse é, com efeito, um estado de atenção pura, de onde vem uma bem-aventurança, um êxtase inexprimível. Quando expresso por palavras, não é o real.

(1**)**Cf. Dicionário J. Seguier - «individualismo»: Sistema de isolamento dos indivíduos na sociedade. (N. do T.).

10. A REALIDADE DO VIVER

A MEDITAÇÃO é um movimento dentro do silêncio. O silêncio da mente é o veículo da ação. A ação nascida do pensamento é inação e gera desordem. Esse silêncio não resulta do pensamento, e tampouco é a cessação da tagarelice da mente. A mente só pode estar tranqüila quando o próprio cérebro está quieto. As células cerebrais, que durante tanto tempo foram condicionadas para reagir, projetar, defender, afirmar - só se tornam quietas ao ver-se o que realmente é. Só desse silêncio - em que deixou de existir o observador, o centro, o experimentador - pode vir a ação não causadora de desordem. Então, ver é agir. Só se pode ver de dentro de um silêncio no qual cessaram toda a avaliação e todos os valores morais.

Era um templo mais velho do que os seus deuses. Estes permaneciam nele aprisionados, mas o próprio templo era muito mais antigo. Tinha espessas paredes e colunas nas galerias, com esculturas de cavalos, deuses e anjos. Essas esculturas ostentavam uma certa classe de beleza e, passando por elas, imaginávamos o que aconteceria se de repente todas elas se tornassem vivas, inclusive o deus encerrado no santuário.

Dizia-se que o templo, principalmente o santuário, remontavam a tempos imemoriais. Ao percorrermos as várias galerias, clareadas pelo Sol matinal e com sombras claras, bem definidas, a nós mesmo perguntávamos que significado teria tudo aquilo - os deuses feitos pelo homem, concebidos por sua mente, esculpidos por suas mãos e depositados em templos e igrejas para serem adorados.

Os templos antigos tinham uma estranha beleza e força. Pareciam nascer da própria terra. Aquele templo era quase tão velho como o homem, e os deuses que o habitavam estavam vestidos de sedas, ornados de grinaldas, e eram despertados de seu sono por cânticos, incenso e bimbalhar de sinos. O incenso, que havia muitos séculos se queimava, como que tinha impregnado todo o templo, que era vasto e devia cobrir vários acres.

A ele parecia afluir gente de todos os cantos do país, os ricos e os pobres, mas só a uma certa classe se permitia o ingresso no santuário. Entramos por uma porta de pedra, passando por cima de um anteparo já muito gasto pelo tempo. Do lado de fora do santuário, havia sentinelas de pedra e, dentro dele, sacerdotes nus até à cintura, a cantar, solenes e orgulhosos. Todos um tanto gordos, barrigudos e de mãos delicadas. Tinham a voz rouca de tanto cantarem, pelos anos em fora; e o Deus ou Deusa quase já não tinha forma. Outrora, devia ter tido rosto, mas as feições estavam quase apagadas. As jóias pareciam de inestimável valor.

Quando cessaram os cânticos, estabeleceu-se um silêncio tal, como se a Terra tivesse detido a sua rotação. Nenhum raio de Sol penetrava ali, e a luz vinha apenas de lamparinas de azeite. Essas lamparinas haviam enegrecido o teto, e o recinto era misterioso e escuro.

Todos os deuses têm de ser adorados em mistério e no escuro, porque de outro modo não existiriam.

Ao sairmos para o ar livre e ensolarado e olharmos para o céu azul e as altas e frementes palmeiras, de nós mesmo indagávamos porque será que o homem adora a si próprio numa imagem que ele próprio fez com suas mãos e sua mente. O medo e aquele terno céu azul pareciam tão distanciados um do outro.

Era um moço asseado, de rosto vivo, olhos brilhantes e sorriso fácil. Estávamos sentados no chão de um pequeno aposento que dava para um pequeno jardim. Esse jardim era cheio de rosas, das brancas às quase negras. Pendurado num ramo, um papagaio de cabeça para baixo, com os olhos brilhantes e o bico vermelho. Olhava para um outro pássaro muito menor.

O moço falava regularmente o inglês, mas hesitava um pouco no emprego das palavras, e naquele momento mostrava-se sério. Perguntou: "Que é vida religiosa?". Já fiz esta pergunta a vários gurus e todos deram a resposta-padrão, e, se permitis, desejo perguntar-vos a mesma coisa. Eu tinha um bom emprego, mas, como não era casado, abandonei-o, porque, intimamente, me sinto atraído pela religião e desejo descobrir o que significa viver religiosamente, num mundo tão irreligioso."

Não seria preferível, em vez de perguntar o que é vida religiosa, indagar o que é viver? Talvez então compreendamos o que é a verdadeira vida religiosa. Isso que se chama "vida religiosa" varia de clima para clima, de seita para seita; e o homem sofre por causa da propaganda das religiões organizadas, em defesa de seus próprios interesses. Se pudéssemos pôr de parte tudo isso - não só crenças, dogmas e rituais, mas também a respeitabilidade criada pelo cultivo da religião, talvez então descobríssemos o que é uma vida religiosa, incontaminada pelo pensamento do homem.

Mas, antes disso, tratemos, como dissemos, de averiguar o que é viver. A realidade do viver é a fadiga diária, a rotina, com as respectivas lutas e conflitos; é a dor da solidão, a aflição e esqualor da pobreza e da riqueza, a ambição, a busca de preenchimento, o êxito e a tristeza - que abarcam toda a esfera de nossa vida. Eis o que chamamos viver - ganhar e perder batalhas, e a interminável busca de prazer.

Contrastando com isso ou como seu oposto há o que se chama "viver religioso" ou "vida espiritual". Mas todo oposto contém decerto a semente de seu próprio oposto e, por conseguinte, ainda que pareça diferente, na realidade não o é. Podem-se mudar as roupagens externas, mas a essência íntima do que foi e do que deverá ser é a mesma. Essa dualidade é produto do pensamento e, portanto, gera mais conflito; esse conflito é uma galeria interminável. Sabemos de tudo isso; outros no-lo têm dito ou nós mesmos o temos experimentado. Isso é o que se chama viver.

A vida religiosa não está na outra margem do rio; está neste lado - onde se acham todas as agonias do homem. É este lado que temos de compreender, e a ação da compreensão é o ato religioso - e não o cobrir-se de cinzas, cingir os quadris com uma tanga ou a cabeça com uma mitra, o ocupar o trono dos poderosos ou ser transportado no dorso de um elefante.

Ver inteiramente a condição do homem, seus prazeres e aflições, é de primária importância, e não o especular sobre o que deveria ser uma vida religiosa. "O que deveria ser" é um mito; é a moralidade criada pelo pensamento e a fantasia, moralidade que devemos rejeitar - social, religiosa, profissionalmente. Essa rejeição não vem do intelecto, mas é, com efeito, um sereno abandono do padrão dessa imoral moralidade.

Portanto, a questão é realmente esta: Temos possibilidade de sair desse padrão? Foi o pensamento quem criou essa medonha desordem e angústia, e ele é que está impedindo tanto a religião como a vida religiosa. O pensamento se julga capaz de sair do padrão, mas, se o faz, isso será ainda um ato de pensamento, porque o pensamento não tem realidade e, por conseguinte, só pode criar outra ilusão.

Ultrapassar tal padrão não é um ato do pensamento. Isso precisa ser compreendido claramente porque, de contrário, vos vereis novamente encerrado na prisão do pensamento. O "vós", afinal de contas, é um feixe de memórias, de tradição e do conhecimento acumulado em milhares de dias passados. Assim, só com a terminação do sofrimento - pois o sofrimento é resultado do pensamento - pode-se sair do mundo da guerra, do ódio e da violência. Esse ato de sair é a vida religiosa. Essa vida religiosa não tem crença nenhuma, porque não tem amanhã.

"Não estais exigindo o impossível, senhor? Não estais querendo um milagre? Como posso sair de tudo isso sem o pensamento? O pensamento é meu próprio ser!"

Exatamente! Esse "vosso próprio ser", que é pensamento, tem de acabar. Esse egocentrismo com todas as suas atividades tem de morrer, sem esforço, naturalmente. Só nessa morte se encontra o começo da vida religiosa.

11. O PENSAMENTO NÃO PODE CONCEBER O IMENSURÁVEL

SE DELIBERADAMENTE assumimos uma atitude, uma postura, a fim de meditar, essa meditação se torna um divertimento, um brinquedo da mente. Se vos determinais a livrar-vos da confusão e da angústia da vida, isso será uma experiência da imaginação, e não meditação. A mente consciente ou a mente inconsciente não deve tomar parte nenhuma nela; não deve sequer ter conhecimento da vastidão e da beleza da meditação; se o tem, então tanto vale ler um romance.

Na atenção total da meditação, não há conhecer, não há reconhecer, não há lembrar alguma coisa sucedida. O tempo e o pensamento cessaram completamente, já que constituem o centro que limita sua própria visão.

No momento da iluminação, o pensamento definha e morre, e o esforço consciente para experimentar esse momento e guardar sua lembrança, é a palavra morta. Pois a palavra nunca é o real. Naquele momento - que não pertence ao tempo - a realidade final se torna imediata, mas essa suprema realidade não tem símbolo, não pertence a ninguém, a nenhum deus.

Naquela manhã, ainda tão cedo, o vale estava singularmente sereno. A coruja cessara de gritar e não vinha mais resposta da companheira, de lá dos montes distantes. Nenhum cachorro ladrava e a aldeia ainda não havia despertado. No nascente via-se um clarão, uma promessa, e o Cruzeiro do Sul ainda não empalidecera. Não se ouvia sequer um sussurro entre as folhas, e a própria Terra parecia ter cessado a sua rotação. Podia-se

sentir o silêncio, tocá-lo, cheirá-lo, e ele tinha um extraordinário poder de penetração. Não era o silêncio exterior daqueles montes, do arvoredo, que fazia a quietude; nós éramos parte dele. Nós e ele não éramos coisas separadas. A divisão entre barulho e silêncio é sem significação. Aqueles montes, escuros, imóveis, faziam parte dele, tal como nós.

Era um silêncio muito ativo. Não era a negação do barulho e - extraordinário! - naquela manhã ele entrara pela janela como um perfume, e com ele uma percepção do absoluto. E, enquanto estávamos à janela, a olhar, desapareceu toda a distância entre as coisas e nossos olhos se abriram com a aurora e viram todas as coisas como novas.

"Ando interessado no sexo, na igualdade social, e em Deus. Só essas coisas importam na vida, e nada mais. A política, as religiões com seus sacerdotes e promessas, seus rituais e confissões, são como uma afronta. Elas, em verdade, não dão nenhuma resposta, nunca resolveram realmente problemas de qualquer espécie, só nos têm ajudado a adiá-los. Condenam o sexo, de diferentes maneiras, sustentam as desigualdades sociais, e o deus concebido por sua mente é uma pedra que revestiram de amor e sentimento. Eu, pessoalmente, não preciso delas para nada. Só vos digo isso para que ponhamos de parte essas coisas e nos ocupemos destas três questões - o sexo, a miséria social, e essa coisa chamada Deus.

"A meu ver, o sexo é tão necessário como o alimento. A natureza criou o homem e a mulher e os encantos da noite. Para mim, ele é tão importante como o descobrimento daquela verdade a que se pode chamar Deus. E é tão importante ter sentimento para com o próximo como ter amor à senhora de nosso lar. O sexo não é problema. Deleito-me com ele, mas existe em mim o medo de uma certa coisa desconhecida, e é esse medo, esse mal-estar que preciso compreender, não como um problema a resolver, porém como uma coisa que devo profundar, a fim de me expurgar dela. Assim, desejo, se dispondes de tempo, considerar essas coisas junto convosco."

Podemos começar com a última delas, e não com a primeira? Desse modo, talvez possam ser compreendidas mais profundamente as outras questões; assim também é possível que encontreis uma satisfação diferente daquela que o prazer pode dar.

Desejais que vossa crença seja fortalecida ou desejais ver a realidade - não, experimentá-la, porém vê-la com uma mente e um coração plenamente atentos e lúcidos? Crença é uma coisa, e ver é outra. A crença, tal como a fé, leva à escuridão. A crença leva à igreja, aos escuros templos e às aprazíveis sensações dos rituais. Ao longo desse caminho não se encontra nenhuma realidade, mas só fantasia, os ornamentos, criados pela imaginação, que enchem as igrejas.

Se negais o medo, a crença é desnecessária, mas se vos mantendes apegado à crença e ao dogma, o medo fica então com plena liberdade de ação. A crença não existe só em conformidade com as sanções religiosas; torna-se existente mesmo quando não pertencemos a nenhuma religião. Podeis ter vossa própria crença individual, exclusiva - mas ela não traz a iluminação. O pensamento recorre à crença a fim de proteger-se contra o medo que ele próprio criou. E o movimento do pensamento não tem a liberdade da atenção que percebe a verdade.

Pelo pensamento não se pode conceber o imensurável, porque o pensamento tem sempre medida. O sublime não está encerrado na estrutura do pensamento e da razão, nem tampouco é. produto da emoção e do sentimento. A negação do pensamento é ação. A negação do pensamento é amor. Se estais em busca do sublime, não o achareis; ele deverá vir a vós, se tiverdes boa sorte - e essa "boa sorte" é a janela aberta de vosso coração, e não do pensamento.

"Isso é um tanto difícil, não? Estais a pedir-me que negue toda a estrutura de "mim mesmo", do "eu", que com tanto carinho tenho nutrido e conservado. Eu pensava que a satisfação dada por isso que se pode chamar Deus era eterna. Nele está a minha segurança, toda a minha esperança e deleite; e agora me pedis que o abandone. Isso é possível? E desejo realmente fazê-lo? E, também, não me estais prometendo uma certa recompensa se eu o abandonar? Naturalmente, estou vendo que não me estais oferecendo nenhuma recompensa, mas posso, realmente, e não apenas com meus lábios, abandonar completamente essa coisa de que sempre me nutri?"

Se deliberadamente tentardes abandoná-la, esse esforço se tornará conflito, dor, aflição infinita. Mas, se perceberdes a verdade respectiva, assim como vedes a verdade representada por aquele candeeiro - sua luz tremulante, sua torcida, seu pé de latão - tereis então ingressado numa outra dimensão. Nesta dimensão, o amor não tem problemas sociais; nela não há separação racial, separação de classes, separação intelectual. Só os desiguais sentem a necessidade de igualdade. São os superiores que necessitam manter essa divisão, manter sua classe e seus modos de vida. E os inferiores estão sempre a lutar por tomar o lugar dos superiores, e os oprimidos por tomar o lugar dos opressores. Assim, se se trata apenas de legislar - embora a legislação seja necessária - com isso não se acaba a divisão e suas crueldades; tampouco se acaba a divisão entre a função e a posição. Servimo-nos da função para alcançar posição, e aí começa o ciclo da desigualdade. Os problemas da sociedade não podem ser extintos pela moralidade que a sociedade inventou. O amor não tem códigos de moral, o amor não é reforma. Quando o amor se torna prazer, a dor é inevitável. O amor não é pensamento, e é o pensamento que dá o prazer - prazer sexual, o prazer do sucesso. O pensamento dá força e continuidade ao prazer do momento. O pensamento, pelo pensar nesse prazer, dá-lhe a vitalidade do seguinte momento de prazer. Essa exigência de prazer é o que chamamos sexo, não? Ele se acompanha de uma grande abundância de afeição, ternura, desvelo, companheirismo, etc., mas, através de tudo, passa o fio da dor e do medo. E o pensamento, com sua atividade, torna esse fio inquebrável.

"Mas não se pode tirar o prazer do sexo! Eu vivo desse prazer, gosto dele. Para mim, ele é mais importante do que ter dinheiro, posição ou prestígio. Vejo também que o prazer traz consigo a dor, mas o prazer predomina sobre a dor e, por conseguinte, não me importo com ela. "

Quando esse prazer, que tanto vos deleita, termina - por velhice, acidente, com o tempo - caístes na rede; a aflição se torna então a vossa sombra. Mas, amor não é prazer, tampouco é produto do desejo; por essa razão, senhor, devemos entrar numa dimensão diferente. Nela, os nossos problemas - todas as questões - serão resolvidos. Fora dela, não importa o que façamos, haverá sempre angústia e confusão.

12. PODE-SE MESMO SER LIVRE?

NO ALTO, voavam centenas de pássaros, uns cruzando o largo rio, outros, a grande altura, descrevendo amplos círculos, quase sem mover as asas. Estes últimos eram, em maioria, abutres, e no Sol radioso pareciam meros pontos a bordejar contra o vento. Em terra, eram desgraciosos, com seus pescoços nus e suas asas largas e pesadas. Uns poucos deles estavam pousados no tamarindeiro, e os corvos os molestavam. Um corvo, principalmente, perseguia insistentemente um abutre, tentando empoleirar-se nele. O abutre se enfastiou e alçou vôo, e o corvo que o estivera molestando veio por detrás e pousou no seu dorso. Um espetáculo verdadeiramente curioso - o abutre com o corvo às costas. O corvo parecia estar-se divertindo à grande e o abutre lutava para livrar-se dele. Por fim, o corvo saiu voando, atravessou o rio e desapareceu no mato.

Os papagaios vieram do outro lado do rio, aos ziguezagues, e soltando guinchos, para anunciar a todo o mundo a sua chegada. Eram de um verde brilhante, de bico vermelho, e vários deles se instalaram no tamarindeiro. Saíam de manhã, desciam o rio e às vezes retornavam a dar gritos, porém quase sempre ficavam fora o dia todo, só voltando à tardinha, depois de furtarem os grãos que encontravam pelos campos e tudo quanto era fruta que achavam. A gente os via aparecer entre as folhas do tamarindo e, em seguida, desaparecer. Não era mesmo possível distingui-los entre as miúdas e verdes folhas da árvore. Tinham buracos no tronco, onde moravam acasalados, e pareciam perfeitamente felizes, dando gritos de alegria na hora da partida. Pelo fim da tarde e pelo amanhecer, o Sol traçava uma senda - de manhã de ouro e de tarde de prata - de uma à outra margem do rio. Não admira que os homens venerem os rios; é melhor do que venerar imagens, com rituais e crenças. O rio, cheio de vida, profundo e em plena cheia, sempre em movimento; e as pequenas poças que ladeavam as margens, sempre de águas paradas.

Cada ente humano se isola numa pequena poça de água, onde fica a deteriorar-se; nunca se lança à correnteza do rio. De alguma maneira, aquele rio, tão poluído pelos entes humanos que habitavam mais acima, era no meio tão límpido, azul verde, o profundo. Um rio deslumbrante, principalmente de madrugada, antes de nascer o Sol; tão sereno e remansoso, e cor de prata fundida! E, ao surgir o Sol, por sobre as árvores, ele se tomava de ouro, depois novamente uma faixa de prata; e então suas águas se reanimavam.

Naquele quarto que dava para o rio o ar era fresco, quase frio, pois estávamos no começo do inverno. Sentado à nossa frente, um homem jovem com a esposa mais jovem ainda. Achávamo-nos sentados sobre o tapete estendido num chão um tanto frio e duro. Os dois não sentiam interesse em olhar o rio, e quando paia ele lhes chamamos a atenção - sua largura, sua beleza, e a margem verde, do outro lado - corresponderam delicadamente. Vieram de longe, do norte, de ônibus e de trem e estavam ansiosos por conversar sobre os assuntos que tinham em mente; o rio podia ficar para depois, quando houvesse tempo.

Disse ele: "O homem jamais pode ser livre; está preso à família, aos filhos, ao emprego. Até morrer, tem responsabilidades. A menos, naturalmente", acrescentou, "que se torne sannyasi, monge".

Ele via a necessidade de ser livre, entretanto achava ser isso impossível de conseguir neste mundo cheio de competição e brutalidade. A esposa o escutava com um ar meio surpreso, satisfeita de ver que o marido era capaz de mostrar-se sério e de falar inglês com desembaraço. Isso lhe dava uma certa sensação de orgulho de propriedade. Disso ele estava completamente despercebido, pois ela estava sentada um pouco para trás dele.

"Pode-se mesmo ser livre?", perguntou. "Alguns escritores e teóricos políticos, tais os comunistas, dizem ser a liberdade coisa burguesa, inatingível e irreal, enquanto no mundo democrático muito se fala de liberdade. O mesmo fazem os capitalistas e, naturalmente, todas as religiões a pregam, embora tenham cuidado em aprisionar o homem em suas respectivas crenças e ideologias - desmentindo com os seus atos; as suas promessas. Vim com o propósito de descobrir, não apenas intelectualmente, se o homem, se eu sou realmente capaz de ser livre neste mundo. Tirei uma folga de meu

emprego para vir aqui; por dois dias estou livre de meu trabalho - da rotina do escritório e da prosaica vida da pequena cidade onde moro. Se eu tivesse mais dinheiro, seria mais livre e teria a possibilidade de ir aonde quisesse e fazer o que entendesse, pintar, talvez, ou viajar. Mas isso é impossível, porque meu ordenado é reduzido e eu tenho responsabilidades; sou um prisioneiro de minhas responsabilidades. "

A esposa não percebia tudo o que ele dizia, mas aguçou os ouvidos à palavra "responsabilidades". Talvez perguntasse a si mesma se ele não estaria com vontade de abandonar o lar e sair a vagar pela face da terra.

"Estas responsabilidades", prosseguiu, "me impedem de ser livre, tanto exterior como interiormente. É compreensível que o homem não possa ficar completamente livre do mundo dos correios, do mercado, do escritório etc., e não é aí que estou buscando a liberdade. O que desejo descobrir é se existe alguma possibilidade de se ser livre interiormente."

Os pombos estavam arrulhando e esvoaçando na varanda e os gritos dos papagaios entravam pela janela, e o Sol lhes fazia luzir as verdes asas.

Que é liberdade? É uma idéia, ou sentimento que o pensamento cria por se ver envolvido numa série de problemas, ansiedades, etc.? A liberdade é um resultado, uma recompensa que se encontra no fim de um certo percurso? É liberdade vos livrardes da cólera? Há liberdade quando achamos que a responsabilidade é uma carga e tratamos de livrar-nos dela? É liberdade resistir, ou ceder? Pode o pensamento dar essa liberdade, pode ela ser facultada por alguma ação?

"Parece-me que tendes de ir um pouco mais devagar".

Liberdade é o oposto de escravidão? Há liberdade quando estais numa prisão e, sabendo que sois prisioneiro e conhecendo as restrições de uma prisão, imaginais a liberdade? Pode a imaginação dar liberdade, ou é ela uma fantasia do pensamento? O que realmente conhecemos, e o que realmente existe, é a escravidão - não só às coisas externas, ao lar, à família, ao emprego, mas também interiormente, à tradição, aos hábitos, ao prazer de dominar e de possuir, ao medo, ao êxito, e a tantas outras coisas. Quando o êxito proporciona grande prazer, ninguém fala ou pensa em libertar-se dele. Só falamos em liberdade quando há dor. Estamos escravizados a todas essas coisas, tanto interiormente como exteriormente, e essa escravidão é o que é. A resistência ao que é - é o que chamamos liberdade. Resistimos ou fugimos ao que é, ou procuramos suprimi-lo, esperando que assim alcançaremos uma certa forma de liberdade. Interiormente, só conhecemos duas coisas: escravidão e resistência; e a resistência cria a escravidão.

"Desculpai-me, não estou entendendo."

Quando resistis à cólera ou ao ódio, o que foi que realmente sucedeu? Construístes um muro contra o ódio, mas o ódio continua existente; o muro está apenas a escondê-lo de vós. Ou vos determinais a não irritar-vos, mas essa própria determinação faz parte da cólera, essa própria resistência dá mais força à cólera. Podeis ver esse fato em vós mesmo, se o observardes. Quando resistis, controlais, reprimis ou procurais transcender uma coisa - tudo isso vem a dar no mesmo, porque todos esses atos provêm da vontade - tornastes mais espesso o muro da resistência e, assim, vos tornastes mais escravo, mais estreito, mais insignificante. E é dessa insignificância, dessa estreiteza que vos quereis libertar, sendo esse próprio desejo a reação que irá criar outra barreira - e mais insignificância. Dessarte, ficamos a mover-nos de uma resistência, de uma barreira para outra - às vezes dando ao muro de resistência um colorido diferente, uma diferente qualidade, ou designando-o com uma palavra nobilitante. Mas, resistência é escravidão, e escravidão é dor.

"Quer isso dizer que, exteriormente, devemos deixar que os outros nos dêem pontapés à vontade, e, interiormente, soltar as rédeas à nossa cólera, etc?."

Está parecendo que não escutastes o que se esteve dizendo. Quando se trata de prazer, gostais do "pontapé" (dos seus efeitos estimulantes) (1), da deleitável sensação que experimentais, mas quando o "pontapé" dói, então resistis. Quereis estar livre da dor e ao mesmo tempo conservar o prazer. Conservar o prazer significa resistência.

É natural reagir; se não reagimos fisicamente à picada de um alfinete, isso significa que estamos entorpecidos. Interiormente, também, se não reagimos, há algum desarranjo. Mas a maneira como reagimos e a natureza da reação são importantes, e não a própria reação. Quando alguém vos lisonjeia, "reagis"; e reagis quando alguém vos insulta. Ambas as reações são resistências - uma de prazer e a outra de dor. Uma tratais de conservar, e a outra ou a desprezais ou dela desejais desforrar-vos. Mas ambas são resistências. Tanto o conservar como o rejeitar são formas de resistência; e liberdade não é resistência.

"Tenho possibilidade de reagir sem a resistência de prazer ou de dor?"

Que pensais vós, senhor? Que sentis vós? Estais fazendo essa pergunta a mim ou a vós mesmo? Se um estranho, um agente externo, responde a essa pergunta em vosso lugar, ficais então na dependência dele e essa dependência se torna uma autoridade, uma resistência. E então, mais uma vez, desejais ficar livre dessa autoridade! Assim, como podeis fazer a outrem tal pergunta?

"Poderíeis chamar-me a atenção para o fato, e, se eu o percebesse, não haveria nisso autoridade alguma, não achais?"

Mas eu já vos chamei a atenção para o que realmente é. Vede o que é sem reação de prazer ou de dor. Ver é ser livre. Só se pode ver, em liberdade.

"Esse ver pode ser um ato de liberdade, mas que efeito pode ter na minha escravidão, ou seja aquilo que é, a coisa vista?"

Dizendo que o ver "pode ser um ato de liberdade", estais apresentando uma suposição e, portanto, o vosso ver é também uma suposição. Não se está vendo, então, o que é.

"Não sei, senhor, vejo minha sogra irritar-se contra mim; ela pára com isso, só porque eu o vejo?"

Tratai de ver os atos de vossa sogra e de ver as vossas reações, sem reações adicionais de prazer e de dor. Vede-o em liberdade. Vossa ação pode então consistir em não ligar importância ao que ela diz ou em sair para a rua. Mas o "sair para a rua" ou o "não ligar importância" a ela, não é um ato de resistência. Esse percebimento sem escolha é liberdade. A ação proveniente dessa liberdade não pode ser prevista, sistematizada, encaixada num padrão de moralidade social. Esse percebimento sem escolha é apolítico, não pertence a nenhum 'ismo'; não é produto do pensamento.

(1**)**Kick 1. Pontapé, chute. Efeito estimulante, sensação deleitável (Dicionário Webster Collegiate) . Krishnamurti "jogou" com os dois significados da palavra. (N. do T.).

13. DESEJO SABER O QUE É DEUS

"EU QUERO conhecer Deus", disse ele com veemência, quase gritando. Os abutres estavam pousados na árvore costumeira, o trem atravessava com estrépito a ponte, o rio ia seguindo o seu curso... Ali tudo era paz, tranqüilidade profunda. De manhã cedo podia-se sentir de longe o cheiro da água; sobre o alto barranco do rio, podia-se-lhe também sentir o cheiro - o frescor, a pureza da água, na atmosfera da manhã. O dia ainda não começara a estragar tudo. Pela janela ouviam-se os gritos dos papagaios, que partiam para os campos, para mais tarde voltarem ao seu tamarindeiro. Os corvos, dúzias deles, cruzavam o rio, voando muito alto, para descer nas árvores e nos campos da outra margem. Clara manhã de inverno - fria, mas radiosa; não se via uma nuvem no céu. Enquanto observávamos a luz do Sol nascente refletida no rio, desdobrava-se a meditação. A própria luz fazia parte dessa meditação, quando olhávamos as águas inquietas e rutilantes, na manhã serena - não com uma mente ocupada em traduzi-la, dar-lhe um certo sentido, porém com olhos que viam a luz e nada mais.

A luz, tal como o som, é uma coisa extraordinária. Há a luz que os pintores procuram representar na tela; há a luz que captam as máquinas fotográficas; há a luz de uma lamparina, a brilhar sozinha numa noite escura, ou a luz que clareia o semblante de uma pessoa, a luz que transparece em seus olhos. A luz que os olhos vêem não é a luz que brilha sobre a água; esta é uma luz tão diferente, tão vasta, que não cabe no estreito campo visual. Aquela luz, como o som, era um movimento infinito - para fora e para dentro - qual o da maré. E, se continuássemos muito quietos, iríamos com ele, não em imaginação ou sensitivamente; iríamos com ele, sem o sabermos, fora da medida do tempo.

A beleza daquela luz, como o amor, é intocável, inexprimível. Mas, lá estava ela - na sombra, no descampado, na casa, na janela, do outro lado do caminho, e nos risos das crianças. Sem aquela luz, o que vemos é de ínfima importância, porque a luz é tudo; e a luz da meditação brilhava na água. Lá estaria de novo, à tarde, e durante a noite, e quando o Sol se erguesse acima das árvores, convertendo o rio em ouro. Meditação é aquela luz da mente que ilumina o caminho para a ação. Sem essa luz, o amor não existe.

Era um homem grande, bem escanhoado e de cabeça também rapada. Dia de inverno, e estávamos sentados no frio chão daquele pequeno aposento com vista para o rio. Tinha ele a dignidade própria de um homem de poucas posses e a quem não assusta muito a opinião alheia.

"Desejo conhecer Deus. Sei que isso é fora de moda, hoje em dia. Os estudantes - a nova geração, com suas revoltas, suas atividades políticas, suas exigências racionais e irracionais zombam da religião. E fazem muito bem, aliás, pois veja-se o que dela fizeram os sacerdotes! Por isso, naturalmente, os novos não querem saber dela. Para eles, o que os templos e as igrejas estão defendendo é a exploração do homem. Não confiam, absolutamente, no panorama hierárquico-eclesiástico - de salvadores, cerimônias, etc. etc. Estou de acordo com eles, e eu próprio já ajudei vários deles a revoltarem-se contra tudo isso. Entretanto, continuo a desejar conhecer Deus. Já fui comunista, mas há muito abandonei esse partido, porque os comunistas também têm os seus deuses, os seus dogmas e seus teóricos. Fui, em verdade, ardoroso comunista, porque no começo eles prometiam alguma coisa. Mas agora têm tudo o que os capitalistas têm; enveredaram na mundanidade. Andei a entreter-me com reformas sociais e militei na política, mas tudo isso ficou para trás, porque não vejo nenhuma possibilidade de o homem libertar-se de seu desespero, sua ansiedade, seu temor, por meio da ciência e da tecnologia. Só há, talvez, um único caminho. Não sou a nenhum respeito supersticioso e acho que não tenho medo da vida. Já passei por tantas coisas e, como vedes, tenho ainda muitos anos à frente. Desejo saber o que é Deus. Já o perguntei a alguns desses monges errantes e àqueles que vivem a dizer que Deus existe e que basta olhar, para vê-lo, e, ainda, àqueles que assumem ares misteriosos e prescrevem tal ou tal método. Tenho os olhos bem abertos para todas essas armadilhas. E, pois, aqui estou, porque sinto necessidade de averiguar isso."

Ficamos em silêncio durante algum tempo. Os papagaios passavam pela frente da janela, a dar guinchos, e o Sol lhes fazia brilhar as penas verdes e os bicos vermelhos.

Achais possível descobri-lo? Pensais que, buscando-o, o achareis? Pensais que podeis "experimentá-lo"? Credes que vossa mente limitada pode encontrar-se com o ilimitado? Como o ireis descobrir? Como o sabereis? Como o reconhecereis?

"Realmente, não sei", respondeu, "mas, quando encontrar o Real, conhecê-lo-ei."

Quereis dizer que o conhecereis com vossa mente, com vosso coração, com vossa inteligência?

"Não. O conhecer não depende de nada disso. Conheço muito bem o perigo dos sentidos. Sei perfeitamente como é fácil criarem-se ilusões."

Conhecer é experimentar, não? Experimentar é reconhecer, e reconhecimento é memória e associação. Se o que entendeis por "conhecer" é o resultado de um incidente passado, de uma "memória", de um caso sucedido, trata-se de um conhecimento do que aconteceu. Pode-se conhecer o que está sucedendo, o que está acontecendo realmente? Ou só podemos conhecê-lo um momento após, depois de passado? O que está sucedendo realmente está fora do tempo; o conhecimento está sempre no tempo. Olhais para o acontecimento com os olhos do tempo, que lhe dá nome, o traduz e registra. Isso é o que se chama "conhecer", tanto analiticamente como pelo reconhecimento instantâneo. Para o campo do conhecimento quereis trazer o que está do outro lado do monte ou atrás daquela árvore. E vos obstinais em querer conhecê-lo, em querer experimentá-lo e conservá-lo. Podeis prender aquelas águas que passam velozes em vossa mente ou em vossa mão? O que prendeis é a palavra e o que os vossos olhos viram, e a descrição do ver, por meio de palavras, e a lembrança dessas palavras. Mas a memória não é aquelas águas - nem nunca o será.

"Está bem", disse, "Então de que maneira o encontrarei? Em minha longa e estudiosa vida, cheguei à conclusão de que nada irá salvar o homem - nenhuma instituição, nenhum padrão social, nada; por isso deixei de ler. Mas o homem precisa de ser salvo, precisa sair de alguma maneira de sua condição atual, e minha premente necessidade de encontrar Deus é a expressão de uma grande ansiedade pela sorte do homem. Esta violência que vemos alastrar-se está consumindo o homem. Sei de todos os argumentos pró e contra ela. Outrora eu tinha esperanças, mas hoje já nada espero. Estou, realmente, na extremidade da corrente que me prende. Não faço esta pergunta por desespero ou para renovar a esperança. Simplesmente não posso enxergar nenhuma luz. Assim, vim à vossa presença para fazer-vos esta pergunta: Podeis ajudar-me a descobrir a Realidade - se existe uma Realidade?"

De novo ficamos por algum tempo em silêncio. E o arrulhar dos pombos penetrou no quarto.

"Percebo o que quereis dizer. Nunca estive em tão completo silêncio. A questão lá está, fora deste silêncio e, quando a olho de dentro do silêncio, ela recua. Com que então, entendeis que só nesse silêncio, nesse silêncio completo e não premeditado, existe o imensurável?"

Outro trem atravessava ruidosamente a ponte.

Isso é um convite à irracionalidade e à histeria do misticismo - um sentimento vago, inarticulado, gerador de ilusão. Não, senhor, não é isso o que entendemos. É difícil afastar todas as ilusões - políticas, religiosas, a ilusão do futuro. Nunca descobrimos coisa alguma por nós mesmos. Pensamos que o fazemos, e esta é uma das nossas maiores ilusões - pensamento. É difícil discernir claramente toda a desordem, a insânia de que o homem se cercou. Necessita-se de uma mente muito sã, para ver e ser livre. Ambas as coisas - "ver" e "ser livre" - são absolutamente necessárias. Estar livre da ânsia de ver, estar livre da esperança que o homem sempre depositou na ciência, na tecnologia e nos descobrimentos religiosos. Essa esperança gera ilusão. Ver isso é ser livre, e quando há liberdade não se faz "convite" de espécie alguma. Então a própria mente se tornou o imensurável.

14. O AMOR É SEMPRE INTEGRAL

ELE ERA um velho monge, venerado por muitos milhares. Cuidara bem de seu corpo, tinha a cabeça rapada e usava o indefectível manto cor de açafrão do sannyasi. Levava um longo cajado que já vira muitas estações, e calçava um par de sandálias já um tanto gastas. Estávamos sentados num banco sobranceiro ao rio - a ponte da ferrovia à direita, e o rio, descrevendo uma ampla curva, à esquerda. A outra margem, naquela manhã, mantinha-se envolta em denso nevoeiro e só se viam os topos das árvores, que pareciam flutuar no rio, ampliado. Não havia um sopro de vento, e as andorinhas voavam baixo, perto das bordas. Aquele rio era muito velho e sagrado, e de muito longe vinha gente para morrer e ser cremada às suas margens. Rio venerado, louvado em cânticos e celebrado como sacratíssimo. Nele se jogavam imundícies de toda espécie; nele o povo se banhava, bebia de sua água e lavava suas roupas; em suas margens, viam-se pessoas a meditar, de olhos fechados, sentadas muito eretas e imóveis. O rio dava prodigamente, mas o homem o estava poluindo. Na estação das chuvas, subia vinte a trinta pés, levando todas as podridões e cobrindo a terra com uma camada de lodo para a semeadura que proporcionava nutrição aos camponeses ribeirinhos. Descia em grandes curvas e às vezes vinha levando árvores inteiras, desarraigadas pela forte corrente. Viam-se também animais mortos, pousados sobre eles abutres e corvos a disputarem entre si, e, não raro, um braço ou perna ou mesmo o corpo inteiro de um ser humano.

Naquela manhã o rio estava encantador, sem uma ruga na sua superfície. A outra margem parecia muito distante. O Sol se levantara havia várias horas, o nevoeiro ainda

não se dissipara, e o rio, qual um certo ser misterioso, rolava sem parar. O monge estava bem familiarizado com aquele rio; vivera muitos anos às suas margens, rodeado de seus discípulos e tinha por quase certo que ele sempre ali estaria, que enquanto o homem vivesse ele também viveria. Habituara-se a ele, e isso é que era lastimável. Já o olhava com olhos que o tinham visto milhares de vezes. A gente se habitua à beleza e à fealdade, e perde-se o dia novo.

"Porque", perguntou, com voz um tanto autoritária, "por que sois contra a moralidade estabelecida, contra as escrituras que mais sagradas nos são? Talvez o Ocidente vos tenha estragado, onde liberdade é licenciosidade e onde não se sabe sequer, salvo raras exceções, o que significa a verdadeira disciplina. Evidentemente não lestes nenhum dos nossos livros sagrados. Estive aqui, uma destas manhãs, ouvindo-vos falar, e fiquei aterrado com o que dissestes a respeito dos deuses, dos sacerdotes, dos santos e gurus. Como pode um homem viver sem eles? Se o faz, se torna materialista, mundano, brutal. Pareceis rejeitar toda a ciência que consideramos mais sagrada. Porquê? Sei que sois sincero. Tenho-vos seguido, de longe, há muitos anos. Víamos em vós um irmão. E vos considerávamos como um dos nossos. Mas, como repudiastes tudo isso, tornamo-nos estranhos, e é mil vezes lamentável estejamos percorrendo diferentes caminhos. "

Que é que é sagrado? A imagem do templo, o símbolo, a palavra? Onde está o sagrado? Naquela árvore, naquela camponesa que vai levando um pesado fardo? Atribuímos o caráter de sagrado às coisas que consideramos veneráveis, preciosas, significativas, não? Mas, que valor tem a imagem esculpida pela mão ou pela mente? Aquela mulher, aquele pássaro, aquela árvore, os seres vivos, só parecem ter para vós uma importância passageira. Dividis a vida em sagrado e não sagrado, o que é imoral e o que é moral. Essa divisão gera aflição e violência. Ou tudo é sagrado, ou nada é sagrado. Ou o que dizeis, as vossas palavras, os vossos pensamentos, os vossos cânticos são coisas significativas, ou só existem para embalar a mente numa espécie de encantamento, que se torna uma ilusão e, por conseguinte, não tem valor algum. O sagrado existe, mas não está na palavra, não está na estátua ou na imagem que o pensamento criou.

Ele se mostrava um tanto perplexo e sem ver com certeza aonde estava sendo levado. Assim, interrompeu: "Não estamos propriamente considerando o que é e o que não é sagrado, porém desejamos saber porque condenais a disciplina."

Disciplina, como em geral se entende, é ajustamento a um absurdo padrão de sanções políticas, sociais ou religiosas. Esse ajustamento implica imitação, repressão ou uma certa maneira de se transcender o atual estado, não é isso? Nessa disciplina existe, obviamente, uma luta contínua, um conflito que deforma a capacidade da mente. O homem se ajusta por causa de alguma recompensa, prometida ou esperada; ele se disciplina visando obter alguma coisa. A fim de alcançar uma certa coisa, a pessoa obedece e se sujeita, e o padrão - comunista, religioso ou o padrão pessoal - se torna a autoridade. Nisso não há nenhuma liberdade. Disciplina significa aprender; e o aprender nega toda autoridade e obediência. Ver tudo isso não é um processo analítico. Ver tudo o que está implicado nessa estrutura da disciplina é em si disciplina - que significa aprender tudo o que diz respeito a essa estrutura. E aprender não é questão de acumular dados, mas, sim, ver diretamente a estrutura e sua natureza. Eis a verdadeira disciplina, porque com ela estamos a aprender, e não a ajustar-nos. Para aprender, necessita-se de liberdade.

"Quer isso dizer", indagou, "que podemos fazer o que desejarmos, que podemos desprezar a autoridade do Estado?"

Claro que não, senhor. Naturalmente temos de aceitar a lei do Estado ou a lei representada pelo policial - enquanto estiver em vigor. Temos de guiar nosso carro a um lado da estrada, e não no meio da estrada, pois há também outros carros e temos de obedecer às regras do tráfego. Se cada um pudesse fazer exatamente o que deseja - como, aliás, sub-repticiamente fazemos - haveria o mais completo caos - como de fato há. O negociante, o político, quase todo ser humano está promovendo, sob a capa da respeitabilidade, seus próprios e secretos desejos e apetites, e isso produz caos no mundo. E procuramos ocultá-lo, promulgando leis, sanções, etc. Isso não é liberdade. Em todo o mundo há pessoas que lêem livros sagrados. Repetem o que neles está escrito, põem-no em cânticos, citam-no incessantemente, mas em seus corações são violentas, ávidas, ambiciosas de poder. Têm mesmo algum valor esses chamados livros sagrados? Não têm valor real. O que importa é o extremo egoísmo do homem, sua constante violência, ódio e inimizade - e não os livros, os templos, as igrejas e as mesquitas.

Debaixo de seu manto, o monge está apavorado. Ele tem seus apetites, está ardendo em desejos, e o manto representa apenas uma fuga a esse fato.

Procurando transcender essas agonias do homem, consumimos o nosso tempo disputando sobre quais livros são mais sagrados do que outros - e isso denota a mais completa falta de maturidade.

"Nesse caso, tem-se também de rejeitar a tradição... Vós a rejeitais?"

Transportar o passado para o presente, traduzir o movimento do presente em conformidade com o passado, destrói a beleza viva do presente. Este país, como quase todos os outros países, está carregado de tradição, aninhada em palácios e na choupana da aldeia. Não há nada de sagrado na tradição, por mais antiga ou moderna que seja. O cérebro contêm a memória de ontem, que é tradição, e teme largá-la por não ser capaz de enfrentar qualquer coisa nova. A tradição se torna nossa proteção, e, quando em segurança, a mente está a decompor-se. Temos de empreender a viagem sem levar cargas, folgadamente, descansadamente, sem nunca nos determos diante de um santuário, de nenhum monumento, de nenhum herói, social ou religioso - na só companhia da beleza e do amor.

"Mas nós, os monges, estamos sempre sós, não é verdade?" perguntou. "Renunciei ao mundo e fiz voto de pobreza e castidade."

Vós não estais só, senhor, porque o próprio voto vos está inibindo, tal como inibe o homem que faz igual voto ao casar-se. Deixai-me assinalar que não estais só, porque sois hinduísta, assim como não estaríeis só se fôsseis budista, ou maometano, ou cristão, ou comunista. Assumistes um compromisso, e como pode estar só um homem que se comprometeu, que se entregou inteiramente a uma certa idéia, a qual produz sua atividade própria? A própria palavra "só" significa o que está dizendo: livre de influência, inocente, livre e integral - não fracionado. Quando um homem está só, pode viver neste mundo, mas será sempre um forasteiro. Apenas nessa solitude pode haver ação completa e cooperação; porque o amor é sempre integral.

15. RENÚNCIA AO MUNDO

O RIO, naquela manhã, era de prata fosca, porque o céu estava nublado e fazia frio. As folhas estavam cobertas de pó, e dele havia em toda parte uma tênue camada - no quarto, na varanda, na cadeira. Estava esfriando mais; devia ter nevado fortemente no Himalaia. Doía-nos o vento cortante do norte, as próprias aves o sentiam. Mas o rio tinha naquela manhã um estranho e peculiar movimento; não parecia encrespar-se ao sopro do vento, dava a impressão de estar completamente imóvel e tinha aquela "qualidade" atemporal que as águas em geral parecem ter. Que belo que era! Não admira que o povo o tivesse consagrado. Podíamos ficar sentado ali, na varanda, a observá-lo meditativamente, infinitamente. Não devaneávamos; nossos pensamentos nenhuma direção tomavam - estavam simplesmente ausentes.

E enquanto olhávamos a luz que brilhava naquele rio, parecíamos, de alguma maneira, perder a personalidade e, fechando os olhos, mergulhar num vazio abençoado. Um estado de beatitude!

* * *

NAQUELA MANHÃ ele voltou, acompanhado de um moço - o monge que falara sobre disciplina, livros sagrados, a autoridade da tradição. O rosto bem lavado e também as suas vestes. Parecia o jovem um tanto nervoso. Acompanhara o monge - provavelmente seu guru - e esperava que ele começasse a falar. Olhava para o rio, mas pensando noutras coisas. A breve trecho, disse o sannyasi:

"Voltei, mas desta vez desejo falar sobre o amor e a sensualidade. Nós, que fizemos voto de castidade, temos problemas sensuais. O voto representa apenas um meio de resistir aos nossos incontroláveis desejos. Estou velho, e tais desejos já não me consomem. Antes do voto, eu era casado. Minha esposa morreu; deixei o lar e atravessei um período de agonia, de intoleráveis impulsos biológicos; combatia-os noite e dia. Foram tempos muito difíceis, cheios de solidão, de frustração, medo da loucura, e explosões neuróticas. Ainda hoje não ouso pensar demais nisso. Este jovem veio comigo, porque creio que está passando por idêntico problema. Deseja ele renunciar ao mundo e fazer voto de pobreza e castidade, tal como eu. Há muitas semanas venho palestrando com ele e achei que devia ser proveitoso virmos ambos conversar convosco a respeito deste problema - o problema do sexo e do amor. Espero nos permitais falar com toda a franqueza."

Se vamos tratar de tal assunto, sugerimos, em primeiro lugar, não comecemos a examiná-lo com base numa posição, atitude ou princípio, pois isso nos impedirá a investigação. Se sois contra o sexo, ou se sustentais ser ele necessário à vida, qualquer pressuposto dessa natureza será um obstáculo ao percebimento real. Devemos pôr à margem toda e qualquer conclusão para podermos olhar, examinar em liberdade.

Caíam agora gotas de chuva e as aves se haviam quietado, porque ia chover a cântaros - e as folhas das árvores se iam encher de viço e verdor, de luz e cor. Sentia-se o cheiro da chuva e aquela estranha calma que precede um temporal.

Temos, pois, dois problemas para considerar - o amor e o sexo. O primeiro é uma idéia abstrata, e o outro um impulso biológico diário e real, um fato que existe e não pode ser negado. Averigüemos primeiramente o que é o amor - não como idéia abstrata, porém o

que ele realmente é. Que é amor? É mero gozo sexual, cultivado pelo pensamento como prazer, lembrança de uma experiência que proporcionou grande deleite, satisfação sexual? É a beleza do pôr do Sol, ou a folha delicada que tocamos ou vemos, ou o perfume da flor que cheiramos? O amor é prazer ou desejo? Ou não é nenhuma dessas coisas? Pode o amor ser dividido em sagrado e profano? Ou é uma coisa indivisível, integral, que o pensamento não pode fracionar? Ele existe sem objeto? Ou só se torna existente por causa do objeto? É por verdes o rosto de uma mulher que o amor se manifesta em vós? - sendo então o amor sensação, desejo, prazer, a que o pensamento dá continuidade? Ou é o amor um estado em vós existente que corresponde à beleza, traduzida em ternura? O amor é coisa cultivada pelo pensamento, de modo que o seu objeto se torna importante, ou não está em nenhuma relação com o pensamento, sendo, por conseguinte, independente, livre? A menos que compreendamos esta palavra e a significação que atrás dela se esconde, viveremos torturados, ou nos tornaremos neuróticos sexuais, ou escravos do sexo.

O amor não pode ser fragmentado pelo pensamento. Quando o pensamento o fragmenta, dividindo-o em impessoal, pessoal, sensual, espiritual, minha pátria, vossa pátria, meu deus e vosso deus, então ele já não é amor, porém uma coisa completamente diferente - um produto da memória, da propaganda, da conveniência, do conforto, etc.

O sexo é produto do pensamento? O sexo - o prazer, o deleite, o companheirismo, a ternura que ele envolve, é uma lembrança fortalecida pelo pensamento? No ato sexual há autoesquecimento, auto-abandono, uma sensação de inexistência do medo, da ansiedade, das tribulações da vida. Ao lembrar-vos desse estado de ternura e auto-esquecimento, e desejando sua repetição, ficais, por assim dizer, a ruminá-lo, até a próxima ocasião. Isso é ternura, ou apenas a lembrança de uma coisa acabada e que, pela repetição, esperais reaver? A repetição de uma certa coisa, por mais agradável que seja, não é um processo destrutivo?

Subitamente, o moço encontrou a sua língua: "O sexo, como dissestes, é um impulso biológico e, se é destrutivo, o comer não é também destrutivo, já que é também um impulso biológico?"

Se como quando tenho fome, isso é uma coisa. Se tenho fome e o pensamento diz: "Quero saborear tal ou tal iguaria" - isso é então pensamento, e essa é que é a repetição destrutiva.

"No sexo, como se sabe qual é o impulso biológico, semelhante à fome, e qual a exigência psicológica, semelhante à avidez?", perguntou o moço.

Porque separar o impulso biológico da exigência psicológica? E há, ainda, outra questão, uma questão totalmente diferente: porque separais o sexo do apreciar a beleza de uma montanha, a formosura de uma flor? Porque atribuís enorme importância a uma coisa e desprezais a outra?

"Se o sexo é algo de todo diferente do amor, como pareceis dizer, há então necessidade de fazer alguma coisa em relação ao sexo?", inquiriu o moço.

Nunca dissemos serem o amor e o sexo duas coisas separadas. O que dissemos foi que o amor é integral, não pode ser fracionado, e o pensamento, por sua própria natureza, é fragmentário. Quando o pensamento domina, o amor, é claro, não existe. O homem em geral conhece - talvez só conheça - o sexo do pensamento, que é ruminar o quimo do prazer, e sua repetição. Por conseguinte, temos de perguntar: Existe uma outra qualidade de sexo não pertencente ao pensamento ou ao desejo?

O sannyasi estivera a ouvir tudo com serena atenção. Então disse: "A ele resisti, fiz voto contra ele, porque, pela tradição, pela razão, necessitamos daquela energia para a vida dedicada à religião. Mas percebo agora que essa resistência consumiu uma enorme soma de energia. Nela despendi mais tempo, desperdicei mais energia do que jamais gastei com o próprio sexo. Assim, o que dissestes - que toda espécie de conflito é desperdício de energia - compreendo-o agora. O conflito e a luta são de efeitos muito mais mortais do 'que admirar o rosto de uma mulher, ou ainda, talvez, mais mortais do que o próprio sexo."

Existe amor sem desejo, sem prazer? Existe sexo sem desejo, sem prazer? Existe amor integral, impenetrável ao pensamento? É o sexo uma coisa pertencente ao passado, ou é, cada vez, uma coisa nova? O pensamento, obviamente, é velho, e por isso estamos sempre a contrastar o velho e o novo. Fazemos perguntas provenientes do "velho" e queremos uma resposta em conformidade com o velho. Assim, quando perguntamos: "Existe sexo independente do pensamento" - não significa isso que não saímos do "velho"? Tão condicionados estamos pelo velho, que não somos capazes de achar o caminho para o novo. Dissemos que o amor é integral e sempre novo - "novo', não oposto a "velho", porque isso é também "o velho". Qualquer asserção de que existe sexo sem desejo é de todo em todo fútil, mas, se tiverdes discernido a significação do pensamento, então talvez vos encontreis com "a outra coisa" (the other). Se, todavia, exigirdes vosso prazer a qualquer preço, então não existirá amor.

Disse o jovem: "Aquele impulso biológico a que vos referistes é exatamente essa exigência, porquanto, embora possa diferir do pensamento, gera pensamento. "

"Talvez eu possa responder a meu jovem amigo", disse o sannyasi, "porque já passei por tudo isso. Exercitei-me anos seguidos em não olhar para uma mulher. Controlei impiedosamente a exigência biológica. O impulso biológico não gera pensamento; o pensamento o apreende, o pensamento o utiliza, o pensamento faz imagens, representações desse impulso - e então o impulso fica escravizado ao pensamento. É o pensamento que gera o impulso, o mais das vezes. Como disse, começo a perceber a extraordinária natureza de nosso poder de enganar a nós mesmos, e de nossa desonestidade. Há em nós muita hipocrisia. Nunca podemos ver as coisas como são, mas temos de criar ilusões em torno delas. O que nos estais dizendo, senhor, é que olhemos todas as coisas com olhos límpidos, sem a lembrança de ontem. Em vossas palestras tendes repetido isso freqüentemente. A vida não se torna então um problema. Só agora, em minha avançada idade, começo a perceber isso."

O moço não parecia inteiramente satisfeito. Ele queria a vida de acordo com suas condições, consoante a fórmula que esmeradamente construíra.

É por essa razão que muito importa conhecermos a nós mesmos, independentes de qualquer fórmula ou de qualquer guru. Esse constante percebimento sem escolha põe fim a todas as ilusões, a toda a hipocrisia.

A chuva caía agora em torrentes, o ar estava parado, e só se ouvia o som da chuva no telhado e nas folhas.

CALIFÓRNIA

1. O AGORA É O SILÊNCIO DO ONTEM

MEDITAÇÃO não é o mero experimentar de uma realidade existente fora de nossos habituais pensamentos e sentimentos, nem é busca de visões e deleites. A mente imatura e vulgar, confusa, pode ter, e com efeito tem, visões procedentes da consciência expandida - e experiências que reconhece de acordo com o seu condicionamento. Essa falta de madureza não impede uma pessoa de ser bem sucedida neste mundo, de lograr fama e notoriedade. Os gurus que ela segue são da mesma qualidade e se acham no

mesmo estado. A meditação não se relaciona com nada disso. Ela não é para o homem que está buscando, porque este acha o que procura, e o conforto que isso lhe dá é a moralidade criada por seus próprios temores.

Por mais que se esforce, o homem dado à crença e ao dogma não pode entrar na esfera da meditação. Para meditar, é necessária a liberdade. Não há primeiro meditação e depois liberdade; a liberdade - a total negação da moralidade e dos valores sociais - é o primeiro movimento da meditação. Esta não é uma atividade pública em que muitos podem participar e fazer orações. Ela é só, e está sempre fora dos limites da conduta social. Porque a Verdade não se acha nas coisas do pensamento ou naquilo que o pensamento fabricou e chama "a verdade". A completa negação dessa estrutura do pensamento é a positividade da meditação.

Naquela manhã, o mar estava muito calmo; bem azul, quase como um lago, e o céu muito limpo. Gaivotas e pelicanos circulavam no ar, por perto da praia - os pelicanos quase a tocar a água com suas asas pesadas e seu vôo lerdo. O céu estava todo azul e os montes, além, crestados pelo Sol, com exceção de umas poucas moitas. Uma águia vermelha surgiu daqueles montes, transpôs a ravina e desapareceu entre as árvores.

Naquela parte do mundo, a luz tinha uma virtude de penetração e resplendor que não turvava a vista. Sentia-se um cheiro de sumagre, laranjas e eucaliptos. Havia meses não chovia e a terra estava tostada, ressecada. Nos morros, viam-se cervos, ocasionalmente. E, certa vez, passeando pelos altos de um morro, deparamos um urso, muito empoeirado e "desalinhado". Por aquele caminho encontravam-se freqüentemente cascavéis e, de quando em quando, "lagartixas espinhosas" (1). No caminho, raramente se encontrava alguém. Era uma trilha poeirenta, pedregosa e totalmente silenciosa.

Bem à nossa frente surgiu uma codorniz com os filhotes. Devia haver mais de uma dúzia deles, todos imóveis, fingindo não existir. Quanto mais subíamos, tanto mais deserta se tornava a região, não se encontrando por ali uma única habitação, pois não havia água. Pássaros também não havia, e escassas eram as árvores. Brilhava o Sol muito forte, causticante.

Naquela grande altitude, subitamente e muito perto de nós, apareceu uma cascavel, chocalhando estridentemente a cauda, a modo de advertência. Demos um salto. Lá estava ela, a cascavel, de cabeça triangular, toda enrolada, os chocalhos no centro e a cabeça virada para nós. Alguns pés nos separavam, e daquela distância ela não nos podia picar. Ficamos a olhá-la fixamente, e ela, por sua vez, nos fitava, com seus olhos que não pestanejam. Estivemos algum tempo a observá-la, sua untuosa flexibilidade, sua periculosidade; e não sentíamos medo. Depois, enquanto a observávamos, desenrolou a cabeça e a cauda, assestando-as para nós e ao mesmo tempo recuando. Quando dela nos aproximávamos, novamente se enrolava, com a cauda no centro, pronta para o bote. Prosseguimos esse brinquedo por algum tempo, até a serpente cansar-se e, então, deixamo-la em paz e descemos para a beira do mar.

Uma casa aprazível, com janelas que davam para a relva. Toda caiada por dentro e de proporções simétricas. Nas noites frias acendia-se a lareira. É adorável observar o fogo com suas mil línguas e sombras. Nenhum barulho, salvo o bramir do mar.

Na sala, um pequeno grupo de dois ou três conversava sobre assuntos gerais - a moderna juventude, o cinema, etc. Em dado momento, um deles disse: "Permiti-nos uma pergunta?" - Era pena quebrar a placidez do céu azul e dos montes. - : "Queremos perguntar-lhe o que significa para vós o tempo. Sabemos mais ou menos o que a seu respeito dizem os cientistas e os escritores de ficção científica. O homem, parece-me, sempre andou às voltas com este problema do tempo - a infinita série : de dias passados e futuros. Dos períodos mais remotos aos nossos dias, o tempo sempre ocupou o espírito humano. Os filósofos têm especulado a seu respeito e as religiões oferecem suas explicações especiais. Podemos conversar sobre este assunto?"

Vamos examiná-lo um tanto profundamente, ou desejais apenas considerá-lo pela rama e largá-lo sem ter chegado a parte alguma? Se vamos conversar seriamente, devemos esquecer o que disseram as religiões, os filósofos e outros, porque, com efeito, não se pode confiar em nenhum deles. Não é por insensível indiferença ou por arrogância que deles desconfiamos, mas, sim, por vermos que, para se fazerem descobrimentos, cumpre pôr à margem toda e qualquer autoridade. Se estais preparado para isso, poderemos examinar esta matéria de maneira muito simples.

Independentemente do relógio, existe o tempo? Aceitamos uma quantidade de coisas; a obediência nos tem sido instilada de tal maneira que a aceitação parece natural. Mas, existe de fato o tempo, independente dos muitos dias passados? O tempo é uma continuidade constituída de ontem, hoje e amanhã, e existe tempo sem ontem? Que é que dá continuidade aos milhares de dias pretéritos?

Uma causa produz o seu efeito, e o efeito, por sua vez, se torna causa; não há separação entre ambos, trata-se de um só movimento. Esse movimento chama-se "tempo", e com elo em nossos olhos e em nossos corações, vemos as coisas. Vemos com os olhos do tempo, e traduzimos o presente em conformidade com o passado; e essa tradução vai ao encontro do amanhã . Eis a cadeia do tempo.

Aprisionado nesse processo, o pensamento interroga: "Que é o tempo?" - Essa própria interrogação faz parte, do mecanismo do tempo. Portanto, não tem valor algum, porque o pensamento é tempo. O ontem produziu o pensamento e este, por conseguinte, divide o espaço em ontem, hoje e amanhã. Ou diz: "Só há o presente", esquecendo-se de que o próprio presente é produto de ontem.

Nossa consciência é constituída dessa cadeia do tempo e, dentro de seus limites, estamos perguntando: "Que é o tempo? E, se não há tempo, que é feito do ontem?" - Tais perguntas vêm da esfera do tempo, e não há resposta para uma pergunta do pensamento a respeito do tempo.

Ou, não há nem ontem nem hoje, porém apenas o agora? Esta não é uma pergunta do pensamento. Ela se faz quando se percebe a estrutura e a natureza do tempo - mas não com os olhos do pensamento.

Existe realmente amanhã? Existe, decerto, se temos de tomar um trem; mas, interiormente, existe amanhã para a dor e o prazer, ou para se realizar uma coisa importante? Ou só existe o agora, sem nenhuma relação com ontem? O tempo só pára quando o pensamento pára. É no momento dessa parada que está o agora. Esse agora não é uma idéia, mas um fato real; o que aconteceu foi só que o mecanismo do pensamento parou. A percepção do agora é muito diferente da palavra, que pertence ao tempo. Portanto, não nos deixemos enredar nas palavras "ontem", "hoje" e "amanhã". A percepção do agora só pode existir na liberdade, e a liberdade não é cultivável pelo pensamento.

E logo se apresenta a pergunta: "Qual a ação do agora?" - Nós só conhecemos ação dependente do tempo e da.memória, e o intervalo entre ontem e o presente. Nesse intervalo ou espaço é que começa toda a confusão e conflito. O que realmente estamos perguntando é isto: Se não há intervalo algum, que é ação? A mente consciente pode dizer: "Fiz tal coisa espontaneamente", mas na realidade não é isso o que acontece. Essa coisa - espontaneidade - não existe, porque a mente está condicionada. O real é o único fato; o real é o agora; e, vendo-se incapaz de encontrar-se com ele, o pensamento constrói imagens a seu respeito. O intervalo entre a imagem e o que é - é a aflição que o pensamento criou.

Ver o que é, sem o ontem, é o agora. O agora é o silêncio do ontem.

(1**)**Horned toad (sapo cornudo) : Espécie de lagartixas inofensivas, cobertas de escamas e espinhos córneos (Dicionário «Webster Collegiate») - N. do T.

2. SÓ A PLENITUDE DO CORAÇÃO É INOCENTE

A MEDITAÇÃO é um movimento infinito. Um homem não pode dizer quando está meditando ou reservar um determinado período para a meditação. Ela não está "às ordens" de ninguém. Sua bênção não vem ao homem só pelo fato de viver sistematicamente ou de seguir uma certa rotina ou código moral. Vem quando o coração está realmente aberto. Aberto, não com a chave do pensamento, como um cofre guardado pelo intelecto, porém aberto como o céu sem nuvens. Então ela vem sem a pressentirmos, sem a chamarmos. Mas, não podemos vigiá-la, guardá-la, render-lhe devoção. Se tentardes fazê-lo, ela nunca mais voltará: por mais que vos esforceis, ela vos evitará sempre. Na meditação, a pessoa não é importante, nenhum lugar lhe compete; sua beleza está nela própria e não em vós. A essa beleza nada se pode acrescentar. Não vos ponhais à janela, na esperança de pegá-la desprevenida, nem vos senteis num quarto escuro à sua espera; ela só vem quando vós estais completamente ausente, e sua bem-aventurança não tem continuidade.

As montanhas dominavam a imensidão azul do mar, estendendo-se por muitas milhas. Os montes eram quase estéreis, crestados pelo Sol, com pequenas moitas, e nas suas dobras existiam árvores tisnadas pelo Sol e pelo fogo, porém ainda vivas, florescentes, e em paz. Uma árvore sobressaía especialmente, um gigantesco e velho carvalho que parecia dominar todos os morros circundantes. E, no alto de outro morro, havia uma árvore morta, queimada pelo fogo; lá se erguia ela, toda nua, cinzenta, sem uma única folha. Ao contemplarmos aquelas montanhas, sua beleza e seus contornos, delineados contra o céu azul, aquela árvore parecia sustentar sozinha o firmamento. Tinha muitos galhos, todos mortos, e nunca mais tornaria a fruir as delícias da primavera. Todavia, era intensamente viva, em graça e formosura; sentíamo-nos como parte dela, sós, sem nenhum arrimo, fora do tempo. Parecia que ali ficaria para todo o sempre, como o grande carvalho do vale. Ele estava vivo, e ela morta; e ambos eram as únicas coisas importantes entre aqueles montes crestados pelo Sol, enegrecidos pelo fogo e à espera

das chuvas invernais. Víamos a totalidade da vida, inclusive nossa própria vida, naquelas duas árvores - uma viva, a outra morta. E, no meio, o amor, bem agasalhado, invisível, modesto.

Debaixo da casa morava uma mãe com quatro filhos. No dia de nossa chegada, estavam todos na varanda, a mamãe-quati e seus quatro rebentos. Estes mostraram-se imediatamente muito amigáveis - com seus olhinhos negros, penetrantes, e suas patas macias - reclamando comida, nervosos. A mãe mantinha-se a distância. Na tarde seguinte, lá estavam de novo, comeram de nossas mãos, e lhes tocamos as patinhas macias. De boa vontade se deixariam domesticar, e mimar. Olhávamos com admiração sua beleza, seus movimentos. Dentro de mais alguns dias não teriam mais cerimônias conosco; neles sentíamos a imensidão da vida.

Dia belo e luminoso, e todos os arbustos e moitas sobressaiam, claramente delineados, contra o Sol radioso. O homem viera do vale e subira o morro, até à casa que dominava uma ravina e, além dela, toda uma cadeia de montanhas. Perto da casa havia uns poucos pinheiros e altos bambus.

Era um moço muito esperançoso, ainda ileso da brutalidade da civilização. O que desejava era estar em paz, em silêncio, quietado não só pelo silêncio dos montes, mas também pela brandura de seus próprios impulsos.

"Que papel represento neste mundo? Em que relação estou com a ordem universal? Que significa este conflito sem fim? Tenho uma amada; dormimos juntos. Todavia, isso não representa o alvo final. Este é como um sonho longínquo, que se esvai e de novo se aviva, ora palpitando com força, ora sem significação nenhuma. Vi muitos de meus amigos tomarem drogas. Tomaram-se entorpecidos, com as faculdades embotadas. Eu também, talvez, mesmo sem drogas, acabarei embotado pela rotina da vida e a dor de minha própria solidão. Nada valho, no meio de tantos milhões. Trilharei a mesma senda que os demais, nunca deparando uma gema incorruptível, que jamais possa ser roubada, jamais perca o seu brilho. Assim, decidi vir conversar convosco, se para isso tendes tempo. Não peço respostas às minhas perguntas. Estou perturbado; embora jovem, já perdi o ânimo. Vejo, em redor, as condições irremediáveis da velha geração, sua amargura, crueldade, hipocrisia, transigência e prudência. Estes nada têm que dar e -

muito estranho - nada desejo deles. Não sei o que quero, mas sei muito bem que tenho de viver uma vida fecunda, plenamente significativa. Decididamente, não desejo assumir uma certa função e gradualmente me tornar importante nesta existência informe e sem significado. As vezes, lamento a mim mesmo, ante a solidão e a beleza das estrelas distantes."

Ficamos em silêncio durante algum tempo, e os pinheiros e os bambus se agitavam na aragem.

A águia e a cotovia não deixam vestígios de seu vôo; o cientista deixa suas pegadas, como todos os especialistas. Podemos segui-las, passo por passo, e acrescentar mais alguns passos ao que descobriram e acumularam: e sabemos, mais ou menos, aonde leva a acumulação por eles feita. Mas a verdade não é assim; é uma terra sem caminhos; pode ser encontrada na próxima volta da estrada ou a mil milhas de distância. Temos de manter-nos em movimento e, então, vê-la-emos a nosso lado. Mas, se nos detemos, a fim de, traçar um caminho para outros seguirem ou um plano de nosso próprio caminho na vida, ela nunca se aproximará de nós.

"Isso é poesia ou realidade?"

Que achais? Para nós, tudo precisa estar bem cortado e bem seco, para fazermos alguma coisa de prático, construir alguma coisa, adorá-la. Podeis levar para casa um pedaço de pau, colocá-lo sobre uma estante, e todos os dias depositar diante dele uma flor; passados alguns dias, esse pedaço de pau terá uma enorme significação. A mente pode dar significação a qualquer coisa, mas a significação que a mente dá é insignificativa. Quando se pergunta qual a finalidade da vida, isso é coisa semelhante a querer adorar um pedaço de pau. O terrível é que a mente está sempre a inventar novas finalidades, novos significados, novos deleites, e sempre a destruí-los. Nunca se encontra quieta. A mente que, na sua quietude, tem riqueza, nunca olha para além do que é. Temos de ser ao mesmo tempo a águia e o cientista, e perceber que os dois jamais se encontrarão. Isso não significa que sejam entidades separadas. Ambos são necessários. Mas, quando o cientista quer tornar-se águia, e quando a águia deixa pegadas, há então aflições no mundo.

Vós sois bem jovem. Tende o cuidado de nunca perder a vossa inocência e a vulnerabilidade que ela proporciona. E este o único tesouro que o homem pode possuir, e deve possuir.

"Essa vulnerabilidade é o princípio e o fim de nossa existência? E a única gema inapreciável que se pode descobrir?"

Não se pode ser vulnerável sem inocência e, ainda que tenhais mil experiências, mil alegrias e tristezas, se não morrerdes para todas elas, como poderá a mente ser inocente? Só a mente que é inocente - apesar de seus milhares de experiências - é capaz de ver o que é a Verdade. E só a Verdade pode tornar a mente vulnerável, isto é, livre.

"Dizeis que não se pode ver a verdade sem se ser inocente, e que não se pode ser inocente sem se ver a verdade. Isto não é um círculo vicioso?"

A inocência só começa a existir com a morte do ontem. Mas nós nunca morremos para ontem. Sempre nos resta um remanescente, um frangalho de ontem, e é essa a âncora que prende a mente ao tempo. E, assim, o tempo é o inimigo da inocência. Temos de morrer todos os dias para todas as coisas que a mente prendeu e conserva. De outro modo, não há liberdade. Na liberdade existe vulnerabilidade. Não há primeiro uma coisa e depois a outra - é tudo um só movimento: o vir e o ir. Só a plenitude do coração é inocente.

3. DESEJO SER DIFERENTE...

MEDITAÇÃO significa esvaziar a mente do "conhecido". O conhecido é o passado. O esvaziar não vem no fim de uma acumulação, mas significa: nada acumular. "O que foi" só se esvazia no presente, não por meio do pensamento, mas, sim, pela ação, pela atividade de "o que é" . O passado é movimento de conclusão para conclusão, e julgamento de "o que é" pela conclusão. Todo juízo é conclusão, a qual pode ser do passado ou do presente, e é esta conclusão que impede o constante esvaziar da mente, do conhecido; porque o conhecido é sempre conclusão, determinação.

O conhecido é a ação da vontade, e a vontade em ação é a continuação do conhecido; por conseguinte, a ação da vontade não pode de modo nenhum esvaziar a mente. A "mente vazia" não pode ser adquirida em nenhum mercado, torna-se existente quando o pensamento está bem cônscio de suas próprias atividades - e não quando o pensador está cônscio do seu pensamento.

A meditação é a inocência do presente e, em conseqüência, é sempre só. A mente totalmente só, ilesa do pensamento, cessa de acumular. Portanto, o esvaziar da mente está sempre no presente. Para a mente que está só, o futuro - que pertence ao passado - deixa de existir. A meditação é um movimento, e não uma conclusão, um fim que precisa ser alcançado.

A floresta era muito grande e continha pinheiros, carvalhos, arbustos e sequóias (1) . Lá havia um regato que descia o declive com um constante murmúrio. Viam-se pequenas

borboletas azuis e amarelas que, talvez por não acharem uma flor em que pousar, iam flutuando no ar, em demanda do vale, lá embaixo.

Era muito velha aquela floresta, e as sequóias mais velhas ainda. Árvores enormes, muito altas, e predominava ali aquela peculiar atmosfera da ausência do homem - com suas espingardas, seu tagarelar e sua exibição de saber. Não havia caminho pela floresta. Tivemos de deixar o carro a alguma distância e percorrer uma vereda atapetada de folhas de pinheiro.

Encontramos um gaio, que logo avisou a todos da aproximação do homem. O aviso produziu efeito, porque todo movimento animal pareceu deter-se e estabeleceu-se aquela atmosfera de intensa vigilância. O Sol dificilmente penetrava ali, e predominava uma tranqüilidade que quase se podia apalpar.

Dois esquilos vermelhos, de caudas longas e felpudas, desceram pelo pinheiro, a tagarelar, e a fazer com suas garras um barulho de arranhaduras. Perseguiam um ao outro, rodopiando pelo tronco, num delírio de prazer e de deleite. Havia entre eles uma certa tensão - uma combinação de brinquedo, sexo e alegria. Estavam de fato a deliciar-se. O de cima às vezes parava subitamente para observar o de baixo, e então o de baixo também parava, e os dois ficavam a olhar-se, as caudas erguidas, os focinhos a mexer-se, apontados um para o outro. Com os olhos agudos absorviam um ao outro e também o movimento em redor. Estiveram antes a ralhar com o homem que os observava, sentado em baixo da árvore, mas já o tinham esquecido; entretanto, continuavam bem atentos um para o outro, e a gente quase podia sentir o deleite que encontravam em sua mútua companhia. Seu ninho devia ser bem no alto. Por fim se cansaram; um correu para o alto da árvore e o outro pelo chão, desaparecendo atrás de outra árvore.

O gaio azul, muito vivo e curioso, estivera a observá-los e ao homem sentado em baixo da árvore; também ele partiu, voando e soltando altos gritos.

Acumulavam-se nuvens e provavelmente dentro de uma ou duas horas ia haver trovoada.

A analista diplomada trabalhava num grande hospital. Bem jovem ainda, com um vestido moderno, de saia acima dos joelhos; parecia achar-se num estado de grande tensão e muito aflita. À mesa, mostrava-se desnecessariamente loquaz, externando com vigor o seu pensar sobre as coisas, sem olhar pela janela, uma só vez sequer, as flores, as folhas agitadas pela brisa e o alto e imponente eucalipto a oscilar suavemente ao vento. Comia ao acaso, sem mostrar especial interesse no que estava comendo.

Na saleta contígua, disse: "Nós analistas ajudamos os doentes a ajustar-se a uma sociedade mais doente ainda do que eles e, às vezes, talvez muito raramente, conseguimos bom êxito. Mas, decerto, todo sucesso é obra da natureza. Já analisei muitas pessoas. Não gosto desse trabalho, mas tenho de ganhar a vida, e há tanta gente doente. Não creio seja possível ajudá-los muito, embora naturalmente estejamos sempre a experimentar novas drogas, agentes químicos e teorias. Mas, deixando de parte os doentes, eu própria estou lutando para tornar-me diferente da pessoa vulgar, comum."

Mas, na própria luta para serdes diferente, não vos estais fazendo igual aos outros? Ora, porque tanta luta?

"Mas, se não me esforço, se não luto, serei tal qual a dona de casa vulgar, burguesa. Desejo ser diferente e por esta razão é que não quero casar. Porém, me sinto, realmente, muito só e foi esta solidão que me fez exercer esta profissão."

E, assim, a solidão vos está levando gradualmente ao suicídio, não está?

Assentiu com a cabeça. Estava quase em lágrimas.

Todo movimento da consciência não conduz ao isolamento, ao medo, e a essa incessante luta para ser-se diferente? Tudo isso faz parte desse impulso para o preenchimento, para identificar-nos com alguma coisa, ou identificar-nos com o que somos. A maioria dos analistas têm seus mestres e agem consoante as respectivas teorias e escolas, já estabelecidas em bases firmes, apenas cuidando de modificá-las e acrescentar-lhes uma nova tendência.

"Eu pertenço à escola nova; procedemos sem o símbolo, enfrentando diretamente a realidade. Abandonamos os primitivos mestres e seus símbolos para ver o ente humano tal como é. Mas isso se está tornando também uma nova escola, e não estou aqui para apreciar os méritos das diferentes escolas, teorias e mestres, mas, sim, para falar a respeito de mim mesma. Não sei o que fazer."

Não vos achais tão doente como os pacientes que estais tentando curar? Não fazeis parte da sociedade - que talvez esteja mais confusa e mais doente do que vós? Trata-se, pois, de uma questão mais fundamental, não é?

Sois o resultado desse enorme peso da sociedade, com sua cultura e suas religiões, e ela vos compele tanto econômica como interiormente. Ou tendes de fazer as pazes com a sociedade, ou seja aceitar os seus males, e com eles viver, ou tendes de repudiá-la totalmente e tratar de descobrir uma nova maneira de viver. Mas não podeis encontrar a nova maneira sem abandonardes a velha.

O que realmente desejais é segurança, não é verdade? Nisso consiste toda a busca do pensamento - ser diferente, mais hábil, mais penetrante, mais engenhoso. Nesse processo o que quereis é achar uma profunda segurança, não? Mas tal coisa existe de fato? A segurança nega a ordem. Não há segurança nenhuma nas relações, na crença, na

ação, e por a procurarmos é que criamos desordem. Segurança gera desordem, e ao encarardes a crescente desordem existente em vós mesma, quereis pôr-lhe fim.

Na área da consciência, com suas fronteiras, largas e estreitas, o pensamento está sempre à procura de um lugar seguro. E, assim, o pensamento está criando desordem; a ordem não é produto do pensamento. Quando termina a desordem, começa a ordem. O amor não se encontra nas regiões do pensamento. Como a beleza, ele não pode ser retocado com um pincel. Temos de abandonar toda a desordem em nós existente.

Ela ficou muito silenciosa, em total recolhimento. Era-lhe difícil conter as lágrimas que lhe desciam pelas faces.

(1**)**Sequóia: árvore da Califórnia, de madeira vermelha, razão por que também é chamada redwood. (Cf. "Webster Collegiate"). - (N. do T.).

4. DEPURAÇÃO DO PASSADO

OSONO é tão importante como estar acordado, talvez mais importante ainda. Se durante o dia a mente se mantiver vigilante, calma, observando o movimento interior e exterior da vida, então, à noite, a meditação virá como uma bênção. A mente desperta, e das profundezas do silêncio vem o encantamento da meditação, a qual nenhuma imaginação ou vôo da fantasia jamais pode criar. Ela vem sem a mente chamar: nasce da tranqüilidade da consciência - não dentro dela, mas fora dela; não na periferia do pensamento, mas além dos seus limites. Por conseguinte, não deixa lembrança, porque a lembrança pertence sempre ao passado, e meditação não é ressurreição do passado. Ela brota da plenitude do coração, e não da ilustração e da capacidade intelectual. Poderá vir, noite após noite, mas, cada vez, se tendes tamanha ventura, ela é nova - não por ser diferente do velho, porém nova sem o "fundo" representado pelo velho, nova em sua diversidade e constante mutação. Torna-se, assim, o sono uma coisa de extraordinária importância; não o sono da exaustão ou o sono provocado por meio de drogas e pela satisfação física, porém um sono tanto mais ligeiro e dinâmico, quanto mais sensível o corpo. E o corpo se torna sensível pela vigilância. As vezes, a meditação é tão ligeira como a brisa que passa; outras vezes, sua profundeza excede todas as medidas. Mas, se a mente prende uma ou a outra como uma lembrança para ser fruída, acaba-se o êxtase da meditação. Muito importa nunca possuí-la ou desejar possuí-Ia. A ânsia de possuir nunca deve entrar na meditação, porque a meditação não tem raiz, nem substância alguma apreensível pela mente.

Há dias, ao galgarmos o profundo desfiladeiro, todo ensombrado pelas áridas montanhas que o ladeiam, ele estava cheio de pássaros, insetos, e da tranqüila atividade dos pequenos animais. Fomos subindo sempre o suave declive até alcançarmos uma grande altitude, de onde se podiam ver todos os montes e montanhas circundantes sob a luz do ocaso. Pareciam como que iluminados interiormente por uma luz que nunca se apagaria. Mas, enquanto a observávamos, a luz esmorecia, e no oeste a estrela vespertina se foi tornando mais e mais brilhante. Uma tarde cheia de encanto. Sentíamos como se todo o universo estivesse ali, a nosso lado, e uma extraordinária paz nos rodeava.

Não temos luz dentro de nós mesmos: temos a luz artificial dos outros: a luz do saber, a luz que o talento e a capacidade dão Essa espécie de luz empalidece e se torna dor. A luz do pensamento torna-se sua própria sombra. Mas a luz que nunca esmorece, o profundo e interno resplendor que não é artigo adquirível no mercado, não pode ser

mostrada a outrem. Não podemos cultivá-la, não podemos imaginá-la ou a seu respeito especular, porquanto ela não se acha ao alcance da mente.

Era ele um monge de certo renome que vivera num mosteiro e também fora dele, sozinho, sempre a buscar, e com muita seriedade.

"O que dizeis a respeito da meditação parece verdadeiro; ela é inatingível. Isso significa que não deve haver buscar, nem desejar, nenhuma espécie de movimento para alcançá-la, seja o gesto deliberado de sentar-nos numa postura especial, seja assumindo uma atitude perante a vida ou perante nós mesmos, não é assim? Nesse caso, que se pode fazer? Que valor podem ter quaisquer palavras?"

Buscamos por causa de nosso vazio, dirigimo-nos para o exterior a fim de preenchermos este vazio ou para fugirmos dele. Tal movimento em direção ao exterior, fugindo à pobreza interior, é conceptual, especulativo, dualista. É conflito, e não tem fim. Portanto, não busquemos o exterior! Mas a energia que se dirigia para o exterior, volta-se da busca exterior para a busca interior; e fica a buscar, a explorar, pedindo uma certa coisa que agora chama "interior". Os dois movimentos são essencialmente idênticos. Ambos devem terminar.

"Estais simplesmente a pedir-nos que nos contentemos com esse vazio?"

De modo nenhum.

"Por conseguinte, o vazio permanece, e uma espécie de perene desespero, que se torna maior ainda, se nem ao menos é permitido buscar!"

É desespero ver esta verdade que o movimento para fora e para dentro nenhuma significação tem? Isso é contentar-se com o que é? É aceitação do vazio? Nada disso. Assim, pois, acabamos com o movimento para fora, com o movimento para dentro, com a aceitação; negamos todo movimento à mente que se vê frente a frente com o vazio. Então a própria mente está vazia, porque o movimento é ela própria. A mente está vazia de todo movimento e, por conseguinte, não existe entidade alguma para iniciar qualquer movimento. Deixemo-la vazia. Deixemo-la ser vazia. A mente depurou-se do passado, do futuro e do presente. Depurou-se do "vir a ser", e "vir a ser" é tempo. Portanto, nela não há tempo; nela não há medida. E, então, isso é o vazio?

"Esse estado aparece e desaparece freqüentemente. Ainda que não seja o vazio, decerto não é o êxtase de que falais."

Esquecei o que foi dito. Esquecei também que ele aparece e desaparece. Quando ele aparece e desaparece, pertence ao tempo; existe então o observador que diz: "Ei-lo aqui - foi-se". Esse observador é a entidade que mede, compara, avalia; portanto, não é o vazio a que nos referimos.

"Estais-me anestesiando?" - e riu-se.

Quando não há medida nem tempo, existe algum limite ou contorno do vazio? Podeis então chamá-lo vazio ou nada? Então, tudo existe nele, e nada está contido nele.

5. TEMOS DE VER CLARAMENTE TODA ESTA CONFUSÃO

CHOVERA abundantemente durante a noite e, ao levantar-nos, de manhã cedo, sentia-se um intenso cheiro de sumagre, salva, e terra úmida. A terra era vermelha, e a terra vermelha tem cheiro mais forte do que a terra marrom. O Sol já clareava os morros, dando-lhes um maravilhoso tom de siena queimada, e todas as árvores e arbustos faiscavam, bem lavados pela chuva noturna, e tudo transbordava de alegria. Não chovera durante seis ou oito meses e pode-se imaginar o quanto a terra se estava deliciando, não só a terra, mas tudo quanto a cobre - as árvores enormes, o alto eucalipto, as*"pepper trees"* (*) e os carvalhos. As aves, naquela manhã, pareciam entoar um cântico diferente e, observando os morros e as montanhas, distantes e azuis, como que nos perdemos no meio deles.*Nós* não existíamos, nem as pessoas que nos cercavam. Só existia aquela beleza, aquela imensidão, só existia a terra, a espraiar-se, a dilatar-se. Naquela manhã, daqueles montes que se prolongavam por milhas e milhas vinha uma tranqüilidade ao encontro de nossa própria tranqüilidade. Como que um encontro da terra com o céu - um êxtase abençoado.

Na tarde daquele mesmo dia, ao galgarmos o desfiladeiro, a caminho dos morros, a terra vermelha cedia sob nossas pisadas, úmida e mole, e cheia de promessas. Subimos várias milhas pela íngreme ladeira e, após, subitamente começamos a descer. Ao dobrarmos uma volta do caminho, deparamos aquele silêncio completo que já começara a apoderar-se de nós, e, ao entrarmos no vale profundo, ele se tornou mais penetrante, mais absorvente e insistente. Não existia pensamento; só aquele silêncio. A medida que descíamos, ele parecia cobrir toda a terra e era espantoso como todos os pássaros e todas as árvores se quietavam. Nenhuma aragem soprava entre as árvores, que, com o escuro, se recolhiam em sua solidão. Era estranho como, tão acolhedoras que eram durante o dia, agora, com suas formas fantásticas, estavam tão distanciadas, apartadas e retraídas. Três caçadores passaram por nós, com seus possantes arcos e flechas, lanternas elétricas presas por correias à testa. Iam matar aves noturnas e pareciam inteiramente impermeáveis à beleza e ao silêncio que os rodeavam. Matar era o seu único intento, e todas as coisas pareciam olhá-los, cheias de horror e piedade.

Naquela manhã, um grupo de jovens invadira a casa. Cerca de trinta estudantes de várias universidades. Criados neste clima, eram fortes, bem nutridos, altos e cheios de entusiasmo. Só uns poucos se sentaram em cadeiras; a maioria se acomodou no chão, as moças - de mini-saias - um tanto constrangidas. Um dos rapazes começou a falar, com os lábios trêmulos e a cabeça baixa.

"Quero viver uma vida diferente. Não me quero ver escravizado ao sexo, às drogas, empenhado na "corrida de ratos". Desejo viver fora deste mundo e, todavia, estou preso a ele. Pratico o ato sexual e no dia seguinte me sinto totalmente deprimido. Sei que desejo viver pacificamente, com amor no coração, mas sou arrebatado por meus impulsos, pela força da sociedade em que vivo. Quero obedecer a esses impulsos e, entretanto, ao mesmo tempo me revolto contra eles. Quero viver no cume da montanha, mas estou sempre a descer ao vale, porque minha vida está lá. Não sei o que fazer. Começo a aborrecer-me com tudo. Meus pais não podem socorrer-me e tampouco os professores com quem às vezes procuro conversar sobre estes assuntos. Eles se acham tão confusos e aflitos como eu, de fato mais do que eu, porque são muito mais velhos."

O importante é nunca chegar a uma conclusão, ou a alguma decisão pró ou contra o sexo, nunca se deixar enredar em ideologias conceituais. Olhemos todo o quadro de nossa existência. O monge faz voto de celibato porque pensa que, para ganhar o seu céu, deve evitar todo o contato com uma mulher; mas, por todo o resto da vida fica a lutar contra suas exigências físicas em conflito com o céu e a terra, passa o resto dos seus dias na escuridão, em busca da luz. Cada um de nós está empenhado nesta mesma batalha psicológica, tal como o monge consumido de desejos e procurando reprima-los em troca da promessa do paraíso. Nós temos um corpo físico, com suas exigências. Essas exigências são estimuladas e influenciadas pela sociedade em que vivemos, pelos anúncios, pelas raparigas seminuas, pelo insistente desejo de divertimento, recreação, entretenimento, e pela moralidade da sociedade, a moralidade da ordem social, que é desordem e imoralidade. Fisicamente somos estimulados - comida mais farta e saborosa, bebida, televisão. O todo da existência moderna focaliza-nos a atenção no sexo. Vemo-nos provocados de todas as maneiras - pelos livros, pelas conversas, e por uma sociedade extremamente conivente. Tudo isso nos cerca; não adianta fechar-lhe os olhos. Nós temos de ver, em sua inteireza, essa maneira de vida, com suas absurdas crenças e divisões, e a total inexpressividade de uma vida toda consumida num escritório ou numa fábrica. E no fim de tudo - a morte. Temos de ver muito claramente toda esta confusão.

Agora, olhai por aquela janela e vede aquelas maravilhosas montanhas, lavadas e renovadas pela chuva da noite passada, e aquela esplendorosa luz da Califórnia, não existente em nenhuma outra parte. Vede, naqueles montes, a beleza da luz. Pode-se sentir a cheiro do ar puro e o frescor da terra. Quanto mais atento ficardes, quanto mais sensível vos tornardes a essa imensa e incrível luz e beleza, quanto mais "estiverdes com ela" - tanto mais se intensificará a vossa percepção. Isso também é sensual, tal como olhar uma rapariga. Não podeis "responder" com vossos sentidos àquela montanha e, depois, "desligá-los" ao verdes uma rapariga; dessa maneira dividis a vida, e em tal divisão se encontra o sofrimento e o conflito. Quando separais o alto da montanha do vale, estais em conflito. Isso não significa que devais evitar ou fugir ao conflito, ou entregar-vos ao sexo ou outro apetite de tal maneira, que fiqueis isolado do conflito. A compreensão do conflito não significa que devais vegetar ou tornar-vos igual a uma vaca.

Compreender essas coisas significa não ficar preso a elas, não depender delas. Significa: nunca negar coisa alguma, nunca chegar a conclusão nenhuma ou alcançar um certo estado ou princípio ideológico, verbal, para tentar viver de acordo com ele. A própria percepção de todo o conteúdo do mapa que se está desdobrando é inteligência. Essa inteligência é que atuará, e não uma conclusão, decisão ou princípio ideológico.

Nossos corpos se embotaram, tal como se embotaram nossa mente e nosso coração, por causa de nossa educação, de nosso ajustamento a um padrão estabelecido pela sociedade, o qual nega a sensibilidade do coração. Esse padrão nos manda à guerra, destruindo-nos toda a beleza, ternura e alegria. A observação de tudo isso, não verbal ou intelectual, porém real, torna altamente sensíveis o corpo e a mente. O corpo exigirá então o alimento adequado; a mente não se verá então enredada em palavras, em símbolos, em banalidades do pensamento. Saberemos então viver no fundo do vale e no alto da montanha; não haverá mais separação ou contradição entre ambos.

(*)Arvore frondosa da América, de folhas pinuladas e flores esverdeadas. (Cf. Dic. de Webster) - N. do T.

EUROPA

1. VER O QUE "É"

MEDITAÇÃO é o movimento da atenção. A atenção não resulta de esforço, porquanto não é pessoal. Só aparece o elemento pessoal quando existe o observador que, como centro, focaliza ou controla a atenção, tornando-a fragmentária e limitada. A atenção não tem fronteiras ou limites para atravessar; atenção é clareza livre de todo pensamento. O pensamento jamais pode dar clareza, porque tem suas raízes no passado morto e, assim, pensar é, uma ação que se verifica no escuro. Perceber isso é estar atento. O percebimento não é um método conducente à atenção; essa espécie de atenção está contida no campo do pensamento, podendo, por conseguinte, ser controlada ou modificada. Estar cônscio da desatenção é atenção. A meditação não é um processo intelectual, encerrado na esfera do pensamento: é um estado livre do pensamento, um movimento no êxtase da Verdade.

Nevava naquela manhã. Soprava um vento cortante; as árvores moviam-se, como a implorar a vinda da primavera. Naquela luz, os troncos das gigantescas faias e dos olmos eram daquele peculiar verde-cinza que se encontra nas velhas florestas, onde a terra é fofa, recoberta das folhas do outono. Caminhando entre as árvores, sentíamos a

atmosfera da floresta - não das árvores como unidades separadas, com suas formas e contornos particulares, porém da "qualidade total" de todo o conjunto de árvores.

Subitamente, o Sol nasceu; a leste descortinou-se uma vasta extensão de céu azul e, a oeste, um céu escuro e carregado. Naquele instante de radiosa luz começava a primavera. Na paz tranqüila do dia primaveril, sentia-se a beleza da terra e a unidade da terra e todas as coisas existentes na sua superfície. Não havia separação entre nós e as árvores e as cambiantes e maravilhosas cintilações da luz nas folhas do azevinho. Nós, o observador, deixáramos de existir e, portanto, terminara a divisão de espaço e tempo.

Ele se considerava um homem religioso; embora não pertencesse a nenhuma crença ou organização em particular, sentia-se religioso. Naturalmente já andara com todos os guias religiosos e deles se apartara mui desiludido, sem entretanto tornar-se pessimista. Porém, não havia encontrado a bem-aventurança que buscava. Fora professor de uma universidade, mas a deixara para dedicar-se a uma vida de meditação e busca.

Disse: "Estou sempre consciente da fragmentação da vida. Eu próprio sou um fragmento dessa vida - uma seção diferente, a lutar interminavelmente para me tornar o todo, parte integrante deste universo. Tenho-me esforçado por achar minha própria identidade. Interrogo-me se haverá uma maneira de sair dessa divisão para um estado indivisível, inseparável."

Nós dividimos a vida em família e comunidade, família e nação, família e profissão, política e vida religiosa, paz e guerra - uma interminável divisão dos opostos. Percorrendo essa galeria, tentamos estabelecer uma certa harmonia entre a mente e o coração, manter um equilíbrio entre o amor e a inveja. Conhecendo muito bem tal estado de coisas, nele queremos estabelecer determinada espécie de harmonia.

Qual é o fator dessa divisão? Existe, evidentemente, divisão, contraste - preto e branco, homem e mulher, etc. - mas, qual a fonte, a essência dessa fragmentação? A menos que

a descubramos, é inevitável a fragmentação. Qual pensais seja a causa básica dessa dualidade?

"Posso apresentar muitas causas dessa aparentemente infindável divisão e muitas maneiras pelas quais se tem tentado lançar uma ponte entre os opostos. Intelectualmente posso expor as razões da divisão, mas isso não leva a parte alguma. Tenho feito freqüentemente esse jogo, comigo mesmo e com outro. Venho tentando, mediante a meditação, o exercício da vontade, sentir a unidade das coisas, unir-me com todas as coisas - uma estéril tentativa."

O simples descobrimento da causa da separação, é claro não leva necessariamente à sua dissolução. Conhecemos a causa do medo e, no entanto, continuamos a ter medo. A investigação; intelectual perde sua liberdade de ação quando só se leva em conta a agudeza do pensamento. A fragmentação em "eu" e "não-eu" é, sem dúvida nenhuma, a causa básica dessa divisão ainda que o "eu" procure identificar-se com o "não-eu" - que pode ser a esposa, a família, a comunidade, ou a fórmula de Deus criada pelo pensamento. O "eu" está sempre a esforça-se por achar uma identidade, mas aquilo com que ele se identifica é sempre um conceito, uma lembrança, uma estrutura de pensamento.

Existe de fato dualidade? Objetivamente, existe - luz sombra, etc. - mas, psicologicamente, existe dualidade? Aceitamos a dualidade psicológica, assim como aceitamos a dualidade objetiva; isso faz parte de nosso condicionamento. Nunca pomos em dúvida esse condicionamento. Psicologicamente, existe alguma divisão? Só existe*o que é* , e não existe*o que devia ser* . O que devia ser é uma divisão feita pelo pensamento, no desejo de evitar ou superar a realidade do que é. Daí a luta entre o real e a abstração. A abstração é o fantasioso, o romântico, o ideal. O real é o que é e tudo mais é irreal. O irreal é a causa da fragmentação, e não o real. A dor é real; ausência de dor (*non-pain*) é o prazer, que, como pensamento faz a divisão entre a dor e o estado de "não-dor". O pensamento tende sempre a separar: faz a divisão do tempo e cria o espaço entre o observador e a coisa observada. Só existe o que é, e ver o que é, sem nenhuma intervenção do pensamento como observador, é o fim da fragmentação.

O pensamento não é amor; mas o pensamento, como prazer, aprisiona o amor e traz a dor para dentro dessa prisão. Na negação do que*não é* , fica o que*é* . Na negação do que não é amor, surge o amor, no qual cessa o "eu" e o "não eu".

2. A LIBERDADE ESTÁ ALÉM DO PENSAMENTO

INOCÊNCIA e amplitude são a florescência da meditação. Não há inocência sem espaço. Inocência não significa imaturidade. Pode o homem estar amadurecido fisicamente, mas o vasto espaço que vem com o amor não é possível se sua mente não estiver livre das inúmeras marcas da experiência. São essas cicatrizes da experiência que impedem a inocência. Libertar a mente da constante pressão da experiência é meditação.

No momento em que o Sol se põe vem uma maravilhosa quietude e o sentimento de que, em derredor, tudo deixou de existir, embora os ônibus e os táxis continuem a fazer barulho. Esse distanciamento das coisas parece penetrar todo o universo. Vós também já o deveis ter experimentado. Não raro ele chega quando menos se espera; uma tranqüilidade e paz parece descer do céu e cobrir toda a terra. Uma bênção que torna ilimitada a beleza da tarde. A estrada reluzente, após a chuva, os carros estacionados, o parque vazio, parecem fazer parte dela; e o riso do casal que passa não perturba a paz do anoitecer. As árvores nuas, negras, contra o céu, com seus delicados ramos, aguardavam a primavera, que já vinha, pressurosa, ao seu encontro. Crescia o capim novo e as árvores frutíferas estavam floridas. Lentamente, a paisagem retornava à vida; e do alto daquele morro divisava-se a cidade e as cúpulas de seus numerosos templos, uma delas mais alta e majestosa do que as outras. Viam-se os topos aplanados dos pinheiros e a luz

do entardecer nas nuvens. Estas pareciam ocupar todo o horizonte, em fileiras sucessivas, acumulando-se contra os montes, em formas as mais fantásticas: castelos como o homem jamais construiu, abismos profundos e picos altaneiros. Todas essas nuvens estavam iluminadas por uma chama vermelho-escura, algumas como que incendiadas, não pelo Sol, mas interiormente.

Aquelas nuvens não constituíam o espaço; achavam-se no espaço, que parecia estender-se infinitamente, de eternidade a eternidade.

Num arbusto próximo, cantava um melro. Era a eterna bênção.

Achavam-se presentes três ou quatro homens e as respectivas esposas, e todos estávamos sentados no chão. Daquela posição, as janelas eram muito altas, de modo que não se podia ver o jardim ou o muro fronteiro. Os homens exerciam profissões liberais: um era cientista, outro matemático, outro engenheiro. Especialistas que nunca transbordavam suas fronteiras como o rio transborda as suas margens, após as grandes chuvas É o transbordamento que enriquece o solo.

Perguntou o engenheiro: "Tendes falado freqüentemente a respeito do espaço e estamos interessados em saber o que entendeis por essa palavra. A ponte cobre o espaço entre duas margens ou entre dois montes. Espaço é formado por uma represa cheia d'água. Há espaço entre nós e o universo infinito. Há espaço entre vós e mim. É isso o que entendeis?"

Os outros corroboraram a pergunta; deviam ter conversado previamente sobre o assunto. Disse um deles: "Eu formularia esta pergunta diferentemente, em termos mais científicos, mas o resultado seria mais ou menos o mesmo."

Há o espaço que separa e prende, e o espaço ilimitado. O espaço entre um homem e outro, no qual medra a maldade, é o limitado espaço da separação; há separação entre vós, tal como sois, e a imagem que tendes de vós mesmo; há separação entre vós e o ideal - o que deveis ser; há o intervalo entre um monte e outro monte. E há a beleza do espaço sem o limite do tempo e da linha divisória.

Há espaço entre pensamento e pensamento? Entre lembranças? Entre ações? Ou não existe espaço algum entre um pensamento e outro pensamento, entre um raciocínio e outro raciocínio, entre a saúde e a doença, entre a causa que se torna efeito, e o efeito que se torna causa?

Se houvesse intervalo entre um pensamento e outro pensamento, o pensamento seria sempre novo, mas como nenhum intervalo existe, todo pensamento é velho. Podeis não ter consciência da continuidade de um pensamento; podeis retomá-lo uma semana depois de o terdes largado, mas, no ínterim, ele esteve a trabalhar dentro dos velhos limites.

Assim, a totalidade da consciência - que compreende o consciente e o inconsciente (palavra que infelizmente temos de usar) - está encerrada no estreito e limitado espaço da tradição, da cultura, do costume e da lembrança. A tecnologia poderá levar-nos à Lua, construir uma ponte em arco sobre um abismo, ou estabelecer uma certa ordem dentro do limitado espaço da sociedade, mas essa ordem, por sua vez, gerará desordem.

Não só existe espaço entre as quatro paredes desta sala, mas há também o espaço que a sala cria. Existe o espaço fechado, a esfera que o observador cria em torno de si e através da qual vê a coisa observada, que cria também sua própria esfera.

Quando o observador olha as estrelas, à noite, seu espaço é limitado. Poderá, por meio de um telescópio, alcançar distâncias de muitos milhares de anos-luz, mas é ele quem faz o espaço, e este, por conseguinte, é finito. A medida entre o observador e a coisa observada é o espaço e o tempo necessário para percorrê-lo.

Existe, não só o espaço físico, mas também a dimensão psicológica na qual o pensamento se encerra: ontem, hoje e amanhã. Enquanto existir o observador, todo espaço será como o estreito pátio de uma prisão, no qual não há nenhuma espécie de liberdade.

"Mas queríamos perguntar-vos se estais procurando transmitir-nos a idéia de espaço sem observador. Isso nos parece totalmente impossível; talvez seja uma fantasia vossa."

A liberdade, senhor, não se encontra dentro da prisão, por mais confortável e adornada que a façamos. Não é possível um diálogo com a liberdade entre os limites da memória, do conhecimento e da experiência. A liberdade exige que se quebrem os muros da prisão, ainda que se ache agradável a limitada desordem, a limitada escravidão, a labuta existente em seu interior.

A liberdade não é relativa; ou há liberdade, ou não há. Se não há, temos então de aceitar esta vida estreita e limitada, com seus conflitos, aflições e dores, fazendo apenas ligeira modificações aqui e ali.

Liberdade é espaço infinito. Quando há falta de espaço, há violência - como no caso do depredador ou da ave que reclama seu espaço, seus domínios, pelos quais está pronta a lutar. A violência poderá ser relativa, por efeito da lei, da polícia, tal como é limitada a violência dos depredadores e das aves que lutam em defesa de seu limitado espaço. Em virtude do limitado espaço existente entre um homem e outro homem, existe necessariamente a agressão.

"Quereis dizer-nos, senhor, que o homem estará sempre em conflito consigo mesmo e com o mundo, enquanto estiver fechado na esfera que ele próprio criou?"

Sim, senhor. Chegamos, assim, ao problema central da liberdade. Dentro da estreita cultura da sociedade não há liberdade, e porque não há liberdade há desordem. Vivendo no meio dessa desordem, busca o homem a liberdade em ideologias, em teorias, naquilo a que chama Deus. Essa fuga não é libertadora. Leva-o de volta ao pátio da prisão que separa os homens uns dos outros. Pode o pensamento, que a si próprio impôs esse condicionamento, cessar, quebrar essa estrutura, transcendê-la? Não pode, evidentemente. É este o primeiro fator que temos de ver: o intelecto nenhuma possibilidade tem de lançar uma ponte entre si e a liberdade. O pensamento, que é reação da memória, da experiência, do conhecimento, é sempre velho, como o é também o intelecto, e o velho não pode construir uma ponte para o novo. O pensamento é, essencialmente, o observador com seus preconceitos, temores e ansiedades, e essa "imagem pensante", em virtude de seu isolamento, cria naturalmente uma esfera em torno de si. Há, assim, distância entre o observador e a coisa observada. O observador quer estabelecer relações, preservando essa distância; por essa razão existe conflito e violência.

Não há nisso nenhuma fantasia. A imaginação, em qualquer forma, destrói a verdade. A liberdade está além do pensamento; significa espaço infinito, não criado pelo observador. O encontro com essa liberdade é meditação.

Não existe espaço sem silêncio; e o silêncio não é criado pelo tempo, como pensamento. O tempo jamais dará liberdade; só é possível a ordem quando o coração não está abafado sob palavras.

3. QUAL A ESPÉCIE DE TRISTEZA QUE VOS AFLIGE?

A MENTE que medita está em silêncio. Não o silêncio que o pensamento é capaz de conceber, nem o silêncio de uma tarde tranqüila: o silêncio que vem quando o pensamento - com suas imagens e palavras, e concepções - deixou completamente de funcionar. Essa mente que medita é religiosa - religião que não pode ser influenciada pela igreja, pelos templos ou por hinos sacros.

A mente religiosa é a "explosão" do amor. O amor não conhece separação. Para ele, longe é perto. Ele não é unidade ou multiplicidade, porém o estado em que desaparece toda separação. Como a beleza, não cabe na medida das palavras. Só desse silêncio atua a mente que medita.

Chovera na véspera e de tarde o céu estivera todo nublado. Ao longe, viam-se os montes cobertos de nuvens festivas, luminosas, as quais, enquanto as observávamos, tomavam diferentes formas.

O Sol poente tocava, com sua luz de ouro, apenas uma ou duas massas de nuvens, que pareciam tão sólidas como os escuros ciprestes. Olhando-as, ficamos naturalmente em silêncio. O amplo espaço e a árvore solitária do monte, a cúpula distante e a conversa que se desenrolava ao redor de nós - tudo fazia parte desse silêncio. A vermelhidão do crepúsculo prometia um belo alvorecer do dia imediato. E foi realmente belo; não se via uma nuvem no céu, muito azul. As flores amarelas, e a árvore toda florida de branco, e

o cheiro da primavera, completavam a paisagem. A grama estava toda coberta de orvalho, e lentamente a primavera emergia do seio da escuridão.

Disse ele que fazia pouco perdera o filho, que exercia um ótimo emprego e muito breve ia tornar-se um dos diretores de importante empresa. Ainda não se refizera do choque causado por essa perda, mas exercia muito controle sobre si mesmo. Não era daqueles que choram; as lágrimas não lhe vinham facilmente. Fora disciplinado no duro labor de toda uma vida passada no mundo objetivo da tecnologia. Não era homem imaginativo e os complexos e sutis problemas psicológicos da vida mal o tinham atingido.

A recente morte do filho fora um golpe com que não se conformava. "Um triste acontecimento" - disse.

Essa tristeza era terrível para a mulher e os filhos. "Como posso explicar-lhes o findar da tristeza, de que costumais falar? Eu, por haver estudado, talvez seja capaz de compreendê-lo, mas como poderão compreendê-lo os outros por ela atingidos?

Há tristeza em toda casa, na volta de cada esquina. Todo ser humano está sujeito a esse absorvente pesar causado por tantos incidentes e acidentes. Como uma imensa vaga, a tristeza se abate sobre o homem, quase o submergindo; e a mágoa produzida pela tristeza gera acrimônia e pessimismo.

Sentis tristeza por vosso filho, ou por vós mesmo, pela quebra de vossa própria continuidade em vosso filho? É a tristeza da autocompaixão? Ou a sentis porque ele tanto prometia, no sentido mundano?

Se é autocompaixão, então esse interesse egocêntrico, esse fator de isolamento, na vida - embora exteriormente possa haver um aparente estado de relação - causa inevitável aflição. Esse processo de isolamento, essa atividade egocêntrica na vida de cada dia, essa ambição, esse cultivo da própria importância, essa maneira de viver em separado - não importa se consciente ou inconscientemente - traz inevitavelmente a solidão, a que tentamos fugir de tantas e diferentes maneiras. Auto compaixão é a dor da solidão, e essa dor se chama tristeza.

E há, também, a tristeza decorrente da ignorância - não, ignorância por falta de livros ou de conhecimentos técnicos, ou de experiência, porém, a ignorância que nos faz aceitar o tempo, a evolução - evolução do que é para o que "devia ser"; a ignorância que nos faz aceitar a autoridade e sua violência; a ignorância do conformismo, com seus perigos e dores; a ignorância que consiste em desconhecermos nossa integral estrutura. Eis a tristeza que o homem tem espalhado em toda parte onde vive.

Deve, pois, ficar-nos bem claro o que é que chamamos tristeza - se é o pesar causado pela perda de um suposto bem, se o sofrimento produzido pela insegurança e a constante busca de segurança. Qual a espécie de tristeza que vos aflige? Se isso não ficar bem claro, a tristeza nunca terá fim.

Essa clareza não vem de uma explicação verbal ou hábil análise intelectual. Deveis tornar-vos consciente de vossa tristeza com tanta clareza como ficais consciente, por meio dos sentidos, da flor que tocais.

Se não compreenderdes integralmente a vossa tristeza, como podereis pôr-lhe fim? Dela podeis fugir freqüentando o templo ou a igreja, ou entregando-vos à bebida; mas todas as fugas, não importa se para Deus ou para o sexo, são iguais, pois não dissolvem a tristeza.

Tendes, pois, de examinar o mapa da tristeza e descobrir cada caminho e cada estrada. Se precisais de tempo para ver todo o mapa, o tempo tornará mais forte a brutalidade da tristeza. Tendes de ver o mapa inteiro num relance - ver primeiro o todo e depois os detalhes, e não, primeiro os detalhes e depois o todo. Terminando a tristeza, o tempo termina.

A tristeza não pode terminar pela ação do pensamento. Quando o tempo cessa, cessa também o veículo da tristeza: o pensamento. São o pensamento e o tempo que dividem e separam, e o amor não é pensamento ou tempo.

Não olheis o mapa da tristeza com os olhos da memória. Escutai as suas murmurações, uni-vos a ela, pois sois, ao mesmo tempo, o observador e a coisa observada. Só assim pode terminar a tristeza. Não há outro meio.

4. O AUTOCONHECIMENTO É A PORTA QUE ESTÁ SEMPRE ABERTA

MEDITAÇÃO nunca é prece. A prece, a súplica, nasce da autocompaixão. Rezamos quando nos vemos em dificuldades, acossados pelo sofrimento; mas, na felicidade, na alegria, não há necessidade de orações. A autocompaixão, tão profundamente jacente no homem, é a base da separação. Aquele que está separado ou se julga separado e incessantemente busca a identificação com alguma coisa não separada, só cria mais separação e mais dor. Nesse estado de confusão a pessoa implora aos céus, ou ao marido, ou a alguma divindade criada pela mente. Essa imploração pode obter resposta, mas tal resposta é o eco da autocompaixão, do estado de separação.

A repetição de palavras, de orações, é auto-hipnótica, egocêntrica, destrutiva. O isolamento do pensamento se dá sempre dentro da esfera do conhecido, e a resposta à oração é a resposta do conhecido.

A meditação é coisa muito diferente. Na sua esfera o pensamento não pode ingressar; nela não há separação e, portanto, não há identidade. A meditação funciona às claras; nela não há lugar para nada de secreto. Tudo fica exposto à luz, claro; encontra-se então a beleza do amor.

Era uma manhã de começo de primavera e uns poucos flocos de nuvens, vindos do oeste, percorriam mansamente o céu. Um galo começou a cantar, e era estranho ouvi-lo numa cidade populosa. Começou cedo e durante quase duas horas não parou de

anunciar a chegada do dia. As árvores ainda estavam nuas, embora umas folhinhas tênues e delicadas já se desenhassem contra o claro céu matinal.

Se se ficava muito quieto, sem nenhum pensamento relampaguear na mente, podia-se ouvir o som profundo do sino de uma catedral. Ela devia achar-se muito distante e, nos intervalos do canto do galo, as ondas sonoras nos chegavam aos ouvidos e passavam além, e, como que levados por elas, íamos para muito longe, perdendo-nos nas imensidades. O canto do galo e o som profundo do sino distante produziam um singular efeito. Ainda não tinham começado os barulhos da cidade. Nada vinha interromper o claro som. Não o ouvíamos com os ouvidos, mas com o coração; não o ouvíamos com o pensamento, que conhece "o sino" e "o galo"; era o som puro, nascido do silêncio, recolhido pelo coração, que com ele se ia, de eternidade a eternidade. Não era som organizado, como a música; não era o som do silêncio entre duas notas ou o som que se ouve quando cessamos de falar. Todos esses sons são percebidos pela mente e pelo ouvido. Quando ouvimos com o coração, o mundo se enche de som e os olhos vêem claramente.

Era uma senhora muito jovem, bem conformada, de cabelos curtos, muito enérgica e desembaraçada. Do que disse depreendemos que não nutria ilusões a respeito de si mesma. Tinha filhos e um certo grau de seriedade. Talvez um tanto romântica, pois era muito nova, mas para ela o Oriente perdera a sua aura de misticismo - o que afinal era bom. Falava com simplicidade, sem hesitações.

"Acho que me suicidei há muito tempo, desde que um certo acontecimento ocorreu em minha vida. Com ele minha vida terminou. Decerto continuei em atividade, cuidando dos filhos, etc., mas cessei de viver."

Não achais que a maioria das pessoas, consciente ou inconscientemente, está sempre a praticar o suicídio? A maneira extrema de praticá-lo é saltando de uma janela. Mas o suicídio começa, talvez, com a primeira resistência, a primeira frustração. Em tomo de nós erguemos uma muralha atrás da qual ficamos vivendo em separado - embora tenhamos maridos, esposas e filhos. Essa vida de separação é vida de suicídio; tal é a moralidade estabelecida pela religião e a sociedade. Os atos de separação constituem uma cadeia contínua e levam à guerra e à autodestruição. Separação, seja do indivíduo,

seja da comunidade ou da nação, é suicídio. Cada um quer viver uma vida de identidade individual, de atividade egocêntrica, de conformismo (1) e egocêntrica tristeza. É suicídio deixar-se prender pela crença e pelo dogma. Antes daquele acontecimento, vossa vida e todo o seu movimento estavam aplicados num só interesse, separado dos demais. Ora, se se perde esse único interesse, ou se é destruído o Deus que se adorava, com ele se vai a nossa vida, pois nada mais temos a que dedicá-la. Se tendes um intelecto ágil, podeis descobrir um "significado" da vida (é o que fazem todos os especialistas); mas, como aceitardes tal significado, já estais praticando o suicídio. Toda aceitação - não importa se em nome de Deus, se em nome do socialismo ou de outra coisa - é suicídio.

Vós, senhora - e não o digo por crueldade - deixastes de existir porque não conseguistes o que desejáveis; ou porque vos foi arrebatado o que possuíeis; ou porque desejáveis transpor uma certa porta, uma porta especial que se achava hermeticamente fechada. Assim como a tristeza e o prazer separam, assim também o aceitar e o obstinar-se trazem a peculiar escuridão da separação. Nós não vivemos porque estamos sempre a praticar o suicídio. O viver começa quando termina o ato de suicídio.

"Entendo o que estais dizendo. Estou vendo o que fiz. Mas, agora, que devo fazer? Como posso voltar atrás, após tantos anos de morte?"

Não podeis voltar atrás. Se o fizésseis, iríeis seguir o velho padrão e a tristeza continuaria a perseguir-vos, como uma nuvem impelida pelo vento. Só uma coisa podeis fazer: ver que viver só para si, separadamente, secretamente, exigindo a continuação do prazer, é provocar a separação da morte. Na separação não há amor. O amor não tem identidade. O prazer e a busca de prazer erguem em torno de nós a muralha da separação. Não há morte quando cessa a aceitação. O autoconhecimento é a porta que está sempre aberta (2).

(1**)**Conformity. Este termo está aqui empregado no sentido de *"religious compliance"* (obediência religiosa). Cf. Dicionário de Webster - pois o A. diz logo a seguir: `É suicídio deixar-se prender pelo dogma e pela crença". - (N. do T.).

(2**)**Este final se prende ao que foi dito linhas antes : «.desejáveis transpor... uma porta especial que se achava hermeticamente fechada». - (N. do T.) .

5. A AÇÃO DO SILÊNCIO

MEDITAÇÃO é a cessação da palavra. O silêncio não é suscitado por uma palavra, que é pensamento. A ação oriunda do silêncio difere totalmente da ação nascida da palavra; meditação é a libertação da mente de todos os símbolos, imagens e lembranças.

Naquela manhã, os altos choupos com suas folhas novas e tenras brincavam na brisa. Manhã primaveril e os montes estavam cobertos de floridas amendoeiras, cerejeiras e macieiras. Toda a terra transbordava de vida. Os majestosos ciprestes guardavam distância entre si, mas as árvores floridas se tocavam, ramo com ramo, e renques de choupos projetavam no chão sombras inquietas. Ao lado da estrada seguia um curso d'água que mais adiante se unia ao velho rio.

O ar estava perfumado e cada monte era diferente dos outros. Em alguns deles havia casas rodeadas de oliveiras, e uma alameda de ciprestes conduzia a cada casa.

Uma manhã cheia de cintilações e de intensa beleza, da qual não destoava o possante carro que nos levava. Ali parecia reinar uma ordem extraordinária, mas no interior de cada casa havia, decerto, desordem - intrigas, choros e risos de crianças, uma invisível cadeia de aflições estendida de casa a casa. Nem primavera, nem outono ou inverno jamais quebraram essa cadeia.

Mas naquela manhã estava havendo um renascimento. Aquelas folhas tenras não conheciam outono e inverno; eram vulneráveis e, portanto, inocentes.

Da janela divisava-se a velha cúpula da catedral de mármore listrado e seu campanário multicor; dentro dela achavam-se os sombrios símbolos da tristeza e da esperança. Naquela manhã tão linda, estranhava verem-se tão poucos pássaros e serem tão discretos os seus cantos. É que naquele lugar o homem os mata por divertimento.

Ele era artista - pintor. Um talento como outro qualquer - disse. Tinha longos cabelos, mãos delicadas e vivia encerrado no sonho de seus dons pessoais. Por vezes saía de seu refúgio, falava, explicava, e logo a ele retornava. Seus quadros - declarou - estavam-se vendendo bem e já realizara várias exposições individuais. Disso se mostrava um tanto orgulhoso, e sua voz o denotava.

Existe o exército, fechado entre os muros de seus próprios interesses; e o homem de negócios, atrás de barras de aço e de vidraças; e a dona de casa, entregue aos afazeres domésticos, à espera do marido e dos filhos; e o guarda de museu, e o regente de orquestra cada um fechado num fragmento da vida, sendo cada fragmento sumamente importante, sem relação e em contradição com os outros fragmentos, com suas honras particulares, sua própria dignidade social, seus profetas. O fragmento religioso não está em relação com a fábrica, nem a fábrica com o artista; o general não está em relação com os soldados, e tampouco o sacerdote com o leigo. A sociedade é constituída desses fragmentos. Os que querem prestar serviços à sociedade e os reformadores estão sempre tentando emendar os fragmentos, mas nessas seções especializadas, separadas, o ente humano prossegue vivendo, com suas ânsias, seus remorsos e apreensões. A esse respeito, todos estamos relacionados - mas não o estamos em nossas esferas especializadas.

Em sua comum avidez, ódio e agressividade, estão relacionados os entes humanos; essa violência constitui a cultura, a sociedade em que estamos vivendo. São a mente e o coração que causam a divisão - Deus e ódio, amor e violência; na esfera dessa dualidade se expande e se contrai toda a cultura humana.

A unidade humana não se encontra em nenhuma das estruturas inventadas pela mente humana. A cooperação não faz parte da natureza do intelecto. Entre o amor e o ódio jamais é possível a união, essa união que a mente está tentando encontrar e estabelecer. A unidade reside completamente fora dessa esfera e o pensamento é incapaz de alcançá-la.

O pensamento edificou esta cultura de agressão, competição e guerra, e esse mesmo pensamento anda a tatear, em busca da ordem e da paz. Mas o pensamento, o que quer que faça, jamais achará a ordem e a paz. O pensamento deve silenciar, para que se tome existente o Amor.

6. COMO DEVEMOS AGIR JUNTO À SOCIEDADE?

NA MEDITAÇÃO a mente está a libertar-se do conhecido. A oração vai do conhecido ao conhecido. Poderá produzir resultados, mas sempre dentro da esfera do conhecido; e o conhecido é o nosso conflito, nossa aflição e confusão. Meditação é a total negação de tudo o que a mente acumulou. O conhecido é o observador, e o observador só enxerga através do conhecido. A imagem vem do passado, e meditação é o findar do passado.

Era uma sala bastante grande, que dava para um jardim cercado de ciprestes, além do qual havia um mosteiro de telhado vermelho. Pela madrugada, antes de nascer o Sol, havia luz lá e podia observar-se o movimento dos monges. Fazia muito frio. O vento soprava do norte e o eucalipto-gigante - sobranceiro a todas as árvores e às casas - oscilava muito a contragosto. Gostava das brisas que vinham do mar, porque não eram tão violentas, e deleitavam-no os leves, movimentos de sua própria beleza. Ele lá estava na primeira hora da manhã, e lá estava na hora do poente, recebendo a luz do entardecer; de certo modo, ele representava a infalibilidade da natureza, insuflando confiança em todas as árvores, arbustos e plantinhas. Devia ser uma árvore muito velha. Mas o homem nunca o olhava. Se necessário, o derrubaria para fazer uma casa e nunca sentiria a sua falta; pois naquele país não se respeitam as árvores, e a natureza pouco importa, a não ser, talvez, como decoração. As vilas tinham nos jardins árvores que realçavam as graciosas linhas das casas. Mas aquele eucalipto não era decorativo para nenhuma casa. Sozinho estava, solenemente quieto e cheio de silencioso movimento; e o mosteiro com seu jardim, e a sala, fechada no espaço verde, estavam ao alcance de sua sombra. Ali ficava ele, ano após ano, vivendo na sua própria dignidade.

Na sala achavam-se várias pessoas, vindas para prosseguir uma conversação iniciada dias antes. A maioria gente nova, rapazes de longos cabelos ou de barbas, de calças muito apertadas, e moças de saias muito altas, lábios pintados e cabelos amontoados.

A conversa começou muito superficialmente; eles não estavam bem seguros de si ou de aonde iria levar essa conversação. "Naturalmente não podemos seguir a ordem estabelecida", disse um deles, "mas nela nos vemos enredados. Qual a nossa relação com a geração mais velha e suas atividades?"

A mera revolta não é a solução, é? Revolta é reação uma reação que trará seu peculiar condicionamento. Toda geração é condicionada pela geração precedente, e rebelar-se contra o condicionamento não liberta a mente que foi condicionada. Qualquer espécie de obediência é também uma oposição que produzirá violência. A violência entre os estudantes, as arruaças urbanas, ou a guerra, esteja longe, esteja dentro de nós mesmos, não trará de modo nenhum a claridade.

"Mas, como devemos agir, dentro da sociedade a que pertencemos?"

Se agirdes como reformador, estareis remendando a sociedade, sempre em degenerescência, e, portanto, sustentando um sistema que sempre produziu guerras, divisões, separação. O reformador, com efeito, é um perigo para a mudança fundamental do homem. Tendes de estar "de fora" de todas as comunidades, de todas as religiões e da moralidade social, senão vos vereis aprisionado no mesmo padrão velho, um pouco modificado, talvez.

Mas só podereis "estar de fora" ao deixardes de ser invejoso e violento, deixardes de adorar o sucesso ou o poder que ele confere. Só podereis "estar de fora" psicologicamente, quando vos compreenderdes como parte do ambiente, parte da estrutura social que vós mesmo construístes - sendo "vós" todos os vós multimilenários, as incontáveis gerações que produziram o presente. Compreendendo-vos como ente humano, descobrireis a vossa relação com a geração mais velha.

"Mas, como nos libertarmos de nosso esmagador condicionamento de católicos? Esse condicionamento está profundamente radicado em nós, profundamente sepultado no inconsciente."

Quer se seja católico, quer muçulmano, hinduísta, comunista, a propaganda de cem, duzentos ou cinco mil anos faz parte dessa estrutura verbal de imagens que contribui para a formação de nossa consciência. Somos condicionados pelo que comemos, pelas pressões econômicas, pela cultura e sociedade em que vivemos. Nós somos essa cultura, somos essa sociedade. Revoltar-nos contra ela, é revoltar-nos contra nós. Se contra vós mesmo vos revoltais, sem saberdes o que sois, vossa revolta é totalmente vã. Mas, se estiverdes cônscio, sem condenação, daquilo que sois, esse percebimento produzirá uma ação inteiramente diferente da ação do reformador ou do revolucionário.

"Mas, senhor, o inconsciente é nossa herança coletiva, racial, e, segundo os analistas, deve ser compreendido."

Não percebo porque atribuís tanta importância ao inconsciente. Ele é tão trivial e vulgar como a mente consciente, e dar-lhe importância só serve para torná-lo mais forte. Se perceberdes o seu verdadeiro valor, ele cairá, tal como uma folha no outono. Pensamos que certas coisas são importantes e devemos guardá-las, e que outras podem ser lançadas fora. A guerra produz, com efeito, certas melhorias superficiais, mas a guerra em si é, para o homem, o maior dos desastres. O intelecto de modo nenhum pode resolver os problemas humanos. De todas as maneiras possíveis vem tentando o pensamento superar e ultrapassar as nossas agonias e ansiedades. O pensamento erigiu a Igreja, o Salvador, o guru; inventou nacionalidades e dividiu o povo de cada nação em diferentes comunidades e classes, em guerra umas com as outras. O pensamento separou o homem do homem e, tendo causado tanta anarquia e sofrimento, trata agora de inventar uma estrutura capaz de unir os homens. Tudo o que pensamos faz criar, inevitavelmente, perigos e ansiedades. Denominar-se italiano, indiano, ou americano é, sem dúvida, uma loucura; e isso é obra do pensamento.

"Mas o amor é a solução para tudo isso, não achais?"

Mais uma vez escorregastes! Estais livre da inveja, da ambição, ou estais meramente empregando a palavra "amor" com o significado que o pensamento lhe deu? Se o pensamento lhe deu significação, não se trata então do Amor. A palavra "amor" não é Amor - qualquer que seja o significado que ela tenha para vós. O pensamento é o passado, a memória, a experiência, o conhecimento, de onde vem a reação a cada desafio. Tal reação, portanto, é, sempre inadequada e, por esta razão, existe conflito. Porque o pensamento é sempre velho; não pode jamais ser novo. A arte moderna é uma reação do pensamento, do intelecto, e, ainda que tenha a pretensão de ser nova, ela é tão velha, embora não tão bela, como os montes. A estrutura construída pelo pensamento - a idéia de amor, de Deus, de cultura, a ideologia do politburo - toda essa estrutura tem de ser inteiramente rejeitada para que o novo se torne existente. O novo não pode ajustar-se ao velho padrão. Em verdade, temeis rejeitar completamente o velho padrão.

"Sim, senhor, temos medo, porque se o rejeitarmos, que restará? Com que substituí-lo?"

Essa pergunta é produto do pensamento, que percebe o perigo e, portanto, tem medo e deseja a garantia de que encontrará alguma coisa para substituir o velho. E, assim, de novo estais preso na rede do pensamento. Mas se, realmente e não verbal ou intelectualmente, negásseis a estrutura total do pensamento, bem poderíeis então descobrir o novo - a nova maneira de viver, de ver, de agir. A negação é a mais positiva das ações. Negar o falso, sem se saber o que é o verdadeiro, negar a aparente verdade do falso, e negar o falso como falso, é a ação instantânea da mente libertada do pensamento. Ver esta flor com a imagem que dela o pensamento construiu, é muito diferente de vê-Ia sem essa imagem. A relação entre o observador e a flor é a imagem que o observador tem da coisa observada, e desse modo existe uma enorme distância entre ambos.

Quando não há imagem alguma, desaparece o intervalo de tempo.

7. O SILÊNCIO NÃO É UMA EXPERIÊNCIA

AMEDITAÇÃO é sempre nova. Não tem a marca do passado, porquanto é sem continuidade. A palavra "nova" não exprime um estado antes inexistente. É como a chama de uma vela que se apaga e se torna a acender: a chama nova não é a velha, embora a vela seja a mesma. A meditação só tem continuidade quando o pensamento lhe dá cor, forma, finalidade. A finalidade dada à meditação pelo pensamento prende-a ao tempo. Mas a meditação não contaminada pelo pensamento tem seu movimento próprio, não temporal. O tempo implica o velho e o novo, como um movimento que vai das raízes de ontem à floração do amanhã. Mas a meditação é uma floração de espécie completamente diferente. Não é produto da experiência de ontem e, por conseguinte, não tem raízes no tempo. Sua continuidade não é temporal. A palavra "continuidade", aplicada à meditação, é enganadora, porquanto o que ontem ocorreu não está ocorrendo hoje. A meditação de hoje é um novo despertar, um novo desabrochar da beleza e da bondade.

O carro foi vencendo lentamente o tráfego da grande cidade - com seus ônibus, caminhões, automóveis, e o barulho que faziam pelas estreitas ruas. Havia intermináveis fileiras de apartamentos repletos de famílias, lojas e mais lojas, e a cidade se espalhava para todos os lados, devorando a zona rural. Afinal, desembocamos no campo, com seus verdes pastos, e o trigal, e os grandes canteiros de mostarda, com suas flores de um amarelo muito vivo. O contraste entre o intenso verde e o intenso amarelo era tão notável como o contraste entre o barulho da cidade e a paz do campo. Seguíamos para o norte, pela rodovia que atravessa todo o país. E deparavam-se-nos florestas, e rios, e o lindo céu azul.

Manhã de primavera; na floresta encontravam-se grande áreas cobertas de campânulas e, ao lado da floresta, os pés de mostarda, de flores tão amarelas, e o verde trigal

estendiam até onde a vista podia alcançar. A estrada passava por aldeia e cidades, e uma estrada lateral levava a um belo bosque, com folhas novas da primavera e cheiro de terra úmida. Predominava aquela peculiar atmosfera da primavera, do renovamento da vida. Sentíamos nossa intimidade com a natureza, nossa comunhão com a terra - as árvores, a folha nova e delicada, rio. Não era um sentimento romântico, uma sensação provocado pela imaginação: éramos realmente tudo aquilo - o céu azul e a terra que se expandia a perder de vista.

A estrada levou-nos a uma velha casa, por uma alameda de altas faias de folhas novas e viçosas, por entre as quais se via o céu azul. Uma linda manhã! A faia cor de cobre, embora muito nova, já estava bem alta.

Era um homem alto, corpulento, de mãos enormes; ocupava inteiramente a poltrona. De rosto bondoso, sempre pronto rir. É estranho o pouco que rimos. Nossos corações estão por demais oprimidos, se embotaram com as canseiras do viver, a rotina e monotonia da vida de cada dia. Somos forçados a rir por uma anedota ou dito espirituoso, mas em nós mesmos não existe riso; é tão comum a amargura, o fruto que o homem parece destinado a colher. Nunca vemos as águas correntes e com elas nos rimos. É triste vermos embaçar-se, cada dia mais, luz dos nossos olhos; as pressões da agonia e do desespero parecem dar à nossa vida um falso colorido de promessa, de esperança, de prazer, que o pensamento cultiva.

Interessava-o aquela peculiar filosofia da origem e do percebimento do silêncio - que ele provavelmente jamais encontrara na vida. Não se pode comprar silêncio como se compra um bom queijo. Não podemos cultivá-lo como se cultiva um delicada planta. Ele não nasce por efeito de qualquer atividade da mente e do coração. O silêncio que a música produz, se escutais, provém daquela música, é por ela provocado. O silêncio não é uma experiência. Só o conhecemos depois de acabado.

Ficai sentado, uma vez, na margem do rio, olhando para a água. Não vos deixeis hipnotizar pelo movimento da água, pelos reflexos da luz, pela limpidez e profundidade da corrente. Olhai-a sem nenhum movimento do pensamento. O silêncio está em tomo de vós, dentro de vós, no rio, e naquelas árvores tão quietas. Não podeis levá-lo para casa, prendê-lo na mente ou na mão, pensando ter alcançado um certo e maravilhoso

estado. Se o alcançastes, esse estado não é o silêncio; é meramente uma lembrança, uma imaginação, uma fuga romântica ao barulho da vida diária.

Por causa do silêncio, tudo existe. A música que ouvistes hoje de manhã vos veio do silêncio, e a ouvistes porque estáveis em silêncio, em silêncio ela chegou até vós e continuou para além.

Mas nós não escutamos o silêncio porque nossos ouvidos estão cheios do palrar da mente. Quando amais e não há silêncio, o pensamento faz desse amor um brinquedo da sociedade, cuja cultura é inveja e cujos deuses são fabricados pela mente e pela mão. O silêncio está onde estais, dentro em vós e a vosso lado.

8. QUE É INTELIGÊNCIA?

MEDITAÇÃO é a totalização da energia. Não pode ser acumulada pouco a pouco, rejeitando isto e aquilo, tomando uma coisa e conservando outra; ela é, antes, a negação total, sem escolha, de todo desperdício de energia. A escolha é produto da confusão; e a essência da energia desperdiçada é confusão e conflito. Ver claramente o que *é* , a qualquer momento, requer atenção com a total energia; nesta não há contradição ou dualidade. Essa energia total não se produz por meio da abstinência, por meio de votos de castidade e de pobreza, porquanto toda ação e determinação da vontade representa um desperdício de energia, já que nisso está imiscuído o pensamento. O pensamento é energia desperdiçada; o percebimento - nunca. O ver não é um esforço determinado. Não há "Eu quero ver" porém, unicamente, ver. A observação põe à margem o observador, e nisso não há desperdício de energia. Ao tentar observar, o pensador desperdiça energia. O amor não é energia desperdiçada, mas quando o pensamento o converte em prazer, então a dor dissipa energia. A totalização da energia, na meditação, se expande incessantemente e a ação da vida de cada dia se torna uma parte dela.

Naquela manhã o choupo estava sendo suavemente agitado pela brisa vinda do oeste. Cada folha sussurrava alguma coisa à brisa; cada folha dançava, na irrequieta alegria da manhã primaveril. Era muito cedo. O melro cantava no telhado. Todas as manhãs e todas as tardes, lá estava ele, às vezes muito quieto e a olhar em torno, outras vezes chamando e esperando resposta. Ficava ali vários minutos e depois alçava vôo. Naquela hora, seu bico amarelo brilhava na luz matutina. No momento de sua partida, as nuvens vinham passando por sobre o telhado; delas estava cheio o horizonte, em camadas sucessivas, como se alguém as tivesse arrumado em caprichosa ordem. Moviam-se, e pareciam querer envolver toda a terra - as chaminés, as antenas de televisão, e o arranha-céu do outro lado da rua. Dentre em pouco acabaram de passar e apareceu o céu azul e claro, com aquele leve frescor que só a primavera pode dar. Um azul maravilhoso; e, lá fora, àquela hora da manhã, a rua estava quase em silêncio. Podia ouvir-se o barulho de tacões sobre a calçada e o de um caminhão que passava ao longe. Não tardaria a começar o dia. Da janela, olhando para o choupo, nele víamos todo o universo e sua beleza.

O homem perguntou: "Que é inteligência? Muito falais sobre ela e eu gostaria de conhecer vossa opinião a tal respeito."

A opinião, e a exploração da opinião, não é a Verdade. Podem-se analisar à vontade as diferentes opiniões, o que têm de certo, o que têm de errado, mas uma opinião, por melhor e mais racional que seja, nunca é a verdade. Toda opinião está baseada em preconceito, colorida pela cultura, a educação, o saber do indivíduo. Porque carregar a mente de opiniões - o que pensamos desta ou daquela pessoa, ou livro, ou idéia? Porque não deve a mente estar vazia? Só vazia ela pode ver com clareza.

"Mas todos nós andamos cheios de opiniões. Minha opinião do atual líder político se formou em virtude do que ele tem dito e realizado, e sem ela eu não estaria em condições de votar nele. As opiniões são necessárias à ação, não achais?"

As opiniões podem ser cultivadas, aguçadas, consolidadas, e a maioria das ações se baseia no princípio do "gostar" e "não gostar". A consolidação da experiência e do conhecimento se expressa em ações, mas essas ações dividem e separam o homem do homem; são a opinião e a crença que impedem a observação do que realmente*é* . O ver o que*é* faz parte daquela inteligência sobre a qual estais indagando. Não há inteligência se não há sensibilidade de corpo e de espírito - delicadeza da sensibilidade e clareza da observação. O emocionalismo e o sentimentalismo impedem a delicadeza da sensibilidade. Ser sensível numa seção e insensível noutra leva à contradição e ao conflito, que negam a inteligência. A integração de numerosos fragmentos num todo não constitui a inteligência. Sensibilidade é atenção, ou seja inteligência. A inteligência nada tem em comum com o saber ou a ilustração. O saber é sempre o passado; ele pode ser chamado a atuar no presente, mas limita o presente. A inteligência está sempre no presente, é atemporal.

9. MORRER PARA O AMANHÃ É VIVER COMPLETAMENTE HOJE

MEDITAÇÃO é o libertar a mente da insinceridade. O pensamento gera insinceridade. No esforço para ser sincero o pensamento é comparativo e, portanto, insincero. A comparação é sempre um processo de fuga e, por conseguinte, produz insinceridade. Sinceridade não é o oposto de insinceridade. Não é um princípio. Não é conformidade a um padrão; é, sim, a total percepção do que*é* . E meditação é o movimento silencioso da sinceridade.

O dia começou nublado, sem luminosidade, e na mata as árvores nuas guardavam silêncio. Pela mata, víamos açafrões narcisos e "forsítias" (1), amarelas e brilhantes. Vistas de longe, essas flores eram como uma mancha amarela na grama verde. De perto, deslumbrava o fulgor daquele amarelo - que era Deus. Isso não significava ter-nos identificado com a cor, ou ter-nos tornado o espaço que tingia de amarelo todo o universo - mas, sim, que não havia*nós* a olhá-la. Só a cor existia, e nada mais, nem as vozes que se ouviam em torno de nós, nem o melro que cantava sua melodia matinal, nem as falas dos transeuntes, nem o carro barulhento que passava pela estrada, raspando o asfalto.*Só ela* existia, nada mais. E naquela existência achava-se a beleza e o amor.

Voltamos para a mata. Caiam gotas de chuva e a floresta estava deserta. A primavera já chegara, mas aqui, no Norte, as árvores estavam desfolhadas. Tinham ainda a tristeza do inverno, da longa espera pelos dias de Sol e tempo brando. Passou um cavaleiro, com o cavalo todo suado. O cavalo, com sua graça, seu movimento, significava mais do que o homem; o homem, com as calças e boné de equitação, as botas reluzentes, era uma figura insignificante. O cavalo tinha maneiras, altivez. O homem, embora montado no cavalo, era um estranho para o mundo da natureza, mas o cavalo fazia parte dela - da natureza que o homem estava destruindo lentamente.

Eram grandes as árvores - carvalhos, olmos e choupos. Grandes e silenciosas. O chão macio, coberto das folhas do inverno. Aqui, a terra parecia muito velha. Viam-se poucos pássaros. O melro chamava a companheira, e o céu se limpava.

Ao regressarmos, à tarde, o céu estava muito claro e a luz, naquelas árvores gigantescas, era maravilhosa, cheia de silencioso movimento.

A luz é uma coisa extraordinária; quanto mais a observamos, mais ela se aprofunda e amplifica; seu movimento se comunicava às árvores. Uma coisa espetacular; nenhuma tela poderia reproduzir a beleza daquela luz. Era mais do que a luz do Sol poente; mais do que a luz que os olhos viam. Era como se o amor pairasse sobre a terra. Tornamos a olhar para a mancha amarela das "forsítias"; a terra estava em festa!

***

ELA VIERA com as duas filhas, que deixara do lado de fora a brincar. Uma senhora jovem, bastante atraente e muito bem vestida; parecia uma pessoa um tanto impaciente e desenvolta. Disse que o marido trabalhava numa certa repartição, e a vida ia passando, sem ser vivida. Notava-se-lhe uma peculiar tristeza, disfarçada em breves sorrisos. Perguntou: "Que significa estar em relação? Estou casada há vários anos; suponho que meu marido e eu nos amamos, mas alguma coisa está fazendo uma enorme falta".

Desejais deveras examinar profundamente este assunto?

"Sim. Vim de muito longe para vos falar a este respeito."

Vosso marido trabalha em sua repartição, vós trabalhais em casa, cada um com suas ambições, frustrações, agonias e temores. Ele deseja tornar-se um chefe importante e tem medo de não consegui-lo, que outros lhe tomem a frente. Acha-se encerrado em sua ambição, sua frustração, sua busca de preenchimento, e vós nas vossas. Volta do trabalho cansado, irritadiço, o medo no coração, e traz para casa essa tensão. Vós também estais exausta, após um dia trabalhoso, com as crianças, etc. Ambos bebeis alguma coisa para acalmar os nervos e encetais um diálogo forçado. Depois - jantar e, por fim, o inevitável leito. Isso é que chamam estar em relação - cada um vivendo em sua própria atividade egocêntrica e ambos encontrando-se na cama; chamam a isso amor. Decerto, há momentos de alguma ternura, um pouco de consideração, ligeiros afagos às crianças. E, no fim, a velhice e a morte. Eis o que chamam viver. E vós aceitastes essa maneira de vida.

"Que mais se pode fazer? Nela somos criados, para ela educados. Precisamos de segurança, de um pouco das coisas boas da vida. Não sei o que mais se pode fazer."

É o desejo de segurança que nos prende? Ou é o hábito, a aceitação do padrão da sociedade - a idéia de marido, mulher, família? Decerto, nisso há mui pouca felicidade.

"Há alguma felicidade, mas há tanto o que fazer, tantas coisas a atender, tanto o que ler para nos mantermos bem informados, que não sobra muito tempo para pensar. É claro que não se pode ser completamente feliz, mas vive-se."

Isso se chama vida de relação - mas, evidentemente, nessa maneira de vida não há relação de espécie alguma. Fisicamente, podeis estar juntos por alguns momentos, mas cada um está vivendo em seu próprio mundo de isolamento, criando suas próprias aflições, e não existe verdadeiro contato, não simplesmente no plano físico, porém num nível muito mais profundo e amplo. Isso por culpa da sociedade, da cultura em que fomos criados, em cuja rede somos tão facilmente apanhados - não achais? Uma sociedade malsã, corrompida, imoral, essa que os entes humanos criaram. Ela é que

precisa ser transformada, mas não pode ser transformada se o ente humano que a criou não se transformar.

"Eu talvez compreenda o que dizeis e seja capaz de mudar, mas a ele que importa isso? Dá-lhe enorme prazer o lutar, realizar coisas, tornar-se alguém. Ele não mudará e, assim, continuaremos na mesma posição: eu a lutar debilmente por me libertar de minha prisão, ele a fortificar cada vez mais a estreita cela de sua vida. Que sentido tem isso?"

Essa espécie de existência não tem sentido nenhum. Nós criamos essa espécie de vida, sua brutalidade e fealdade de todos os dias, com raros e fugidios momentos de deleite; portanto, temos de morrer para ela. Vede, senhora, que não existe realmente amanhã. O amanhã foi inventado pelo pensamento, a fim de realizar suas fúteis ambições, seu preenchimento. O pensamento cria todos os "amanhãs", mas, em verdade, não existe amanhã. Morrer para o amanhã é viver completamente hoje. Fazendo-o, toda a vossa existência se transforma. Porque o amor não é para amanhã, não é coisa do pensamento, não tem passado nem futuro. Quando se vive completamente hoje, há nesse viver uma grande intensidade e, na sua beleza, não manchada pela ambição, pelo ciúme ou pelo tempo, há um estado de relação, não só com o homem, mas também com a natureza, com as flores, a terra, os ares. Nele há a intensidade da inocência. O viver tem, então, um significado totalmente diferente.

(1**)***forsythia*: flor amarela, em forma de sino, originária da China. (Die. de Webster) - (N. do T.).

10. PORQUE NÃO COMEÇAR PELA OUTRA MARGEM, O LADO QUE DESCONHECEIS?

NÃO SEpode dar início à meditação; ela deve vir sem a buscarmos. Se a buscardes, se perguntardes como deveis meditar, o método que seguirdes não só vos tornará mais condicionado, mas também tornará mais forte vosso atual condicionamento. A meditação, em verdade, é a negação de toda a estrutura do pensamento. O pensamento é constituído de uma estrutura, é racional ou irracional, objetivo ou mórbido, e quando tenta meditar com base na razão ou num estado neurótico, contraditório, projeta inevitavelmente o que ele próprio é e toma sua própria estrutura por uma realidade positiva. Semelha o crente que, meditando em sua crença, fortalece e santifica aquilo que, por medo, ele próprio criou. A palavra é a representação, a imagem que no fim se tornará o ídolo.

O som constrói sua própria gaiola, e o barulho que o pensamento faz procede dessa gaiola; a palavra e o som respectivo é que separam o observador e a coisa observada. A palavra não é apenas uma unidade da linguagem, um som, mas é também um símbolo, lembrança de um certo fato, a qual põe em movimento a memória, o pensamento. Meditação é a total ausência da palavra. O medo é a base do mecanismo da palavra.

Começava a primavera, e no*Bois* (1) era maravilhosa a sua suavidade. Havia poucas folhas e o céu não tinha ainda aquele azul intenso que acompanha as delícias primaveris. As folhas dos castanheiros ainda não tinham brotado, mas o cheiro da primavera incipiente embalsamava o ar. Naquela parte do*Bois* quase não se via ninguém e podiam ouvir-se os carros que passavam ao longe. Estávamos passeando na primeira hora da manhã, e a atmosfera tinha aquela suave pungência do começo da primavera. Meu acompanhante estivera a analisar, a questionar, a perguntar o que devia fazer.

"Parece uma coisa interminável, essa constante análise, introspecção, vigilância. Tudo já tentei: gurus de caras raspadas, gurus barbados, sistemas de meditação - todo o "repertório" que bem conheceis. No fim de tudo a gente fica de boca seca e oco por dentro."

Porque não começar pelo outro lado, o lado que desconheceis - a outra margem que não podeis enxergar desta margem? Começai com o desconhecido, em lugar do conhecido, pois o constante exame e análise só têm o efeito de condicionar mais ainda o conhecido. Se vossa mente viver com suas raízes no outro lado, todos os vossos problemas deixarão de existir.

"Mas, como posso começar do outro lado? Eu o desconheço, não posso vê-lo."

Essa pergunta - como posso começar do outro lado? - tem sua base neste lado. Portanto, não a façais, e parti do outro lado, que desconheceis completamente, de uma outra dimensão que o pensamento, malgrado sua sagacidade, é incapaz de apreender.

Permaneceu em silêncio por algum tempo, e um faisão macho passou voando, perto de nós, todo reluzente ao Sol, desaparecendo por baixo de umas moitas. Quando reapareceu, pouco depois, vinha acompanhado de uma meia dúzia de fêmeas quase da mesma cor que as folhas mortas; no meio delas, o grande macho tinha um ar majestoso.

Tão ocupado estava o homem que nem notou o faisão e, quando para ele lhe chamamos a atenção, exclamou: "Bonito!" - uma mera palavra, porque sua mente estava toda ocupada com o problema de como começar de um ponto de partida desconhecido. Uma lagartixa madrugadora, comprida e verde, aquecia-se ao Sol, sobre uma pedra.

"Não vejo como posso começar daquele lado. Em verdade, não compreendo essa vaga asserção, essa vossa afirmação, que, pelo menos para mim, não tem significado nenhum. Eu só posso me dirigir a um lugar que conheço."

Mas, que é que conheceis? Só conheceis uma coisa já terminada, acabada. Só conheceis o ontem, e nós estamos dizendo: Parti daquilo que desconheceis, vivei com vossas bases lá. Se disserdes: "Como posso viver com as bases lá?" - estareis pedindo o padrão de ontem. Mas, se viverdes com o desconhecido, estareis vivendo em liberdade, agindo com base na liberdade, e isso, afinal, significa amor. Se disserdes: "Eu sei o que é o amor" - nesse caso não sabeis o que é ele. Decerto, não é uma memória, lembrança de um prazer. Já que não é isso, vivei então com aquilo que desconheceis.

"Não sei o que é isso de que estais falando. Estais tornando o problema pior".

Estou fazendo uma pergunta muito simples. Estou dizendo que, quanto mais se cava, mais há para cavar. Esse mesmo ato de cavar é condicionamento, e cada porção que se retira com a pá forma um degrau - degraus que não levam a parte alguma. Quereis que outros façam para vós os degraus, ou quereis vós mesmo fazer os degraus que vos levarão a uma dimensão de todo diferente? Se não souberdes realmente, e não especulativamente, o que é essa dimensão, então os degraus que fizerdes ou pisardes - quaisquer que sejam eles - só poderão levar-vos ao já conhecido. Portanto, abandonai tudo e parti do outro lado. Mantende silêncio, e o descobrireis.

"Mas eu não sei como manter-me em silêncio!"

Outra vez "como"! O "como" nunca tem fim. Todo saber está do lado errado. Se "sabeis", já estais no túmulo.*Ser* não é saber.

(1**)***Bois de Boulogne,* bosque das proximidades de Paris. - (N. do T.).

11. A TRISTEZA DA VIDA...

NA LUZdo silêncio, todos os problemas se dissolvem. Essa luz não nasce do antigo movimento do pensamento. Não nasce, tampouco, da introspecção. Não é acendida pelo tempo, nem por nenhum ato da vontade. Surge na meditação. Meditação não é um assunto pessoal, uma busca pessoal de prazer; o prazer tende sempre a separar, dividir. Na meditação, desaparece a linha divisória entre vós e mim; nela, a luz do silêncio destrói a consciência do "eu". O "eu" pode ser estudado indefinidamente, porquanto varia de dia para dia, mas seu alcance é sempre limitado, por mais extenso que nos pareça. Silêncio é liberdade, e a liberdade vem com a ordem perfeita.

O bosque era perto do mar. Os ventos constantes haviam deformado e atrofiado os pinheiros, cujos ramos se achavam desfolhados. Estávamos na primavera, mas para esses pinheiros a primavera jamais chegaria. Ela já chegara, mas estava muito longe deles, muito longe das ventanias e daquela atmosfera salina. Chegara, toda florida, e as ervinhas e as folhas exultavam, e os castanheiros ostentavam suas flores, que eram como velas acendidas pelo Sol. E lá estavam também as patas com seus patinhos, e as tulipas, e os narcisos. Mas aqui, dada a proximidade do mar, tudo nu, sem sombras, cada árvore em agonia, deformada, enfezada, desfolhada. Aquele lugar tinha sua peculiar beleza, mas olhava para as matas distantes com silenciosa angústia, porque naquele dia o vento soprava muito forte e frio, formando ondas gigantescas e enxotando a primavera para o interior. O mar estava coberto de névoas e a terra coberta de nuvens, em correria pelo céu, vencendo canais, matas e planícies. Mesmo as pequenas tulipas, tão rentes à terra, estremeciam, e sua cor brilhante era como uma onda de luz a percorrer o campo. Os pássaros estavam no mato, mas não entre os pinheiros. Viam-se uns poucos melros e um ou outro pombo. Maravilhoso espetáculo, a luz sobre a água!

***

ERA UM homem alto e corpulento, de mãos grandes. Devia ser muito rico. Colecionava quadros modernos e tinha muito orgulho de sua coleção, reputada "muito boa" pelos críticos. Ao dizer-me isso, via-se-lhe nos olhos a luz do orgulho. Trouxera um cachorro grande, irrequieto e brincalhão; mais vivo do que o dono. Sua vontade era estar lá fora, a correr contra o vento, pelos gramados e dunas, mas, mui obedientemente, ficou bem quieto onde o dono o mandara deitar-se e, não demorou, adormeceu de tédio.

As posses nos possuem mais do que nós a elas. O castelo, a casa, os quadros, os livros, o saber adquirido - tudo isso se torna muito mais significativo e importante do que o ente humano.

Disse que lera muito e, pelos livros de sua biblioteca, via-se que possuía os mais modernos autores. Falou de misticismo espiritual e da mania das drogas a espalhar-se rapidamente pelo país. Era rico, bem sucedido, mas nele transparecia a vulgaridade, o vazio que não pode ser preenchido por livros, por quadros, ou pelo conhecimento do ofício.

A tristeza da vida é esta, que queremos preencher o nosso vazio com os artifícios inventados pela mente. Mas o vazio permanece. É triste esse esforço fútil para possuir. Dele resulta a vontade de domínio e a afirmação do "eu", com suas palavras ocas e abundantes lembranças de coisas idas que nunca mais voltarão. E esse vazio e solidão que o pensamento - o fator de isolamento - gera e nutre com o saber que ele criou.

É essa tristeza do esforço vão que está destruindo o homem. Seu pensamento não é tão eficiente como o computador, e ele conta unicamente com o instrumento do pensamento para resolver os problemas da vida; por isso, é por eles destruído. Dessa tristeza de uma vida desperdiçada ele talvez só se tome cônscio na hora da morte - tarde demais!

Assim, as posses, o caráter, as realizações, a esposa confinada ao lar - tornam-se da máxima importância e essa tristeza expulsa o amor. Só se pode ter uma coisa ou a outra (1); não se pode ter as duas ao mesmo tempo. Uma gera o pessimismo e a amargura (2) - os únicos frutos que é dado ao homem colher; a outra reside muito além de todos os montes e florestas.

(1**)**Isto é, ou posses, etc., ou amor. - (N. do T.).

(2**)**Por isso Krishnamurti diz "tristeza", referindo-se a posses, etc.: "essa tristeza expulsa o amor". - (N. do T.).

12. MORAL E VIRTUDE

AIMAGINAÇÃO e o pensamento não têm cabida na meditação. Levam à escravidão; e a meditação traz a liberdade. O bom e o agradável são duas coisas diferentes; uma traz a liberdade, e a outra leva à sujeição ao tempo.

Meditação é o estado livre do tempo. O tempo é o observador, o "experimentador", o pensador; tempo é pensamento; meditação é o transcendimento das atividades temporais.

A imaginação está sempre na esfera do tempo e, por mais oculta e secreta que seja, ela agirá. Essa ação do pensamento levará inevitavelmente ao conflito e à sujeição ao tempo. Meditar é tornar-se livre da influência do tempo.

Desde muitas milhas de distância já se avistava o lago. A ele se chegava por estradas cheias de voltas, que percorriam os campos de cereais e os pinhais. Na região havia muita ordem: as estradas muito limpas, as granjas, com seu gado e cavalos, aves, porcos, metodicamente administradas. Transpondo os montes ondulantes, descemos até o lago, todo rodeado de montanhas cobertas de neve. Era um dia muito claro e, naquela hora do amanhecer, a neve faiscava.

Naquele país, fazia séculos não havia guerras, e notava-se um sentimento de grande segurança, na rotina nunca perturbada da vida diária, que consigo trazia a insensibilidade e indiferença de uma sociedade tornada estável por uma boa forma de governo.

Era uma estrada suave e bem mantida, com largura suficiente para os carros se cruzarem folgadamente; e, em dado momento, após transpormos um morro, vimo-nos no meio de pomares. Mais adiante, encontramos uma grande plantação de tabaco. Chegando a suas proximidades, sentimos o cheiro forte das flores do tabaco em maturação. Naquela manhã, tendo descido de uma grande altitude, começamos a sentir calor e a atmosfera um tanto pesada. A paz da paisagem penetrou-nos o coração, e nos tornamos uma parte da terra.

Iniciava-se a primavera. Do norte vinha uma brisa fresca e o Sol já começava a projetar densas sombras. O alto e grosso eucalipto agitava-se suavemente à frente da casa e um melro solitário cantava; podíamos vê-lo do lugar em que estávamos sentado. Devia estar-se sentindo só, pois havia poucos pássaros naquela manhã. Os pardais alinhavam-se sobre o muro do jardim. O jardim não se achava bem tratado, a grama necessitava de ceifa. As crianças, à tarde, vinham brincar ali, e ouviam-se os seus gritos e risos. Perseguiam-se uns aos outros, por entre as árvores, brincando "de esconder", e suas altas risadas enchiam o ar.

Cerca de oito pessoas estavam sentadas à mesa do almoço. Um deles, cinegrafista, outro, pianista; também um jovem estudante universitário. Falava-se de política, das arruaças na América, da guerra que nunca mais acabava (1). Palestrava-se, espontânea e desembaraçadamente, a respeito de nada. De repente, disse o cinegrafista: "Não há lugar para nós, da velha geração, no mundo moderno. Certo escritor bem conhecido esteve há dias falando na Universidade; os estudantes malharam-no impiedosamente, arrasaram-no. O que dizia não se relacionava com o que os estudantes queriam, ou pensavam, ou exigiam. Estava a expor suas opiniões, sua própria importância, seu estilo de vida - e os estudantes não queriam saber de nada disso. Eu, que o conheço, sei o que ele sentiu; ficou aturdido, embora não o confessasse. Queria fazer-se aceitar pela geração mais nova, que nenhuma vontade tinha de adotar sua maneira de vida tradicional, respeitável, embora, em seus livros, tenha escrito a respeito de uma certa forma de mudança... "Pessoalmente", prosseguiu, "vejo que não estou em nenhuma relação ou contato com a geração mais moça. Acho que somos hipócritas. "

Disse isso um homem que tinha a seu crédito grande número de filmes de primeira ordem. Não se mostrava aborrecido. Estava apenas apontando um fato, com um sorriso e um dar de ombros. O que sobremodo agradava, na sua pessoa, era a franqueza e aquele traço de humildade que tantas vezes a acompanha.

O pianista era bem jovem. Abandonara sua promissora carreira porque achava que o mundo dos empresários, concertos, publicidade, dinheiro, constituía um sistema de extorsão sob aparências brilhantes. Ele queria uma vida diferente, uma vida religiosa.

Declarou: "A mesma coisa se vê no mundo inteiro. Voltei há pouco da índia. Lá é talvez mais largo o abismo que separa o velho do novo. Lá é muito forte a tradição e a vitalidade do "velho", e talvez a nova geração se deixe colher na sua rede. Mas espero haja pelo menos uns poucos que resistam e iniciem um movimento diferente.

"E já notei, pois tenho viajado largamente, que os mais moços (em comparação com eles, eu sou velho) se estão afastando cada vez mais da ordem estabelecida. Talvez venham a perder-se no mundo das drogas e do misticismo oriental, mas há neles alguma coisa de promissor, uma nova vitalidade Repudiam a Igreja, os obesos sacerdotes, a hierarquia artificial do mundo religioso. Não querem saber de política nem de guerras. Deles, talvez, virá um germe do novo."

O estudante guardara silêncio todo o tempo, comendo seu espaguete e olhando pela janela; mas estava absorvendo a conversação, como os demais. Era um tanto acanhado e, embora não tivesse gosto pelo estudo, entrara na Universidade - cujos lentes não sabiam ensiná-lo convenientemente. Lia muito; gostava da literatura inglesa e da de seu país, a respeito das quais se manifestara em outras refeições e em diferentes ocasiões.

Disse: "Embora com apenas vinte anos de idade, já estou velho, em comparação com os rapazes de quinze anos. Seus cérebros são mais ágeis, mais penetrantes, percebem mais claramente, alcançam mais rapidamente o âmago de uma questão. Aqueles rapazes parecem saber muito mais e, comparado com eles, sinto-me velho. Mas estou de pleno acordo com o que dissestes. Vós achais que sois hipócritas, dizendo uma coisa e fazendo outra. Isso é compreensível entre políticos e sacerdotes, mas não posso atinar por que razão deveriam outros fazer parte deste mundo hipócrita. Vossa moralidade cheira mal, vós quereis guerras.

"De nossa parte, não odiamos nem o negro, nem o pardo, nem os de outras cores. Damo-nos muito bem com todos. Digo-o, porque já privei com eles.

"Mas vós, a velha geração, criastes este mundo de distinções raciais e de guerra, e dele não queremos nada. Assim, revoltamo-nos. Mas, vêm os políticos e tornam "moda" essa revolta, a fim de explorá-la, e o resultado é que perdemos nossa repulsa inicial. No fim, talvez nos tornemos cidadãos respeitáveis, virtuosos. Mas, por ora, nós odiamos a vossa moralidade, somos completamente sem moral."

Houve uns dois minutos de silêncio; o eucalipto estava muito quieto, como que a escutar as palavras que se proferiam à roda da mesa. O melro se fora, e igualmente os pardais.

Bravos! - exclamamos. Tendes toda a razão. Rejeitar toda e qualquer moralidade é ser moral, porque a moralidade estabelecida é a moralidade da respeitabilidade, e parece-me que todos desejamos ardentemente ser respeitados - quer dizer, ser reconhecidos como bons cidadãos de uma sociedade corrompida. A respeitabilidade é muito lucrativa, garantindo-nos um bom emprego e uma renda fixa. A moralidade vigente, de avidez, inveja, e ódio, é a que convém à ordem estabelecida.

Negando tudo isso, não com os lábios, mas com o coração, sois um autêntico ente moral. Porque então vossa moral brota do amor e de nenhum "motivo" de ganho, de sucesso, colocação na hierarquia. Esse amor não pode existir se pertenceis a uma sociedade em que se busca fama, prestígio, posição. Visto que em tal sociedade não existe amor, sua moralidade é imoralidade. Rejeitando-a completamente, do fundo do coração, surge uma virtude toda rodeada de amor.

(1**)**Guerra do Vietnã. (N. do T.)

13. A FORMOSURA DOS NARCISOS

MEDITAR é transcender o tempo. Tempo é a distância que o pensamento percorre para atingir seus alvos. Esse percurso é sempre pelo velho caminho, asfaltado de novo, com novas vistas, mas sempre o velho caminho que não conduz a parte alguma, a não ser à dor e à tristeza.

Só quando a mente transcende o tempo, a verdade deixa de ser uma abstração. A bem-aventurança não é então uma idéia derivada do prazer, porém uma realidade não verbal.

Esvaziar a mente do tempo é estabelecer o silêncio da verdade, e o percebimento desse silêncio é ação; não há intervalo entre o ver e o agir. Nesse intervalo é que nasce o conflito, a aflição e a confusão. O que não depende do tempo é eterno.

Em todas as mesas havia narcisos, novos, frescos, diretos do jardim, ainda com o viço da primavera. Sobre uma mesa lateral, viam-se lírios, alvos como o leite, de centro amarelo-vivo. Ver aquela alvura e o brilhante amarelo dos narcisos era ver o céu azul, infinito, silencioso.

Quase todas as mesas estavam ocupadas por pessoas que falavam e riam muito alto. A uma mesa vizinha, uma senhora alimentava furtivamente o seu cãozinho com os bocados de carne que ela não podia mastigar. Todos se tinham servido de enormes porções, e não oferecia um espetáculo agradável aquela gente a comer; deve ser um costume herdado do barbarismo o comer publicamente. Do outro lado da sala, um homem, após fartar-se de vinho e de carne, acendia um enorme charuto, com um ar de beatitude no semblante gordalhudo. Sua esposa, igualmente gorda, acendeu um cigarro. Ambos pareciam insensíveis ao mundo.

E ali estavam aqueles narcisos amarelos, sem ninguém lhes dar atenção. Ali haviam sido postos para fins decorativos sem nenhuma significação; e, olhando-os, o seu esplendoroso amarelo como que enchia aquela sala barulhenta. A cor tem esse extraordinário efeito; não era tanto o olho que absorvia a cor, como a cor que parecia invadir-nos todo o ser. Nós*éramos* aquela cor: não nos tínhamos tornado cor: dela fazíamos parte, sem identificação nem nome: o anonimato da inocência. Quando não há anonimato, há violência em todas as suas formas.

Esquecemo-nos do mundo, da sala enfumaçada, da crueldade do homem, da carne sangrenta, repelente; aqueles formosos narcisos como que nos transportavam para fora do tempo.

O amor é assim. Não há nele tempo, espaço, identidade. É a identidade que gera prazer e dor; é a identidade que causa o ódio e a guerra e ergue uma muralha em torno das pessoas - em torno de cada um, cada família, cada comunidade. Por cima da muralha um estende a mão a outro - mas um e outro estão fechados; a palavra "moralidade" é uma ponte entre ambos; por isso, é feia e fútil.

Não é assim o amor. Ele é como aquele bosque do outro lado da estrada: sempre a renovar-se porque está sempre a morrer. Não existe nele a permanência que o pensamento busca, porém um movimento que o pensamento jamais compreenderá, tocará ou sentirá. A consciência do pensamento e a consciência do amor são duas coisas diferentes: uma leva à escravidão, e a outra à floração da bondade. Essa floração não ocorre no âmbito de nenhuma sociedade, cultura ou religião; mas a escravidão pertence a todas as sociedades, todas as crenças religiosas, e à crença na desigualdade. O amor é

anônimo e, por conseguinte, não é violento. O prazer é violento, porque o desejo e a vontade são os seus motores. O amor não pode ser gerado pelo pensamento ou por boas obras. A negação do processo total do pensamento se converte na beleza da ação, que é amor. Sem ele, não se pode encontrar a bem-aventurança da verdade.

E lá, sobre aquela mesa, os narcisos.

14. O PRIMEIRO E ÚNICO PASSO

MEDITAÇÃO é o despertar da bem-aventurança: inclui os sentidos e também os transcende. É sem continuidade, porque atemporal. A felicidade e as alegrias da vida de relação, o espetáculo de uma nuvem que passa a projetar sua sombra na terra, da luz da primavera nas folhas, deleita a vista e o espírito. Esse deleite pode ser cultivado pelo pensamento e, no espaço da memória, ser-lhe dada uma duração, mas não constitui a bem aventurança da meditação, na qual se inclui a intensidade dos sentidos. Os sentidos devem ser penetrantes, não pervertidos pelo pensamento, pela disciplina do ajustamento, e pela moralidade social. Liberdade dos sentidos não significa imoderação; a imoderação vem do pensamento e seu desejo de prazer. O pensamento é como a fumaça de uma chama, e a bem-aventurança é a chama sem a nuvem de fumo que faz os olhos chorarem. Prazer é uma coisa, e outra coisa é a felicidade. Prazer é escravidão ao pensamento, e a felicidade está além e acima do pensamento. A base da meditação é a compreensão do pensamento e do prazer, com sua moralidade e confortante disciplina. A bem-aventurança da meditação não pertence ao tempo e à duração; está fora de seus limites e, portanto, não é mensurável. Seu êxtase não está nos olhos do observador e não é uma experiência do pensador.

Esse êxtase não pode ser turvado pelo pensamento, com as palavras, os símbolos, a confusão por ele criada; não está na palavra, que pode enraizar-se no pensamento e por ele ser moldada. A bem-aventurança nasce do silêncio completo.

Linda manhã, com nuvens passageiras e um céu azul muito claro. Chovera e o ar estava lavado. Cada folha era nova e o triste inverno se fora; cada folha que cintilava ao Sol sabia que não estava em nenhuma relação com a passada primavera. Os raios solares se coavam por entre as folhas novas, lançando uma luz verde e suave no caminho molhado que, atravessando a mata, levava à estrada principal que seguia para a grande cidade.

Crianças brincavam, sem olhar o belo dia primaveril. Não tinham necessidade de olhar, porque elas eram a primavera. Seus risos e brincadeiras faziam parte da árvore, da folha, da flor. Isso sentíamos, não imaginávamos. Era como se as folhas e as flores participassem nos risos, nos gritos, no balão que ia passando. Cada folhinha de capim, e o amarelo dente-de-leão, e a tenra folha, tão vulnerável, faziam parte das crianças, e as crianças faziam parte de toda a terra. A linha divisória entre o homem e a natureza desaparecia; mas o homem que de carro passava pela estrada e a mulher que voltava do mercado não percebiam isso. Provavelmente nunca olhavam o céu, a folha tremulante, o cândido lilás. Levavam no coração os seus problemas, e seu coração nunca olhava as crianças e o vivificante dia primaveril. O lamentável é que eles estavam criando aquelas crianças e, daí a pouco, iam elas tornar-se "o homem que passa pela estrada no seu carro, e a mulher de volta do mercado"; e o mundo ia ser escuro como dantes. Isso é que era infinita mente triste. O amor naquela folha pousado ia ser levado pelos ventos do outono vindouro.

Era um homem moço, com mulher e filhos. Parecia muito ilustrado, intelectual, hábil no manejo das palavras. Um tanto magro, estava folgadamente sentado na poltrona, de pernas cruzadas, mãos entrelaçadas, os óculos faiscando dos raios de Sol que entravam pela janela. Disse que vivera sempre a buscar - não apenas verdades filosóficas, mas a verdade transcendente à palavra e ao sistema.

Suponho que buscais porque estais descontente, não?

"Não, senhor. Não estou propriamente descontente. Como todo ente humano, sinto-me insatisfeito, mas não é esta a razão de minha busca. Não é a busca do microscópio ou do telescópio, ou a busca de seu Deus pelo sacerdote. Não sei dizer o que é que estou buscando; não posso distingui-lo. Parece uma coisa inata e, embora feliz no casamento, a busca prossegue. Não é uma fuga. Nem sei mesmo o que desejo achar. Conversei sobre o assunto com argutos filósofos e missionários religiosos do Oriente, e todos me disseram que continuasse buscando, incessantemente. Após tantos anos, isso continua a ser uma constante perturbação."

É necessário buscar? A busca é sempre de alguma coisa que se acha além, na outra margem, na distância que se alcança com o tempo e a largas passadas. O buscar e o achar estão no futuro - acolá, logo atrás do morro. É esta, em essência, a significação do buscar. Há o presente e a coisa que se quer achar no futuro. Como o presente é sem ação e sem vida, o que está "atrás do morro" é, decerto, mais fascinante e exige nossos esforços. O cientista, com os olhos colados ao microscópio, não pode ver a aranha na parede, embora a teia de sua vida não esteja no microscópio, mas na vida do presente.

"Estais dizendo, senhor, que é inútil buscar; que não há esperança no futuro; que todo o tempo está no presente?"

Toda a vida está no presente, e não na sombra de ontem ou na esplendente esperança do amanhã. Para viver no presente é preciso estar-se livre do passado - e do amanhã. Nada se pode achar no amanhã, porque o amanhã é o presente, e o ontem apenas uma lembrança. Assim, a distância entre o que se quer achar e o que*é* - é cada vez mais alargada pela busca, por mais grata e confortante que nos seja.

Estar sempre a buscar a finalidade da vida é uma das estranhas maneiras de o homem fugir. Se acha o que busca, vê que não vale o calhau que topa no caminho. Para viver no presente, a mente não deve estar dividida pela lembrança de ontem ou a brilhante esperança do amanhã: não deve ter amanhã, nem ontem. Isso não é um dito poético, mas um fato verdadeiro. A poesia e a imaginação não têm nenhum lugar no presente ativo. Não se negue a beleza, mas o amor é a beleza do presente, que não pode ser achada pelo buscar.

"Parece que começo a perceber a futilidade dos anos que desperdicei buscando, a futilidade das perguntas que fiz a mim mesmo e a outros, e a futilidade das respostas."

O fim é o começo, o começo é o primeiro passo, e o primeiro passo é o único passo.

15. NO APRENDER ESTÁ O AGIR

ERA UM homem de franqueza um tanto rude, entusiasta e impulsivo. Muito lido, falava várias línguas. Estivera no Oriente e sabia alguma coisa da filosofia indiana, lera os chamados livros sagrados e seguira tal ou tal guru. E naquela hora ali estava, na sala pequena que dominava um vale verdejante e sorridente na luz matinal. Os picos nevados cintilavam e nuvens enormes surgiam de trás das montanhas. O dia ia ser muito agradável e, naquela altitude, o ar era muito claro e a luz penetrante. Começava o verão e no ar ainda perdurava a friagem da primavera. Vale muito tranqüilo, especialmente naquela quadra do ano, cheio de silêncio, do som dos chocalhos das vacas (1), do cheiro dos pinheiros e do feno recém-chegado. Um bando de crianças brincava e gritava. Naquela primeira hora da manhã, o ar deleitava e a beleza da primavera se imprimia em nossos sentidos. Os olhos viam o céu azul e a verde paisagem, e imperava a alegria.

"Boa conduta é virtude - pelo menos vós o dissestes. Tenho-vos ouvido desde há muitos anos e em diferentes partes do mundo, e compreendi o vosso ensino. Não estou tentando pô-lo em prática na vida, porque isso seria torná-lo um novo padrão, uma nova forma de imitação, aceitação de uma nova fórmula. Percebo quanto isso é perigoso. Assimilei muito do que tendes dito, que já se tornou quase uma parte de mim mesmo. Isso poderá constituir um obstáculo à liberdade de ação, que tanto encareceis. Nossa vida nunca é livre e espontânea. Tenho de viver minha vida de cada dia, mas estou sempre vigilante, para ver se não estou meramente a seguir algum padrão novo por mim criado para meu uso pessoal. Desse modo, aparentemente, vivo uma vida dupla; há as atividades diárias, família, trabalho, etc., e, a outro lado, o ensino que vindes ministrando e que tão profundamente me interessa. Se me ponho a seguir o ensino, sou então comparável a qualquer católico que se sujeita a um dogma. Pergunto, portanto: De que base devemos agir na vida diária, vivendo o vosso ensino sem nos estarmos simplesmente ajustando a ele?"

É necessário pôr de parte tanto o ensino, como o instrutor, como o seguidor que procura viver uma vida de espécie diferente. Só deve haver*aprender* : no aprender está o agir. O aprender não está separado da ação. Se se separarem, nesse caso o aprender se torna uma idéia ou conjunto de ideais, de acordo com as quais se realiza a ação; mas aprender é agir completamente livre de conflito. Compreendido isso, qual é então a questão? O aprender não é nenhuma abstração, nenhuma idéia, mas, sim, um ato real de aprender a respeito de alguma coisa. Não se pode aprender sem agir: não podeis aprender sobre vós sem estardes em ação. Não se trata de primeiro aprenderdes acerca de vós mesmo e em seguida agirdes com base em tal conhecimento, porque então a ação se torna imitativa, ajustada aos conhecimentos que acumulastes.

"Mas, senhor, a todo momento estou sendo desafiado por isto ou por aquilo, e reajo como sempre reagi; isso quase sempre gera conflito. Gostaria de perceber a aplicabilidade do que dizeis a respeito do aprender nessas situações da vida de cada dia."

Os desafios são sempre necessariamente novos, pois, do contrário, não seriam desafios, mas a reação, sendo velha, é inadequada e, conseqüentemente, há conflito. Perguntais o que há para aprender a esse respeito. Há o que aprender acerca das reações, como nascem, qual sua base e condicionamento; assim, há o que aprender acerca da inteira estrutura e natureza da reação. Esse aprender não é uma acumulação que vos servirá de base para reagirdes ao desafio. O aprender é um movimento, não pode estar ancorado no conhecimento. Se está ancorado, não é movimento. A máquina, o computador, estão "ancorados". Essa a diferença básica entre o homem e a máquina. Aprender é estar vigilante, ver. Se vedes com base em conhecimentos acumulados, então vosso ver é limitado e nele não há nada novo.

"Dizeis que há que aprender sobre a inteira estrutura da reação. Isso parece implicar a existência de um certo volume, uma certa acumulação do que se aprende. Por outro lado, dizeis que o aprender de que falais é tão fluido que nada, absolutamente, pode acumular-se."

Nossa educação consiste na acumulação de um certo volume de conhecimentos; ora, o computador pode fazer isso muito mais rapidamente e com muito mais precisão. Que

necessidade há dessa espécie de educação? As máquinas irão encarregar-se da maioria das atividades do homem. Quando dizeis, como tanta gente diz, que aprender é a acumulação de um certo volume de conhecimentos, não achais que, nesse caso, estais negando o movimento da vida, a qual é relação e comportamento? Se as relações e o comportamento se basearam em experiência e conhecimento prévios, haverá então o verdadeiro estado de relação? A memória, com todas as suas associações, pode constituir a base das nossas relações? A memória se constitui de imagens e palavras, e se se basearem as relações em símbolos, imagens e palavras, isso poderá em algum tempo criar o verdadeiro estado de relação?

Como dissemos, a vida é um movimento em relação, e se essa relação ficar acorrentada ao passado, à memória, seu movimento será limitado, tornar-se-á torturante.

"Percebo perfeitamente o que estais dizendo, e torno a perguntar: De que base devemos agir? Não vos contradizeis ao dizerdes que aprendemos no observar a inteira estrutura de nossas reações, afirmando ao mesmo tempo que o aprender exclui a acumulação?"

O ver a estrutura é um ato vivo, um movimento; mas quando esse*ver* acrescenta alguma coisa à estrutura, esta se toma muito mais importante do que o ver, o ato vivo. Nisso não há contradição. O que dizemos é que ver é muito mais importante do que a natureza da estrutura. Mas, quando se dá importância ao adquirir conhecimentos a respeito da estrutura e não ao aprender, entendido como*ver* , há então contradição; ver é uma coisa, e adquirir conhecimento da estrutura, outra coisa é.

Perguntais, senhor, de que fonte agimos. Se há uma fonte da ação, tal fonte decerto é a memória, o conhecimento, vale dizer, o passado. Dissemos que o ver*é* o agir; não são duas coisas separadas. E como o ver é sempre novo, a ação é sempre nova. Por conseguinte, o*ver* da reação habitual faz manifestar-se o novo, isso que em geral se chama espontaneidade. No justo momento da cólera não há reconhecimento da cólera. O reconhecimento se verifica alguns segundos após, e digo: "Estou encolerizado". Esse*ver* da cólera é um percebimento, sem escolha, dessa cólera ou é ainda uma escolha baseada no velho? Se é um percebimento baseado no velho, então todas as reações à cólera - repressão, controle, ou o dar-lhe livre expansão - representam a atividade tradicional. Mas, quando o ver é "sem escolha", só o novo existe.

Tudo isso suscita outro problema interessante: nossa dependência dos desafios para sermos mantidos despertos, arrancar-nos da rotina, da tradição, da ordem estabelecida, pelo derramar sangue, a revolta, ou outra manifestação de violência.

"Tem a mente a possibilidade de não depender de nenhum desafio?"

Tem, sim, quando em constante mutação, sem pouso ou ancoradouro, sem interesses para defender, sem compromissos. A mente desperta, a mente cheia de luz - que necessidade tem ela de quaisquer desafios que sejam?

(1**)**...cheio de silêncio, do som dos chocalhos...« Silêncio não é ausência de barulho». - J. Krishnamurti (N. do T.)

16. O ETERNO NOVO

MEDITAÇÃO é a ação do silêncio. Nós agimos com base em opinião, conclusão, conhecimento, ou com fins especulativos. Daí resulta inevitavelmente, na ação, a contradição entre o que é e o que "deveria ser" ou "foi". Tal ação, baseada no passado, no conhecimento, é mecânica; pode ser susceptível de ajustamento ou modificação, mas suas raízes estão no passado. E, assim, sobre o presente paira sempre a sombra do passado. Nas relações, essa ação provém da imagem, do símbolo, da conclusão; as relações são, conseqüentemente, um produto do passado, são memória, e não uma coisa viva. Do meio desse barulho, dessa desordem e confusão, procedem atividades que se fragmentam em padrões de cultura, comunidades, instituições sociais e dogmas religiosos. A revolução que institui uma nova ordem social pode-se dar a aparência de uma coisa verdadeiramente nova, mas, uma vez que vai do conhecido para o conhecido, tal revolução não representa uma verdadeira mudança. Só se torna possível a mudança com a negação do conhecido; a ação não obedece então a nenhum padrão, já que se origina de uma inteligência que constantemente se renova.

Inteligência não é discernimento e julgamento ou avaliação crítica. Inteligência é ver o que*é* . O que*é* está constantemente a mudar e, se o ver está ancorado no passado, cessa a inteligência do "ver". É então o peso morto da memória que dita a ação, e não a inteligência da percepção. Meditação é ver tudo isso num relance. E, para ver, é necessário silêncio. Desse silêncio procede uma ação completamente diferente das atividades do pensamento.

Chovera o dia todo e cada folha e cada pétala gotejava água. O rio engrossara e lá se fora a água clara; corria agora barrento e rápido. Só os pardais e os corvos estavam em atividade - também as pegas preto-e-brancas. As montanhas estavam escondidas nas nuvens, e os morros baixos quase invisíveis. Não havia chovido durante alguns dias e o cheiro da chuva fresca caindo na terra seca era deleitável. Se estivéssemos num país tropical, onde transcorrem meses sem chuvas e todos os dias um Sol brilhante e ardente

requeima a terra, então, com a vinda das primeiras chuvas, estaríamos sentindo o cheiro da chuva pura a cair na terra velha e nua, como um deleite a penetrar-nos as últimas profundezas do coração. Mas aqui, na Europa, o cheiro era diferente, mais suave, menos ativo e penetrante. Semelhava uma leve e passageira aragem.

No dia seguinte, já muito cedo o céu estava azul e luminoso; tinham desaparecido todas as nuvens e a neve rutilava nos picos das montanhas; nos prados havia capim novo e milhares de flores primaveris. Manhã cheia de inexprimível beleza; em cada ervinha estava presente o Amor.

Era um famoso cinegrafista e - fato surpreendente - homem sem vaidade, afável, de sorriso fácil. Produzira muitos filmes de sucesso, que estavam sendo imitados por outros produtores. Como a maioria dos cinegrafistas de fina sensibilidade, tinha interesse no inconsciente, em conflitos e sonhos fantásticos, dignos de serem representados em filmes. Estudara os deuses dos psicanalistas e ele próprio, a título de experiência, tomara drogas.

A mente humana está fortemente condicionada pela cultura em que vive - suas tradições, suas condições econômicas, e principalmente sua propaganda religiosa. Essa mente, que com tanta energia se recusa a tornar-se escrava de um ditador ou da tirania do Estado, sujeita-se à tirania da Igreja ou da Mesquita, ou de dogmas psiquiátricos, os mais novos e mais em moda. Com muito engenho - vendo por este mundo tantos males irremediáveis - inventa um novo Espírito Santo ou um novo Atman, que logo se torna a imagem destinada a ser adotada.

A mente, que tantas devastações já causou pelo mundo, tem, no fundo, medo de si própria. Percebendo claramente o caráter materialista da ciência, suas conquistas e seu crescente domínio do espírito, trata de criar uma nova filosofia; as filosofias de ontem cedem o terreno a novas teorias, mas os problemas básicos do homem continuam sem solução.

Em meio à enorme confusão causada pela guerra, a discórdia, o extremo egoísmo, avulta o momentoso problema da morte. As religiões, tanto as mais velhas como as mais novas, condicionaram o homem a certos dogmas, esperanças e crenças que lhe oferecem uma "solução pronta" desse problema; mas a morte não é um problema solucionável pelo pensamento, pelo intelecto; ela é um fato - um fato incontornável.

E necessário morrer, para se descobrir o que é a morte, e disso o homem parece incapaz, porque teme morrer para tudo o que conhece, para suas mais íntimas e arraigadas esperanças e visões.

Não existe realmente amanhã, mas há muitos amanhãs entre o presente da vida e o futuro da morte. Nesse intervalo vive o homem, medroso e ansioso, mas sempre com os olhos postos naquilo que é inevitável. Não deseja, sequer, falar a seu respeito e adorna o túmulo com as coisas que conhece.

Largar tudo o que se sabe - não apenas determinadas formas de conhecimento, mas todo o saber - é morrer. Chamar o futuro - a morte - para estendê-lo sobre o dia de hoje, é o morrer total; já não há, então, intervalo entre a vida e a morte. Então a morte é o viver, e o viver é morte.

Ninguém se mostra disposto a tanto. Todavia, o homem está sempre a buscar o novo - segurando numa das mãos o velho e com a outra a tatear no desconhecido, em busca do novo. Por isso se torna inevitável o conflito da dualidade - "eu" e "não-eu", observador e coisa observada, o fato e o que "deveria ser".

Cessa de todo essa confusão no momento em que termina o conhecido. Esse terminar é morte. A morte não é uma idéia, um símbolo, porém uma realidade terrível, e não podemos evitá-la agarrando-nos às coisas de hoje, que são coisas de ontem, nem adorando o símbolo da esperança.

Temos de morrer para a morte; só então nasce a inocência, só então surge o eterno novo. O amor é sempre novo, e a lembrança do amor é a morte do amor.

17. AMOR E BELEZA

ERA UM vasto e luxuriante prado, rodeado de verdes montes. Naquela manhã ele esplendia, rutilante de orvalho, e as aves cantavam para o céu e a terra. Naquele prado tão florido, apenas uma árvore havia, majestosa e só. Alta e formosa, tinha ela naquela manhã um significado especial. Sua sombra era longa e densa, e entre a árvore e a sombra existia um profundo silêncio. Estavam em comunhão - a realidade e a irrealidade, o símbolo e o fato. Era, com efeito, uma árvore esplêndida, com suas folhas de fim de primavera tremulando na brisa, ainda não carcomida pelos bichos; nela havia grande majestade. Não se cobria de vestes majestáticas, mas em si mesma era magnífica, imponente. Ao anoitecer, recolhia-se em si, silenciosa e impassível, até debaixo de um vendaval; e ao nascer o Sol, ela despertava, para estender sobre o prado, sobre os montes, sobre toda a terra, a sua bênção exuberante.

Gritavam naquela manhã os gaios azuis e andavam em grande atividade os esquilos. A beleza da árvore, na sua solitude, empolgava-nos o coração. Não era a beleza da coisa vista, porém a beleza em si. Embora os nossos olhos já tivessem visto tantas coisas lindas, não era com olhos acostumados que víamos aquela árvore, sozinha, imensa, mirífica. Devia ser muito velha, mas nela não pensávamos como coisa velha. Quando nos sentávamos à sua sombra, encostado ao tronco, sentíamos a força da terra, a pujança daquela árvore, sua nobre soledade. Se lhe pudéssemos falar, ela teria muito que nos contar. Mas havia sempre aquele sentimento de distância entre ela e nós, embora a estivéssemos tocando, sentindo-lhe a casca áspera, pela qual subia uma multidão de formigas. Naquela manhã sua sombra se delineava, densa e precisa, parecendo estender-se, para além dos montes, a outros montes. Era em verdade um lugar que convidava à meditação - quando se sabe meditar. Um lugar mui tranqüilo e, se a nossa mente é penetrante, clara, também ali se aquieta, livre das influências ambientes, tornando-se parte daquela brilhante manhã, com o orvalho ainda aljofarando o capim e os juncos. Ali habitaria sempre aquela beleza, naquele prado, com aquela árvore.

Era um homem de meia-idade, bem tratado e elegantemente trajado. Disse ter viajado muito, mas não a negócios. O pai lhe deixara uma pequena fortuna e ele tinha visto uma boa porção do mundo, não apenas o que se encontra espalhado em sua superfície, mas também as raridades conservadas nos mais ricos museus. Disse que gostava de música e a tocava de vez em quando. Parecia também muito lido. No correr da palestra, acrescentou: "Há tanta violência e tanta raiva e ódio entre os homens. Parecemos ter perdido o amor, não ter nenhuma beleza no coração; talvez nunca os tenhamos tido. O amor se tornou um artigo barato e a beleza artificial mais importante do que a beleza dos montes, das árvores e das flores. A beleza da criança depressa fenece. Tenho estado a refletir sobre o amor e a beleza. Conversemos um pouco a esse respeito, se dispondes de tempo."

Estávamos sentados num banco, à beira de um curso d'água. Atrás de nós estendiam-se uma via-férrea e morros salpicados de chalés e granjas.

O amor e a beleza não se podem separar. Sem amor não há beleza; ambos se entrelaçam, são inseparáveis. Temos exercido a mente, o intelecto, o talento, em escala tão vasta e destrutiva, que eles se tornaram predominantes, profanando aquilo que se pode chamar amor. A palavra naturalmente não é a realidade, assim como a sombra da árvore não é a árvore. Não teremos possibilidade de descobrir o que é aquele amor, se não nos apearmos de nossa sagacidade, das alturas de nossa requintada intelectualidade, se não "sentirmos" a água resplandecente e o capim novo. Pode-se encontrar esse amor nos museus, na beleza aparatosa dos ritos religiosos, no cinema, ou no rosto de uma mulher? Não achais importante que descubramos por nós mesmos o quanto nos tornamos indiferentes às coisas mais comuns da vida? Não estamos dizendo que nos ponhamos neuroticamente a adorar a natureza, mas, se perdermos o contato com a natureza, isso não é o mesmo que perder o contato com o homem, com nós mesmos? Buscamos a beleza e o amor fora de nós, em pessoas, em posses, e estas coisas se nos tornam mais importantes que o próprio amor. Posses supõem prazer e, apegando-nos ao prazer, banimos o amor. A beleza se encontra em nós mesmos, e não necessariamente nas coisas que nos cercam. Quando essas coisas se tornam mais importantes e as revestimos de beleza, declina a beleza em nós existente. Assim, à medida que o mundo se torna mais violento e materialista, os museus e nossas posses se tornam cada vez mais necessários para cobrirmos nossa própria nudez e preenchermos o nosso vazio.

"Porque dizeis que, quando procuramos a beleza nas pessoas e coisas que nos cercam, declinam a beleza e o amor em nós existentes?"

Toda dependência cria em nós o desejo de posse, e depois nos tornamos a coisa que possuímos. Se possuo esta casa, eu sou esta casa. Aquele cavaleiro que ali vai*é* seu próprio orgulho de proprietário, embora a beleza e a dignidade do cavalo sejam mais significativas do que o homem. Assim, a dependência da beleza de uma linha, da formosura de um rosto, reduz necessariamente a importância do observador. Isso não significa que devamos desprezar a beleza de uma linha ou a formosura de um rosto; significa, sim, que quando as coisas exteriores assumem desmedida importância, interiormente ficamos empobrecidos.

"Estais dizendo que, se "reajo" ante um rosto formoso, fico interiormente pobre. Entretanto, se não "reajo" ante aquele rosto ou a elegância de um edifício, acho-me num estado de isolamento e insensibilidade."

E justamente no estado de isolamento que existe a dependência e, por conseguinte, o medo. Se não há reação de espécie alguma, nesse caso existe paralisia, indiferença, ou um estado de desespero, resultante da inanidade da satisfação (1) contínua. Vemo-nos, pois, eternamente aprisionados nessa armadilha do desespero e da esperança, do medo e do prazer, do amor e do ódio. Quando há pobreza interior, há o impulso a preenchê-la. Tal é o abismo sem fundo dos opostos que nos enchem a vida e criam a batalha nela existente. Todos esses opostos são idênticos, já que são ramos procedentes da mesma raiz. O amor não é produto da dependência, o amor não tem oposto.

"Não existe a fealdade no mundo? E fealdade não é o oposto de beleza?"

Decerto, existe fealdade no mundo, na forma de ódio, violência, etc. Porque a comparais com a beleza, a não-violencia? Comparamo-la porque temos uma escala de valores, no alto da qual colocamos o que chamamos beleza, e no seu pé a fealdade. Não podeis

olhar a violência não comparativamente? E, se o fizerdes, que sucederá? Vereis que só tendes de ocupar-vos com fatos, e não com opiniões, com o que "deveria ser", com medições. Se nos ocupamos com o que*é* e atuamos imediatamente, o que "deveria ser" se torna uma ideologia, portanto um produto da fantasia e, por conseguinte, inútil. A beleza não é comparável, o amor tampouco, e quando dizemos: "Amo esta pessoa mais do que aquela" - desaparece o amor.

"Voltando ao que estava dizendo, se somos sensíveis "reagimos" prontamente e sem complicações ante o belo rosto, o belo vaso. Essa reação não pensada desliza imperceptivelmente para a dependência, o prazer e todas as complicações que estivestes descrevendo. A dependência, por conseguinte, me parece inevitável."

Existe alguma coisa inevitável, a não ser, talvez, a morte?

"Se a dependência não é inevitável, isso significa então que posso regular minha conduta, que, conseqüentemente, se torna mecânica."

O*ver* do processo inevitável é um estado*não* mecânico. A mente que se recusa a ver o que*é* , essa é que se torna mecânica.

"Se vejo o inevitável, contínuo sem saber onde e como traçar a linha (o limite)."

Não tendes de traçar essa linha, pois o ver traz sua ação própria. Dizendo: "Onde traçar a linha?" - isso representa interferência do pensamento, que teme cair na rede e deseja ser livre. Ver não é esse processo de pensamento; o ver é sempre novo, puro, ativo. E o pensar é sempre velho, nunca puro. O ver e o pensar pertencem a duas ordens

inteiramente diferentes, e jamais poderão encontrar-se. Assim, o amor e a beleza não têm opostos e não podem nascer da pobreza interior. Portanto, o amor existe no começo e não no fim.

(1**)**Satisfação de desejo, apetite, etc. (a palavra «satisfação» não tem aqui o sentido de alegria, etc.) - (N. do T.)

18. POSSO LIBERTAR-ME DESTE MEDO?

OSOM dos sinos vinha vindo através da floresta, do rio, e do extenso prado. Era diferente, conforme atravessava a mata, o prado ou o rio rápido e turbulento. O som, como a luz, possui uma qualidade derivada do silêncio; quanto mais profundo o silêncio, melhor se percebe a beleza do som. Naquela tarde, com o Sol justamente por cima dos montes de oeste, era verdadeiramente extraordinário o som daqueles sinos; como se os estivéssemos ouvindo pela primeira vez. Não eram sinos tão velhos como os das antigas catedrais, mas transportavam todo o enlevo daquele entardecer. Não havia uma nuvem no céu. Era o mais longo dia do ano, quando o Sol se põe mais para o norte do que em qualquer outro dia.

Raramente escutamos o som do latido de um cão, do choro de uma criança, ou da risada de um passante. Separamo-nos de todas as coisas, para, desse isolamento, olhá-las e escutá-las. Essa separação é que é verdadeiramente nociva, porquanto nela reside todo conflito e confusão. Ouvindo em completo silêncio o som daqueles sinos, com ele nos íamos - ou, melhor, o som nos transportava para além dos vales e dos montes. Só se pode ter o sentimento daquela beleza, quando a pessoa e o som não estão separados, quando a pessoa faz parte do som. A meditação é o fim da separação, não por ação da vontade ou do desejo, ou pela busca de prazer em coisas ainda não provadas.

A meditação não é uma coisa separada da vida; é a própria essência da vida, a própria essência do diário viver. Escutar aqueles sinos, ouvir os risos do camponês ao caminhar com a esposa, escutar o som da campainha da bicicleta que passa a nosso lado, guiada por uma menina: é o todo da vida, e não um simples fragmento dela, que a meditação nos abre.

"Que é, para vós, Deus? No mundo moderno, para os estudantes, operários e políticos, Deus é morto. Para os sacerdotes, é uma palavra conveniente que lhes possibilita

conservar os seus empregos, seus direitos adquiridos, tanto físicos como espirituais; e, quanto ao homem comum, não me parece que ela lhe dê muito o que pensar, a não ser ocasionalmente, em situações de calamidade, ou quando deseja parecer respeitável aos olhos de seus respeitáveis concidadãos. Afora isso, tem muito pouca significação. Assim, fiz esta viagem um tanto longa a fim de saber de vossa própria boca o que credes ou, se não gostais dessa palavra, a fim de saber se Deus existe em vossa vida. Estive na Índia, onde visitei vários instrutores em seus retiros, com seus discípulos, e todos crêem ou mais ou menos afirmam que*existe* Deus e apontam o caminho que a Ele conduz. Se me permitis, desejava conversar convosco sobre esta importante questão que há tantos milhares de anos perturba o espírito humano."

Crença é uma coisa, e realidade outra coisa é. Uma leva à escravidão, e a outra só se torna possível no estado de liberdade. Não há relação entre ambas. Não se pode abandonar ou pôr à margem a crença a fim de obter aquela liberdade. A liberdade não é uma recompensa, não é um chamariz. Importa compreender isso, logo de início - a contradição entre a crença e a realidade.

A crença jamais conduzirá à realidade. Crença é resultado de condicionamento, ou efeito do medo, ou produto de uma certa autoridade externa ou interna, proporcionadora de conforto. A realidade não é nada disso. É coisa totalmente diferente; não há passagem desta para aquela. O teólogo parte de um ponto fixo. Crê em Deus, num Salvador, em Krishna, Cristo, e produz teorias, conforme seu condicionamento e a sutileza de sua mente. Qual o comunista, ele é um teórico amarrado a um conceito, uma fórmula, e o que produz resulta de suas próprias cogitações.

Os incautos caem nessa rede, assim como a incauta mosca cai na teia de aranha. A crença nasce do medo ou da tradição. Dois mil ou dez mil anos de propaganda constituíram a estrutura religiosa de palavras, rituais, dogmas e crenças. A palavra se torna, então, sobremodo importante, e a repetição dessa palavra hipnotiza os crédulos. Os crédulos estão sempre dispostos a crer, a aceitar, a obedecer, não importa se é bom ou mau, maléfico ou benéfico o que se lhes oferece. A mente crédula é incapaz de investigar e, assim, permanece entre os limites da fórmula ou do princípio. É tal qual o animal que, atado a uma estaca, só pode mover-se até à extremidade da corda.

"Mas, se nos tiram a crença, nada mais temos! Eu creio na bondade; creio na santidade do matrimônio; creio na vida futura e no evolucionar para a perfeição. Estas crenças são-me de imensa importância, porquanto me mantêm na correta linha de conduta, de moralidade; tire-se-me a crença, e eu fico perdido."

Ser bom e tornar-se bom são duas coisas diferentes. O florescer da bondade não é tornar-se bom. Tornar-se bom é a negação da bondade. Tomar-se melhor é a negação do que*é* ; o "melhor" corrompe o que é. O ser bom é de agora, do presente; o tornar-se bom é do futuro, que é uma invenção da mente que se sujeitou à crença, a uma fórmula de comparação e de tempo. Quando há medição, desaparece o bom.

O importante não é o que credes, quais as fórmulas, princípios, dogmas e opiniões que tendes, mas, sim, o porque as tendes, porque vossa mente transporta toda essa carga. Essas coisas são essenciais? Se, a sério, fizerdes a vós mesmo essa pergunta, vereis que todas elas provêm do medo ou do hábito da aceitação. É esse medo básico que vos impede de ficar "envolvido" naquilo que realmente*é* . Esse temor é que vos leva a ligar-vos a alguma coisa. "Estar envolvido" é natural; vós estais envolvido na vida, em suas atividades; estais*dentro* da vida, de seu movimento. Mas ligar-se a alguma coisa é ação deliberada da mente que funciona e pensa de modo fragmentário; só se pode estar ligado a um fragmento. Não podeis deliberadamente ligar-vos ao que considerais o todo, porque esse considerar faz parte de um processo de pensamento, e o pensamento é sempre separativo, funciona sempre fragmentariamente.

"Sim, não se pode "estar ligado" sem dizer o nome daquilo a que se está ligado, e dar nome é limitar."

Isso que acabais de afirmar é apenas uma série de palavras, ou uma realidade que agora percebestes? Se é meramente uma série de palavras, nesse caso é uma crença e, portanto, sem nenhum valor. Se é uma verdade positiva que agora descobristes, estais então livre e no estado de negação. A negação do falso não é uma asserção. Toda propaganda é falsa; e o homem se alimenta de propaganda, a qual varia da marca de sabonete a Deus.

"Estais-me empurrando a um canto com a vossa percepção. Isso também não é uma forma de propaganda: propaganda daquilo que*vós* vedes?"

Decerto que não. Vós mesmo vos estais empurrando para um canto onde vos vedes obrigado a enfrentar as coisas como são, livre de persuasão e de influência. Estais começando a perceber por vós mesmo o que realmente existe à vossa frente, por conseguinte, estais livre de qualquer outro, de qualquer autoridade - da palavra, da pessoa, da idéia. Para ver, não há necessidade de crença. Pelo contrário, para*ver* , é necessária a ausência de crença. Só podeis ver num estado negativo, e não no estado positivo de uma crença. Ver é um estado negativo, no qual só "o que é" é evidente. Crença é uma fórmula de inação que gera hipocrisia, e é contra essa hipocrisia que a geração nova em peso está lutando em revolta. Mas, posteriormente, na vida, essa nova geração se verá envolvida nessa hipocrisia. A crença é um perigo que deve ser completamente evitado, para que se possa ver a verdade contida no que*é* . O político, o sacerdote, os cidadãos respeitáveis, sempre funcionarão em conformidade com uma fórmula, sempre forçarão os outros a viver de acordo com essa fórmula, e os que não pensam, os ingênuos, serão sempre deslumbrados por suas palavras, suas promessas, suas esperanças. A autoridade da fórmula se torna muito mais importante do que o amor ao que*é* . A autoridade, conseqüentemente, é perniciosa, seja a autoridade da crença, da tradição, seja a do costume, chamada "moralidade".

"Posso libertar-me deste medo?"

Estais decerto fazendo uma pergunta errônea, não? Vós sois o medo; vós e o medo não sois duas entidades separadas. O medo é que se separou, criando a fórmula: "Eu o vencerei, o eliminarei, me livrarei dele". Isso representa a tradição, que dá uma falsa esperança de dominar o medo. Ao verdes que vós sois o medo, que vós e o medo não sois duas entidades separadas, o medo desaparece. Então, as fórmulas e as crenças são absolutamente desnecessárias. Ficais, assim, vivendo só com o que é, vendo a verdade nele contida.

"Mas, não respondestes à pergunta relativa a Deus, respondestes?"

Ide a qualquer santuário - Deus está lá? Está na estátua, na palavra, no ritual, na sensação de assistir a uma cerimônia pomposa? As religiões dividiram Deus em vosso Deus e o meu, os Deuses do Oriente e os Deuses do Ocidente, e cada Deus matou o outro Deus. Onde encontrar Deus? Debaixo de uma folha, no firmamento, no vosso coração, ou trata-se de uma mera palavra, um símbolo de uma coisa que não pode ser expressa em palavras? E claro que cumpre pôr de parte o símbolo, o santuário, a teia de palavras que o homem teceu ao redor de si mesmo. Só depois disso, e não antes, estareis habilitado a investigar se existe, ou não, uma realidade imensurável.

"Mas se rejeitarmos tudo isso, ver-nos-emos desorientados, vazios, sós - e, em tal estado, como é possível investigar?"

Vós vos achais nesse estado porque estais sentindo pena de vós mesmo, e a autocompaixão é uma abominação. Assim vos encontrais porque não vistes, realmente, que o falso*é* o falso. O vê-lo vos dará uma tremenda energia e liberdade para ver a verdade como a verdade, e não como uma ilusão ou fantasia da mente. Essa liberdade é que se torna necessária para se poder ver se existe, ou não, uma coisa que se não pode expressar em palavras. Mas esse*ver* não é uma experiência, uma conquista pessoal. Todas as experiências nesse sentido produzem uma existência separada, contraditória. Essa existência separada, como pensador, observador, é que exige novas e cada vez mais amplas experiências, e o que ela exige, terá - mas nunca será a verdade.

A verdade não é vossa nem minha. O que é vosso pode ser organizado, consagrado, explorado. E o que está acontecendo no mundo. Mas a verdade não pode ser organizada. Como a beleza e o amor, a verdade não se acha na esfera das coisas possuídas.

19. QUE SIGNIFICA SINCERIDADE?

SE PERCORRERDES a pequena cidade de uma única rua e numerosas lojas - a padaria, a loja de máquinas fotográficas, a livraria, o restaurante ao ar livre - passando por baixo da ponte, pelo costureiro, transpondo outra ponte, passando pela serraria, internando-vos na floresta, seguindo o rio e, nesse percurso, tiverdes olhado todas as coisas com vossos olhos e todos os sentidos plenamente despertos, mas sem um único pensamento na mente - sabereis então o que significa viver sem separação. Segui o rio por uma ou duas milhas, sem um único movimento de pensamento, olhando para as águas rápidas, ouvindo-lhes o barulho, vendo a cor verde-pardo da torrente da montanha, e olhando as árvores, e o céu azul por entre os ramos, e as folhas verdes, também sem um só pensamento, uma só palavra - e sabereis o que significa não haver espaço entre vós e a folhinha de capim.

Se prosseguirdes, atravessando os prados com seus milhares de flores de todas as cores imagináveis, do vermelho vivo ao amarelo e à púrpura, e o capim verde e brilhante, lavado pela chuva da noite precedente - mais uma vez sem um só movimento do mecanismo do pensamento - sabereis então o que é o amor. Se olhardes para o céu azul, para as nuvens altas e volumosas, para os verdes montes distintamente delineados contra o céu, para o capim viçoso e a flor murcha - se os olhardes sem uma só palavra de ontem, então, com a mente completamente quieta, silenciosa, não perturbada por nenhum pensamento, e o observador totalmente ausente - haverá unidade. Isso não significa que ficareis unido à flor, à nuvem, ou àquela longa fileira de montes; haverá, antes, um sentimento de completo não-ser, estado em que deixa de existir a divisão entre vós e outrem. A mulher que leva os mantimentos que comprou no mercado, o grande cão alsaciano preto, os dois meninos que jogam bola - se a todos esses puderdes olhar sem uma palavra, sem uma medida, sem associação alguma, cessará o atrito entre vós e outrem. Esse estado isento da palavra, isento de pensamento, é o espaço da mente sem limites, sem fronteiras entre as quais possam existir o "eu" e o "não-eu". Não penseis que isto seja imaginação, vôo da fantasia, ou uma certa e desejada experiência mística; não é tal. É coisa tão real como a abelha pousada naquela flor ou a menina que

passa montada em sua bicicleta ou aquele homem que vai subindo a escada para pintar a casa; todo o conflito da mente, em seu estado de separação, terminou. Não olhais com o olhar do observador, não olhais com o significado da palavra e a medida de ontem. O olhar do amor difere do olhar do pensamento. Um segue uma direção que o pensamento não pode seguir, e o outro leva à separação, ao conflito, à tristeza. Dessa tristeza não podeis passar ao "outro". A distância entre ambos é criada pelo pensamento, e o pensamento, por mais que progrida, não pode alcançar o "outro".

Ao voltardes a casa, passando pelas pequenas granjas, pelo prado e a via férrea, vereis que o ontem deixou de existir: a vida começa quando o pensamento cessa.

"Por que razão não posso ser sincera (*honest*)? - perguntou ela. Sou insincera por natureza. Não o desejo ser, mas é uma coisa que escapa de mim mesma. Digo coisas que realmente não penso. Não me refiro à conversação polida, em torno de nada; quando a gente fala apenas por falar. Mas, até nos momentos de seriedade, observo que digo coisas, faço coisas absurdamente insinceras. Já reparei que o mesmo se dá com meu marido. Ele diz uma coisa e faz outra completamente diferente. Quando faz uma promessa, a gente sabe muito bem que, no mesmo instante em que a está fazendo, não tem nenhuma intenção de cumpri-la; e se para isso lhe chamamos a atenção, ele se irrita, fica às vezes muito encolerizado. Ambos sabemos que a tantos respeitos somos insinceros. Há dias, ele fez uma promessa a uma pessoa por quem tem certo apreço, e o homem saiu acreditando em meu marido. Mas meu marido não cumpriu a palavra e ainda encontrou escusas para provar que ele tinha razão e o outro não a tinha. Sabeis do jogo que fazemos com nós mesmos e com outros, o qual faz parte de nossa estrutura social e nossa vida de relação. As vezes a coisa chega a um ponto em que se torna muito feia e profundamente perturbadora; e esse é o estado a que cheguei. Vejo-me grandemente perturbada, não só acerca de meu marido, mas também sobre mim mesma e todas as pessoas que dizem uma coisa, fazem outra e pensam outra. O político faz promessas, e bem sabemos o que elas valem. Promete céus e terra, mas não ignoramos que criará um inferno na terra - e depois lançará a culpa a fatores que escapam ao seu controle. Porque é que somos tão radicalmente insinceros?

Que significa sinceridade? Pode haver sinceridade - isto é, discernimento claro, percebimento das coisas como são - se existe um princípio, um ideal, uma fórmula consagrada? Pode-se ser franco: se há confusão? Pode haver beleza, se existe um padrão da beleza, da retidão? Quando existe essa separação entre o que*é* e o que "deveria ser", pode haver sinceridade - ou só pode haver uma "exemplar" e respeitável insinceridade? Somos criados entre as duas coisas: o que é realmente e o que "pode ser". No intervalo

entre ambos - o intervalo de tempo e de espaço - se situa a nossa educação, nossa moralidade, nossa luta. Aflitamente, detemos o olhar numa coisa e na outra - um olhar de medo e um olhar de esperança. E pode haver honestidade, sinceridade, nesse estado, nisso que a sociedade chama educação? Quando dizemos que somos insinceros, isso significa, essencialmente, que há comparação entre o que dissemos e o que*é* . Dissemos uma coisa que não pensamos talvez com o fim de nos darmos uma passageira segurança, ou porque nos sintamos nervosos e acanhados e tenhamos vergonha de dizer uma coisa que realmente*é* . Assim, a apreensão nervosa e o medo nos fazem insinceros. Quando buscamos o sucesso, somos obrigados a ser um tanto insinceros, a iludir os outros, ser astutos, mentirosos, a fim de alcançarmos nosso objetivo. Ou, porventura, adquirimos autoridade ou conquistamos uma posição que precisamos defender. Assim, toda resistência, toda defesa constitui uma forma de insinceridade. Ser sincero significa não ter ilusões a respeito de si próprio e não ter uma única semente da ilusão - ou seja desejo e prazer.

"Quereis dizer que o desejo gera a ilusão? Eu desejo uma casa bonita - nisso não há nenhuma ilusão. Desejo que meu marido alcance uma posição melhor - também aí não vejo ilusão nenhuma."

No desejo há sempre o melhor, o maior, o mais. No desejo há a medida, a comparação - e a raiz da ilusão é a comparação. O bom não é o melhor, e toda a nossa vida se consome na busca do melhor - seja o melhor banheiro, seja o melhor emprego, seja o Deus melhor. O descontentamento com o que*é* , modifica o que*é* , mas tal modificação constitui apenas uma continuação "melhorada" do que é. Melhora não é mudança, e é esse constante melhorar, tanto de nós mesmos como da moralidade social, que gera a insinceridade.

"Não sei se vos estou compreendendo, e não sei se desejo compreender-vos", disse ela, com um sorriso. "Compreendo verbalmente o que dizeis, mas aonde estais levando? Isso é bastante assustador. Se eu fosse viver, deveras, o que dizeis, meu marido provavelmente perderia o seu emprego, pois no mundo dos negócios existe muita insinceridade. Nossos filhos, também, são educados para competir, lutar pela sobrevivência. E, ao percebei, pelo que estais dizendo, que nós os estamos educando - não abertamente, é claro, porém de maneira sutil e tortuosa - para serem insinceros, assusto-me por eles. Como poderão enfrentar esse mundo tão insincero e brutal se eles próprios não tiverem um certo grau de insinceridade e brutalidade? Oh! Sei que estou dizendo coisas horríveis, mas aí o tendes! Começo a perceber o quanto sou insincera!"

Viver sem nenhum princípio, nenhum ideal, é viver enfrentando o que*é*a cada minuto. O enfrentar de fato o que*é*- que significa estar diretamente em contato com ele, não através da palavra ou de associações e memórias passadas, mas, sim, diretamente em contato - é ser sincero. O saberdes que mentistes e não procurardes escusar-vos disso, porém verdes a realidade desse fato, é sinceridade; e nessa sinceridade há uma grande beleza. A beleza não dói a ninguém. Dizer-se que se é mentiroso é um reconhecimento do fato; é reconhecer um erro como um erro. Mas o procurar razões, escusas e justificações para o fato, é insinceridade. Isso não significa que tenhais de ser cruel com vós mesma, porém, sim, que deveis estar atenta. Estar atento significa ter interesse, olhar.

"Decerto, eu não esperava ouvir tudo isso, ao vir aqui. Sentia-me um tanto envergonhada de minha insinceridade e não sabia o que fazer em relação a ela. Essa incapacidade de fazer alguma coisa me dava um sentimento de culpa, e o lutar contra o sentimento de culpa, ou o resistir-lhe, acarreta outros problemas. Preciso agora refletir atentamente no que dissestes."

Se posso sugerir-vos uma coisa, não reflitais nisto. Vede-o, agora, tal como é. Desse ver provirá alguma coisa nova. Mas, se fordes refletir sobre o assunto, vos vereis de novo na mesma e velha armadilha.

20. NENHUMA PÍLULA DOURADA RESOLVERÁ OS PROBLEMAS HUMANOS

NO ANIMAL, os instintos para seguir e obedecer são naturais e necessários à sua sobrevivência, mas no homem eles se tornam um perigo. No indivíduo, o seguir e obedecer se torna imitação, ajustamento a um padrão social que ele próprio criou. Privada de liberdade, a inteligência não pode funcionar. A compreensão da natureza da obediência e da aceitação, no agir, traz liberdade. Numa vasta e complexa sociedade, tal não é possível; por isso, existe o conflito entre o indivíduo e a sociedade, entre a coletividade e a pessoa.

Fizera calor durante vários dias; o ar sufocava e, naquela altitude, os raios solares nos penetravam cada poro do corpo, causando-nos tonteira. A neve se liquefazia rapidamente e o rio se tornava cada vez mais barrento. A grande catarata se despejava em torrentes. Procedia de uma grande geleira, de mais de um quilômetro de extensão. Aquele rio jamais secaria.

Naquela tarde desabou o temporal. As nuvens se tinham acumulado de encontro às montanhas e ouviam-se estrondos de trovão e fulgiam relâmpagos e começou a chover; podia sentir-se o cheiro da chuva.

Estavam presentes quatro ou cinco pessoas, naquela pequena sala que dominava o rio. Vieram de diferentes partes do mundo e pareciam ter em comum uma pergunta para fazer. Essa pergunta não era tão importante como o estado deles próprios. Seu próprio estado de espírito revelava muito mais do que a pergunta. A pergunta era como uma porta que conduzia ao interior de uma casa de muitos aposentos. Não constituíam eles

uma turma muito sadia e, à sua maneira, eram infelizes. Pessoas educadas - o que quer que isso signifique; falavam várias línguas e tinham a aparência desalinhada.

"Porque não se deve tomar drogas? Vós vos mostrais contrário a elas. Vários de vossos eminentes amigos as tomaram, escreveram livros a respeito delas, estimulando outros a tomá-las, e eles próprios experimentaram com grande intensidade a beleza de uma simples flor. Nós também as tomamos e gostaríamos de saber porque vos opondes a essas experiências químicas. Nosso organismo físico, afinal de contas, é um processo bioquímico, e, adicionando-se-lhe um certo agente químico, podemos ter uma experiência que bem pode ser uma aproximação do real. Vós nunca tomastes drogas, não é verdade? Então, como podeis condená-las sem as terdes experimentado?"

Não, nunca tomamos drogas. A pessoa precisa embriagar-se para conhecer o estado de sobriedade? Precisa fazer-se doente para descobrir o que é a saúde? Como há várias coisas relacionadas com o uso das drogas, examinemos bem esta questão. Que necessidade há de tomar drogas - drogas que prometem uma expansão psicodélica da mente, grandiosas visões, intensidade (1)? Evidentemente, a pessoa as toma porque sua percepção se acha embotada. Sua clareza se embaciou, sua vida se tornou superficial, medíocre, sem significação; ela toma drogas para ultrapassar essa mediocridade.

Os intelectuais fizeram da droga uma nova maneira de vida. Observa-se em todo o mundo a discórdia, compulsões neuróticas, conflitos, as dores da vida. Nota-se a agressividade do homem, sua brutalidade, seu extremo egoísmo, que nenhuma religião, nenhuma lei, nenhuma moralidade social conseguiu amansar.

Há no homem tanta anarquia - e tanta capacidade científica. Esse desequilíbrio provoca devastações no mundo. O vácuo existente entre a adiantada tecnologia e a crueldade do homem, vácuo sobre o qual nenhuma ponte pode ser lançada, está produzindo enorme caos e aflição. Esse é um fato óbvio. Assim, os intelectuais, depois de se entreterem com várias teorias - vedismo, Zen, ideais comunistas, etc. - sem terem encontrado nenhuma solução para a desventurada situação do homem, começam agora a apelar para a "pílula dourada" que suscitará o estado de dinâmica sanidade e harmonia . O descobrimento dessa "áurea droga" - a completa solução de tudo - está sendo esperado do cientista, e ele provavelmente a produzirá. E os escritores e intelectuais a

recomendarão para pôr fim a todas as guerras, tal como ontem recomendavam o comunismo ou o fascismo.

Mas a mente, malgrado sua admirável capacidade de realizar descobrimentos científicos e de inventar os respectivos instrumentos, continua medíocre, estreita e fanática, e decerto continuará nesse estado de mediocridade, não achais? Podeis lograr uma extraordinária e "explosiva" experiência por meio de uma dessas drogas, mas isso fará desaparecer a agressividade, a bestialidade e o sofrimento do homem? Se tais drogas podem resolver os intricados e complexos problemas da vida de relação, então não há mais nada que dizer, porque nesse caso as relações, a ânsia de verdade, de terminação do sofrimento, são uma coisa muito superficial que se pode resolver com uma pitada da nova "droga áurea".

Ora, decerto, esse é um procedimento errôneo, não achais? Diz-se que essas drogas proporcionam uma experiência que nos aproxima da realidade, dando, por conseguinte, esperança e estímulo. Mas a sombra não é o real; o símbolo nunca é o fato. Como se observa em todo o mundo, adora-se o símbolo e não a verdade. Não é, portanto, uma asserção falsa, essa de que o efeito dessas drogas está perto da verdade?

Nenhuma pílula dourada, dinâmica, resolverá, em tempo algum, os problemas humanos. Eles só serão resolvidos quando se efetuar uma revolução radical na mente e no coração do homem. Isso exige trabalho árduo e constante, exige ver e escutar e, por conseguinte, que sejamos altamente sensíveis.

A mais alta forma de sensibilidade é a suprema inteligência, e nenhuma droga que o homem possa inventar nos dará essa inteligência. Sem essa inteligência, não existe amor; e amor são relações. Faltando esse amor, não há equilíbrio dinâmico no homem. Esse amor não pode ser dado pelos sacerdotes ou seus deuses, pelos filósofos ou mediante a "pílula dourada".

(1**)***Intensity*- força, energia, radiação, etc., elevada ao mais alto grau. (Cif. Dicionário Webster) - (N. do T.)